



Programa de Pós-graduação em Linguística

**A ESCRITA ACADÊMICA DE BRASILEIROS EM INGLÊS:
O CASO DAS CONSTRUÇÕES BINOMINAIS DE POSSE**

THIAGO MOREIRA DA SILVA

2024

THIAGO MOREIRA DA SILVA

**A ESCRITA ACADÊMICA DE BRASILEIROS EM INGLÊS:
O CASO DAS CONSTRUÇÕES BINOMINAIS DE POSSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa e Pós-Graduação em linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karen Sampaio Braga Alonso

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2024

CIP - Catalogação na Publicação

S586e Silva, Thiago Moreira da
A escrita acadêmica de brasileiros em Inglês: o caso das construções binominais de posse / Thiago Moreira da Silva. -- Rio de Janeiro, 2024.
122 f.

Orientador: Karen Sampaio Braga Alonso.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2024.

1. Gramática de Construções Diassistêmica. 2. LFCU. 3. Posse. 4. Possessivas binominais. 5. Contato Linguístico. I. Sampaio Braga Alonso, Karen, orient. II. Título.

**A ESCRITA ACADÊMICA DE BRASILEIROS EM INGLÊS:
O CASO DAS CONSTRUÇÕES BINOMINAIS DE POSSE**

Thiago Moreira da Silva

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Karen Sampaio Braga Alonso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Data de Aprovação: 23/02/2024

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Karen Sampaio Braga Alonso – Presidente da Banca Examinadora
Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Roberto de Freitas Júnior
Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes
Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer pelo tempo, esforço e parceria daqueles que acreditaram em mim e abriram, com seu apoio diário, o caminho para que eu chegasse até aqui. Não só ao longo desses anos, mas também durante toda a minha vida, essas pessoas estiveram ao meu lado de forma sensível e atenta. Obrigado à minha avó (*in memoriam*) pelo amor, dedicação e amizade. Que sorte eu tive de ser teu neto e aprender sobre a vida com você! Quando criança, eu acreditava que a senhora sabia sobre todas as coisas. Hoje, adulto, continuo achando que você sabia tudo sobre amar! Obrigada também, mãe, por me dar tanto de você. Admiro seu coração puro e sua força de caráter. Diogo Ribeiro, meu amor, obrigada pela parceria e pelo apoio incondicional os quais eu não conseguiria em nenhum outro lugar. Obrigado por todas as vezes em que você disse: "concentre-se na sua pesquisa, eu cuido disso". Vocês são, em muitos aspectos, o meu lugar seguro! Obrigada à minha orientadora acadêmica, Professora Karen Sampaio, por estar comigo e também pela preciosa orientação e pelas preciosas oportunidades de aprendizado que me proporcionou. Acima de tudo, sou muito grato porque você, Karen, acredita em mim e sempre traz à tona o melhor de mim. O linguista que estou me tornando deve muito a você! Por último, mas não menos importante, agradeço a toda a minha família e amigos. Também gostaria de agradecer especialmente a uma amiga muito querida, Mariana Monteiro, por me entender, me ouvir e traduzir minhas emoções, levando-me a um lugar acolhedor, seguro e aconchegante. Você tem um pedaço do meu coração. Da mesma forma, minha gratidão ao meu amigo, confidente e consultor profissional, Professor Roberto Freitas Jr. Este trabalho tem muito de você. Ser seu amigo é uma honra e guardo nossa amizade no fundo do meu coração. Em resumo, sem todos esses anjos que me apoiam, eu não conseguiria! A jornada com todos vocês é cheia de beleza! A todos vocês, minha mais profunda e sincera gratidão.

*O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem*

“Grande Sertão: Veredas”, Guimarães Rosa

RESUMO

A Gramática de Construção Diasistemática (Höder, 2014; Hilpert, 2019; Höder, Prentice & Tingsell, 2020), enquanto modelo construcionista baseado no uso, está alinhada às seguintes premissas epistemológicas: (i) o uso é constitutivo da representação linguística; (ii) temos uma cognição não modular que media as representações complexas de nossa experiência e as simboliza em nosso espaço cognitivo conceitual hiperdimensional (Goldberg, 2019); e (iii) o resultado dessa dinâmica cognitiva para a linguagem são as construções linguísticas: pareamentos de forma e sentido que abrangem informações linguísticas conceptualizadas a partir da experiência (cf. Goldberg, 2003; Langacker, 2009). A GCD prevê que o aparato cognitivo mencionado acima opera da mesma forma tanto em realidades monolíngues quanto em contextos multilíngues. Como consequência desta previsão, quando determinados sistemas linguísticos estão em contato, eles são representados em uma única rede de unidades simbólicas inter-relacionadas: o *constructicon* multilíngue (cf. Freitas Jr et al, 2021; Höder, 2012). Tendo em mente a interface entre o contexto do português brasileiro como língua materna (Pt-Br/L1) e do Inglês como língua adicional (ILA), nosso objetivo é entender melhor se, em um contexto de ILA, o uso, pelos falantes, das construções binominais possessivas em competição é convergente com a distribuição dessas mesmas construções no comportamento convencional do falante nativo. Para estabelecer esta comparação, analisamos os critérios norteadores desta alternância, provisionados por Stefanowitsch (2020): *animacidade*, *tamanho* e *status informacional*. Operacionalizamos definições metodologicamente aplicáveis para esses critérios e compilamos textos acadêmicos em Inglês, escritos por alunos do curso de Letras - Português/Inglês da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e identificamos todas as ocorrências dessas construções em competição. Em seguida, anotamos essas ocorrências de acordo com as três definições operacionalizadas dos critérios mencionados anteriormente para verificar se o comportamento distribucional em ILA seria convergente com práticas convencionais de falantes nativos. Com os dados anotados em mãos, realizamos uma análise distribucional, com base na relação entre as frequências esperadas e observadas (respectivamente, FE e FO) e, em seguida, realizamos uma análise probabilística, ou seja, uma regressão logística binomial, para medir a probabilidade estatística desses critérios serem reguladores reais dessa alternância. Nossos dados indicam que o comportamento de distribuição do ILA é empiricamente convergente com as tendências dos falantes nativos, em diferentes graus, para todos os critérios. Entretanto, essas tendências convergentes são estatisticamente relevantes apenas no caso de *tamanho*. Em seguida, problematizamos como o número de ocorrências em nosso banco de dados pode afetar essa (não) relevância estatística de todos os três critérios e também interpretamos os resultados probabilísticos correlacionados à frequência bruta e orientados pelo paradigma teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso, do qual o DCG é uma parte constitutiva (cf. Langacker, 2008; Diesel, 2019).

Palavras-chave: gramática de construções, possessivas binominais, distribuição contrucional, contato linguístico

ABSTRACT

Diasystematic Construction Grammar (Höder, 2014; Hilpert, 2019; Höder, Prentice & Tingsell, 2020), as a Usage-based constructionist model, is aligned to the following epistemological premises: i) use is constitutive of linguistic representation, ii) we have a non-modular cognition that mediates the complex representations of our experience, and symbolizes them in our hyperdimensional conceptual cognitive space (Goldberg, 2019) and iii) the outcome of this cognitive dynamics for language are linguistic constructions: form-meaning pairings which encompass linguistic information conceptualized from experience (cf. Goldberg, 2003). GCD predicts that the aforementioned cognitive apparatus operates on a same-fashion basis for both monolingual realities and multilingual contexts. As a consequence of this prediction, when certain linguistic systems are in contact, they are represented in a single network of interrelated symbolic units: the multilingual constructicon (cf. Freitas Jr et al, 2021; Höder, 2012). Having in mind the interface between Brazilian Portuguese as a Native Language (Br-Pt/L1) and English as an additional language (EAL) context, our aim is to better understand whether, in an EAL context, speakers' use of possessive alternating binominal constructions is convergent to the distribution of these very same constructions in native speaker's conventional behavior. In order to establish such a comparison, we look at Stefanowitsch's (2020) alternation-regulating criteria: animacy, size and givenness. We operationalized methodologically-applicable definitions for these criteria and compiled undergraduate written academic texts in English, by students of English at Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and identified all occurrences of these alternating constructions. We then annotated them according to the three aforementioned operationalized criteria definitions to check whether distributional behavior would be paired with native-speaker conventional practices. With the annotated data at hand, we conducted a distributional analysis, based on the relation between expected and observed frequencies (respectively, EF e OF) and then conducted a probabilistic analysis, namely a binomial logistic regression, to measure the statistical probability of these criteria being actual regulators of this alternation. We found that EAL distributional behavior is empirically convergent with native speakers' tendencies, in different degrees, for all criteria. However, these convergent tendencies are statistically relevant just in the case of size. We then problematize how our small database might affect such statistical (non)relevance of all three criteria and we also interpret probabilistic results correlated with raw frequency, based on the constructional Usage-based framework of which DCG is a constitutive part.

Key words: construction grammar, binominal possessives, constructional distribution, linguistic contact

LISTA DE TABELAS

TABELA 2.1 - Relações de posse em {[SN <i>possuído</i>] de [N <i>possuidor</i>]}	70
TABELA 3.1 - Procedimentos estatísticos (cálculo da frequência esperada em cruzamentos) ..	89
TABELA 4.1 - Frequências brutas das construções em correlação com a animacidade	92
TABELA 4.2 - Frequência relativa na correlação ANIMACIDADE X ESCOLHA CONSTRUCIONAL	94
TABELA 4.3 - Frequências esperada/observada das construções para animacidade	96
TABELA 4.4 - Frequência bruta construcional em correlação com status informacional	98
TABELA 4.5 - Frequência relativa (linhas) das construções em correlação com status informacional	99
TABELA 4.6 - Frequências esperadas/observadas das construções na correlação com status informacional	100
TABELA 4.7 - Frequência construcional bruta em correlação com tamanho	102
TABELA 4.8 - Frequência relativa das construções (linha) em relação a tamanho	103
TABELA 4.9 - Frequências esperadas/observadas das construções, correlacionadas a tamanho	104
TABELA 4.10 - Resultados da regressão logística binomial	106
TABELA 4.11 - Síntese dos Resultados	109

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1 - Representação do modelo composicional	28
FIGURA 1.2 - Modelos afiliados à Gramática de Construções	32
FIGURA 1.3 - Representação da construção enquanto pareamento	34
FIGURA 2.1 - Posse como ponto de referência	51
FIGURA 2.2 - Traços de prototipicidade das noções de posse	55
FIGURA 2.3 - Escala de prototipicidade da posse	55
FIGURA 3.1 - Escala de animacidade operacionalizada	84
FIGURA 4.1 - Construções binominais possessivas em competição - constructicon multilíngue (ILA X Pt-Br/L1)	110

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

BiPoEAL	Binomial Possessives of English as an Additional Language
Pt-Br/L1	Português Brasileiro como Língua Nativa
ILA	Inglês como Língua Adicional
EF	Frequência esperada
IL1	Inglês como Língua Nativa
FO	Frequência Observada
FR	Gramática de Construções Diassistêmica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. LFCU: CONCEPÇÕES CENTRAIS.....	14
1.1 - A LFCU e seus modelos constituintes.....	15
1.1.1 A natureza da gramática.....	17
1.1.2 O papel da frequência.....	18
1.2.1 - O constructicon.....	35
1.2.2 - A Gramática de Construções Diassistêmica.....	37
1.2.2.1 O constructicon multilíngue.....	41
1.2.2.2 - Categorização e preempção estatística:.....	45
2. REVISÃO DA LITERATURA:.....	46
2.1 A concepção de posse:.....	47
2.1.1 A visão langackeriana.....	49
2.1.2 A visão de Taylor (1989).....	52
2.2 O pareamento {[SNpossuidor] `s [Npossuído]}.....	56
2.3 O pareamento {[SNpossuído] of [Npossuidor]}.....	60
2.4 Competição construcional em IL1.....	63
2.5 O pareamento {[Npossuído] de [SNpossuidor]}.....	68
2.6 A competição construcional e contato linguístico.....	71
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:.....	73
3.1 - Fase I: Compilação dos textos.....	77
3.2 - Fase II: Compilação do corpus.....	77
3.2.1 - critérios de inclusão.....	78
3.2.2 - Critérios de anotação do corpus.....	83
3.2.2.1 - ANIMACIDADE.....	83
3.2.2.2 - STATUS INFORMACIONAL.....	85
3.2.2.3 - TAMANHO.....	87
3.3 Fase III; procedimentos estatísticos.....	88
4. RESULTADOS.....	90
4.1 - Análise distribucional: animacidade.....	91
4.1.1 - Frequência bruta.....	91
4.1.2 - Frequência relativa.....	94
4.1.3 - Frequências esperadas e observadas.....	95
4.2 Análise distribucional: STATUS INFORMACIONAL.....	97
4.2.1 Frequência bruta.....	98

4.2.2	Frequência relativa.....	99
4.2.3	Frequências esperadas e observadas.....	100
4.3	Análise distribucional: tamanho.....	102
4.3.1	- Frequência bruta.....	102
4.3.2	Frequência relativa.....	103
4.3.3	Frequências esperadas e observadas.....	104
4.4	Análise probabilística: regressão logística binomial.....	106
4.5	Discussão dos resultados.....	109
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS :	116
	REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

As propostas de descrição gramatical vigentes devem contemplar a realidade de contato linguístico, dada a sua abrangência (cf. Savedra *et al*, 2021). Nesse sentido, a Gramática de Construção Baseada no Uso comporta a Gramática de Construção Diassistêmica (DCG) como um de seus modelos afiliados. Capitaneado por Stephen Höder (2012; 2014), o modelo fornece ferramentas teórico-analíticas especificamente aplicáveis às situações de contato linguístico. A GCD advoga a favor de um *constructicon* multilíngue abrangente para dar conta de todas as experiências linguísticas dos falantes e postula unidades simbólicas de mesma natureza cognitiva: idioconstruções (que são específicas de uma dada língua) e diaconstruções, que são compartilhadas entre os sistemas linguísticos em contato.

Alinhado a este modelo teórico, o presente estudo analisa a competição entre as construções possessivas binominais do inglês (a saber, {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}) na seguinte interface: Inglês como língua adicional (ILA), falado por falantes do português brasileiro como língua nativa (Pt-Br/L1). No contexto do Inglês como língua nativa (IL1), Stefanowitsch (2020) afirma que essa competição é regida por três critérios norteadores, aplicados aos elementos possuidores: *animacidade*, *status informacional* e *tamanho*. De acordo com o autor, referentes animados, curtos e dados favorecem o uso de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}), enquanto o cenário alternado prefere a construção pós-nominal. Tendo em mente o fato de que o Pt-Br/L1 tem apenas uma construção binominal possessiva, perguntamos como essas construções em competição em IL1 são distribuídas no cenário ILA x Pt-Br/L1, mencionado anteriormente. De igual modo, nosso objetivo é entender até que ponto essa distribuição traduz relações probabilísticas entre os critérios norteadores supracitados e escolhas construcional. Para atingir nossos objetivos, compilamos um *corpus* especializado de textos acadêmicos em ILA (com textos de falantes de Pt-Br/L1) (cf. Reppen, 2010). Após a compilação de nosso *corpus*, realizamos uma análise distribucional em termos de frequências brutas, frequências relativas e relações entre frequências observada/esperada para visualizar as tendências de distribuição em nosso *corpus*. No entanto, para medir as relações probabilísticas subjacentes ao nosso resultado distribucional, realizamos uma regressão logística binomial. Nossa hipótese prevê que a produção linguística dos falantes de ILA, em termos de distribuição,

corresponderia às tendências gerais de IL1 para TAMANHO e ANIMACIDADE. No entanto, essa mesma produção estaria em divergência com as preferências distribucionais em IL1 em relação ao critério STATUS INFORMACIONAL. Os resultados de nossas análises distribucionais e probabilísticas sugerem que, em diferentes graus de relevância estatística, todos os padrões de distribuição em ILA convergem com as tendências do IL1.

1. LFCU: CONCEPÇÕES CENTRAIS

No cotidiano de nossa vivência em sociedade, o fenômeno da realidade linguística está posto: dada a satisfação de condições *sine qua non*¹, falamos ao menos alguma(s) língua(s) natural(is) e somos atores partícipes de eventos comunicativos ao longo de nossa vivência. Dito de outro modo, a condição de falantes atravessa nosso estado de humanidade e, através dos sistemas organizados das línguas naturais, nos engajamos em episódios de interação.

Os estudos linguísticos conferem caráter de cientificidade aos sistemas linguísticos naturais, bem como aos processos cognitivos que viabilizam a organização psíquica desses sistemas. Dada a complexidade do objeto de estudo, é justamente neste ponto que estudiosos da Linguística entram em desacordos substanciais e alinham-se a abordagens epistemológicas distintas. Dentro deste escopo de possibilidades, o presente trabalho está alinhado ao arcabouço teórico-analítico da Linguística Funcional Centrada no Uso e seus objetivos primários são i) delinear as bases conceituais desta abordagem teórica que, antecipamos, constitui um movimento epistemológico dissidente em relação a propostas mais tradicionais de averiguação linguístico-científica (cf. Pinheiro e Alonso, 2018). De igual modo, faz parte de nossos objetivos gerais ii) delinear as características basilares e integradoras dos modelos construcionistas baseados no uso, enquanto propostas formais de descrição gramatical filiadas a esta abordagem mais macro da LFCU. Na redação deste capítulo, fazemos a seguinte distinção: quando da utilização do termo *abordagem*, nos referimos a este arcabouço teórico mais amplo, que norteia

¹ A depender da teoria em questão, a natureza dessas condições *sine qua non* ganha contornos de especificidade distintos. Por exemplo, a agenda da teoria gerativa defende a plausibilidade de uma Gramática Universal para aquisição das línguas naturais (LUST, 2006). Já para os modelos baseados no uso, o mesmo processo de aquisição linguística tem como realidade imperativa a mediação de um aparato cognitivo de domínio geral e, portanto, não linguístico-específico (BYBEE, 2010). A ideia aqui é, cautelosamente, demonstrar que as teorias linguísticas validam, como imperativas, condições que estão em convergência com seus pressupostos centrais (outorgando a tais condições um *status* de *sine qua non*).

epistemologicamente a interpretação dos fenômenos linguísticos. Já ao utilizar os termos *gramática* e *representação gramatical*, fazemos referência ao conhecimento linguístico representado na mente dos falantes. Por fim, expressões como *modelo gramatical* e *proposta gramatical* fazem referência a toda e qualquer formalização a respeito dessa gramática, isto é, propostas analítico-descritivas deste conhecimento linguístico representado na mente dos falantes. Começamos pela síntese dos princípios basilares da abordagem da LFCU.

1.1 - A LFCU e seus modelos constituintes.

O termo ‘baseado no uso’ foi introduzido por Langacker (1987) quando da apresentação das bases conceituais de seu modelo teórico, a Gramática Cognitiva. Apenas treze anos depois, Barlow & Kemmer (2000) já constatam o *status* abrangente e metonímico que o referido termo, já então, possuía. Explica-se: Barlow & Kemmer (2000:1) salientam que a noção de uma abordagem Baseada no Uso “é, de certo modo, independente de implementações teóricas específicas; é multifacetada e, ao fim e ao cabo, suscetível a diferentes ênfases” (tradução nossa)². A referida abordagem tem como pedra angular a premissa integradora de que “o conhecimento linguístico tem suas bases em um conhecimento da dimensão real do uso e, de igual modo, de generalizações viabilizadas a partir de eventos concretos de uso” (Ibbotson 2013, p.1 - Tradução nossa)³⁴. O uso, portanto, é alçado a um *status* constitutivo da representação gramatical (cf. Bybee, 2010; Diessel, 2004, 2009, 2019; Oliveira & Lopes, 2019 e Tomasello, 2005).

O conceito de uso, dada a sua centralidade para o paradigma da LFCU, necessita de uma definição operacionalizada, a ser construída nos parágrafos subsequentes: Rosário (2015, p.37) afirma que o uso pode ser concebido como “não só o registro da modalidade falada, como tradicionalmente se preferiu nas primeiras pesquisas de base funcionalista, mas também as fontes escritas, tanto em variedade-padrão como não-padrão”. A definição apresentada é rica em termos

² No original: “The notion itself is in some degree independent of specific theoretical implementations; it is multifaceted, and, it turns out, susceptible to different emphases”.

³ No original: “knowledge of a language is based in knowledge of actual usage and generalizations made over usage events”

⁴ Cientes de que traduzir requer, ao mesmo tempo, um esforço de (re)criação e uma contínua tomada de decisão, inserimos os vocábulos “dimensão” e “concretos” a fim de, por estratégia de modificação, preservar - tanto quanto possível - a distinção entre *usage* e *use*, construída no original. Assim, ironicamente, a inserção dos referidos vocábulos parece assegurar uma proximidade maior com o arranjo discursivo e a relação de sentidos presente no texto de partida.

de inferências possíveis. Dentre as possibilidades de ênfase, destacamos a implicatura de uso como evento que se dá em diferentes modalidades e registros.

Ainda, o uso também pode ser concebido como formador da gramática. A este respeito, Diessel e Hilpert (2016, p.2 - tradução nossa)⁵ afirmam que “todos os aspectos do conhecimento gramatical são derivados da experiência do usuário da língua com arranjos frequentes de expressões linguísticas concretas”. Tal argumentação enriquece o entendimento do fenômeno uso, salientando alguns de seus aspectos, a saber: seu potencial constitutivo de gramática (leia-se gramática, aqui, como conhecimento linguístico representado), sua dinâmica de manifestação (através da concretude linguística) e seu entrelace indissociável com a experiência (linguística) do falante no mundo.

Orientados pelas definições acima, esboçamos uma delimitação do fenômeno uso: o entendemos como i) o *locus* interacional, com instâncias distribucionais, estilísticas, formais, conceptuais, contextuais, discursivas, pragmáticas, interacionais e ideológicas através das quais as relações comunicativas são estabelecidas e ii) o fenômeno complexo sobre o qual a cognição opera para atualizar o conjunto de informações que denominamos conhecimento linguístico. Contudo, é mister compreender que alçar o uso a esta posição protagonista, e sustentá-lo em tal lugar, implica em uma série de pressupostos que se distanciam das premissas de uma abordagem formalista. Apresentaremos a seguir alguns destes pressupostos, caros à teoria, em maior riqueza de detalhes, todos dialogando com a assunção central do:

(i) Uso como aspecto constitutivo do conhecimento linguístico-experiencial, cognitivamente representado, a que chamamos de gramática.

Em diálogo com o princípio basilar acima, a abordagem também prevê:

(ii) uma relação indissociável entre uso e frequência ocorrência, uma vez que a frequência impacta a representação e atualização dinâmicas da gramática). Assim, olhar para o fator frequência, em diálogo com pressões de ordem comunicativo-contextual, promove um

⁵ No original: “all aspects of grammatical knowledge are derived from the language users’ experience with frequent strings of concrete linguistic expressions”.

melhor entendimento dos fenômenos linguísticos em análise (cf. Diessel e Hilpert, 2016; Boyland, 2009);

(iii) os processos cognitivos como força motriz para a representação gramatical na mente do falante, ou seja, é esta cognição que media nossa apreensão e conceptualização de nossa experiência (linguística) (cf. Langacker, 2008).

Nas porções textuais subsequentes, expandiremos cada uma das máximas acima.

1.1.1 A natureza da gramática

A respeito da primeira premissa, é importante delinear a natureza desta gramática advinda do uso. Para Langacker (1987), a gramática não é um módulo da cognição, constituído internamente por recursos de concatenação linguístico-específicos, operantes sobre itens lexicais. O autor a define como:

Um aspecto essencial do aparato conceptual através do qual apreendemos o mundo e com ele nos engajamos. Antes de ser um sistema cognitivo distinto e em si mesmo suficiente, a gramática é uma parte integral da cognição e também um aspecto chave para o entendimento da realidade cognitiva (Langacker, 1987, p.4 - tradução nossa).⁶

Assim, nesta perspectiva teórica, a natureza de uma gramática emergente é não modular e, portanto, está integrada aos outros domínios de nossa experiência como um todo. Assim, dentro desta perspectiva, a coesão do conhecimento gramatical não é orientada por fatores mentais exclusivos da engenharia linguística mas sim por forças cognitivas de regência mais abrangente. Ainda, em um exercício de reflexão contínua, Langacker (2008) incrementa a definição de gramática e defende o argumento de que a gramática internalizada não pode ser concebida apenas como uma entidade formal. De acordo com o teórico supracitado, a realidade gramatical “ é dotada de significado, refletindo também nossas experiências básicas de movimento, percepção e ação no mundo” (Langacker, 2008, p.4). A concepção de que unidades de potencial pragmático-semiótico e também licenciamentos formais compõem a gramática tira o

⁶ No original: “It is thus an essential aspect of the conceptual apparatus through which we apprehend and engage the world. And instead of being a distinct and self-contained cognitive system, grammar is not only an integral part of cognition but also a key to understanding it”.

foco de uma sintaxe protagonista e propõe uma interface entre forma e sentido como escopo da gramática.

Outrossim, “a gramática é simbólica por natureza” (Langacker, 2008, p.14). O que significa que suas unidades constitutivas têm existência ancorada na esfera cognitiva, emergindo a partir de nossas vivências cultural, social, discursiva e pragmaticamente situadas. Tal realidade simbólica está intimamente relacionada à esfera da materialidade linguística (contextualmente situada) sendo tal elo relacional mediado por processos cognitivos atuantes como agentes organizacionais de nosso mundo sensorio-cultural (também simbólico).

De igual modo, dentro da LFCU, a representação gramatical é inexoravelmente emergente, uma vez que a sua constituição simbólica é sempre refeita pela pressão contínua do uso (cf. Hopper, 1987). Aqui, especificamente nesse ponto de nossa argumentação, é preciso uma atitude cuidadosa para evitar potenciais equívocos interpretativos: dizer que a gramática tem categorias emergentes e dinâmicas não implica dizer que a gramática não tem regularidade. A natureza dessa regularidade, contudo, é que deve ser repensada. A relativa estabilidade do sistema linguístico é viabilizada por efeitos como frequência e saliência cognitiva e não por um sistema discreto e imutável de regras *a priori* em relação ao uso. Em outras palavras: a relativa estabilidade do sistema advém da ação de nosso aparato cognitivo quando da apreensão de episódios frequentes de uso (cf. Azazil, 2020; Bybee & Hopper, 2001; Diessel, 2019; Diessel & Hilpert, 2022; Holme, 2013).

1.1.2 O papel da frequência

Diferentes autores vêm reconhecendo o caráter de relevância do fator frequência para a LFCU. Neste sentido, quando da delimitação da abordagem baseada no uso, Boyland (2009, p.352 - tradução nossa) afirma que:

Os modelos baseados no uso se concentram no caráter distribucional do uso na formação das representações mentais dos falantes em todos os níveis da estrutura linguística, desde os níveis fonético e fonológico, abarcando a morfologia e sintaxe, até a pragmática.

A autora segue enfatizando a frequência como ingrediente substancial e indispensável à delimitação do modelo⁷:

Os modelos conhecidos como baseados no uso são tipicamente construídos mais para confirmar a influência da distribuição estatística do que para reconhecer a influência de pressões comunicativo-funcionais. Pressões comunicativas são concebidas como relevantes na medida em que afetam as propriedades estatísticas da instanciação linguística [...] (BOYLAND 2009, p.358 - tradução nossa)

Outrossim, quando da delimitação de seu modelo de gramática dentro do escopo da gramática de construções, Goldberg (2006, p. 220) reconhece o papel da frequência para conferir a unidades linguísticas o status de construção: “propostas⁸ construcionistas argumentam que pareamentos são representados mesmo que sejam totalmente previsíveis, contanto que *ocorram com frequência suficiente*” (tradução e grifo nossos).⁹ Embora a noção de frequência suficiente não seja objetiva e a própria autora, ciente de tal estado de fatos, amplia os critérios constitutivos das unidades construcionais (cf. Goldberg, 2019), a relevância da frequência já é, aqui, reconhecida.

Bybee (2001), por sua vez, pontua a relação entre frequência de ocorrência e força de representação na memória. A autora afirma que, tanto para fins de produção quanto de representação, palavras e constituintes de alta frequência “têm uma representação mais forte no sentido de que são mais facilmente acessados”, ao passo que unidades linguísticas de menor frequência, em geral, apresentam uma rota de acesso mais custosa e podem ser mais facilmente esquecidas (Bybee, 2001, p. 6)¹⁰.

⁷ No original: ‘the models that are known as usage-based are typically constructed more to recognize the influence of statistical distribution than to recognize the influence of communicative functional pressures per se. Communicative pressures are seen as relevant to the extent that they affect the statistical properties of the speech that is actually produced[...]

⁸ Embora a autora use, no original, o termo ‘approaches’, optamos pela tradução como ‘propostas’, ao invés da - talvez - opção mais convencionalizada (abordagem) para evitar uma interpretação relacionada à abordagem baseada no uso, constantemente referenciada neste manuscrito.

⁹ No original: ‘constructionist approaches argue that patterns are stored even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency’

¹⁰ No original: “High-frequency words and phrases have stronger representations in the sense that they are more easily accessed”.

Ainda tratando sobre frequência, Diessel (2019), reforça a relação de intimidade entre frequência e estrutura linguística, evidenciando o poder de reforço e automatização de processamento das estruturas linguísticas por meio do fator frequência. Nas palavras do autor:

Um fator de grande impacto no desenvolvimento da Linguagem é a frequência de ocorrência. Na medida em que a frequência reforça a representação de elementos linguísticos na memória, ela facilita a ativação e o processamento de palavras, categorias e construções, que - por sua vez- podem apresentar um efeito de longo prazo para o desenvolvimento da estrutura linguística (Diessel, 2019, p.1 - tradução nossa).

11

Com base nos autores supracitados, podemos avançar na compreensão da importância do fator frequência para a gramática das línguas naturais: ele contribui para o armazenamento e para a complexa atualização das unidades linguísticas no nível da cognição. De igual modo, este fator também pode conferir a instâncias frequentes de *input* linguístico um custo de processamento menor e, ainda, possibilita a emergência de categorias linguísticas, sob a cobertura das quais famílias de itens similares se estabelecem (Goldberg, 2019). Nesse sentido, as noções de categoria e cobertura (*coverage*), bem como de preempção estatística (*statistical preemption*), apresentadas em Goldberg (2019), nos possibilitam a formulação de respostas interessantes para entender os mecanismos através dos quais a cognição realiza o trabalho de abstrair informações de frequência como parte de nosso conhecimento (linguístico). É com base na autora supracitada, construiremos toda a argumentação abaixo.

A noção de frequência como fomento para o conhecimento linguístico está atrelada à noção de exemplares - ou traços de memória “parciais” advindos de nossa experiência com a materialidade linguística (cf. Goldberg, 2019, p.110)¹² e resultantes do potencial humano de abstração a partir de aspectos do uso. Estas simbolizações carregam não só informações de frequência distribucional mas também de aspectos semântico-pragmáticos, inferências

¹¹ No original: “One factor that has a great impact on language development is frequency of occurrence. As frequency strengthens the representation of linguistic elements in memory, it facilitates the activation and processing of words, categories and constructions, which in turn can have long-lasting effects on the development of linguistic structure.

¹² O termo “parcial” é uma tradução a partir do vocábulo “lossy”, utilizado por Goldberg (2020:110).

contextuais e de cunho comunicativo/interacional. Vale ressaltar que os traços de memória são especificados pelo termo *parcial* porque a organização de nossa experiência se dá de modo conceitual e não por mecanismos de apreensão direta. A realidade tal qual a apreendemos é, metaforicamente, um ângulo de visão e não a paisagem em si (cf. Langacker, 2008). Em outras palavras, os traços de memória, apreendidos a partir de nossas vivências por meio do protagonismo de processos como a memória rica (cf. Bybee, 2010), não representa o registro da realidade tal qual ela é. Antes, eles são resultado do escopo sensório-perceptivo que limita nossa apreensão dessa realidade e são, também, consequência da relação indireta entre memória e realidade em si, isto é, nossa memória conceptualiza a experiência e não a captura de modo integral e discreto.

Por sua vez, os exemplares agrupam-se conjuntamente, por similaridade formal e/ou semântico-discursiva compartilhada, em uma esfera cognitiva denominada pela autora supracitada como espaço conceptual hiperdimensional. Dada a dinâmica associativa de nossa memória, cada ocorrência de um dado construto linguístico ocasiona, proporcionalmente, um novo armazenamento de traço de memória, a ser alinhado com as representações similares já pré-existent¹³, o que refina nosso conhecimento a respeito das construções linguísticas, dadas as peculiaridades de cada contexto de uso, representadas conceptualmente por meio da formação de uma nuvem de exemplares. À vista desse contexto de associação, acomodar o exemplar juntamente com outros semelhantes tem como consequência a atualização e o reforço das similaridades e das diferenças entre eles, de modo que generalizações importantes emergem à medida que a nuvem de exemplares ganha densidade cognitiva. Dentro dessas generalizações, temos as informações a respeito de que (categorias de) itens lexicais estão mais propensos a figurar em um determinado *slot* construcional. Assim, cada exemplar - candidato a fazer parte da nuvem - deve se acomodar aos critérios de compatibilidade que relacionam os outros exemplares já atestados previamente. Assim, o conceito de cobertura diz respeito a generalizações com as quais todos os novos exemplares, candidatos à nuvem, devem ser contrastados para fins de atestar o nível de sua compatibilidade com a nuvem e sua consequente acomodação bem sucedida a ela. A cobertura da construção, portanto, faz referência à plausibilidade de existência

¹³ O emprego do termo 'pré-existente', nesse e em todos os outros momentos desta subseção, não deve ser confundido com a noção formalista de elementos sintáticos autônomos em relação ao uso e a ele precedentes. A pré-existência, aqui, faz menção a exemplares que também foram conceptualizados a partir do uso mas em momentos cronologicamente anteriores ao momento da abstração de um novo exemplar.

de uma dada categoria, assegurada pelos exemplares que lhe conferem densidade. Em outras palavras, é nesse sentido que a cobertura se dá por meio da sobreposição mental de exemplares representados e “bem atestados” (Goldberg, 2019, p.83). Assim, a compatibilidade entre um exemplar candidato à determinada categoria e sua cobertura nela bem-estabelecida se dá por meio desses episódios de reorganização cognitiva através dos quais a acomodação desse novo exemplar ocorre de modo satisfatório.

Em razão do caráter radial da categoria, compatibilidade é uma gradação e, quanto mais propriedades um item compartilhar com os membros pré-existentes da categoria, mais próximo ao centro da categoria ele está (e, conseqüentemente, mais distante da periferia categorial) (Langacker, 2008; 2009). Assim, os exemplares candidatos são contrastados a uma categoria emergente de exemplares para que o grau de sua aceitabilidade como membro da mesma possa ser avaliado. Dito de modo mais direto, a categoria pode ser definida como a organização simbólica que mantém os exemplares coesos por similaridade, ela é o escopo simbólico que abarca exemplares de algum modo semelhantes e é norteada pelas generalizações emergentes por meio deste mesmo emaranhado de exemplares.

Assim, para que um dado uso criativo da língua possa ser representado como membro de uma categoria em específico, ele precisa ser compatível com essas generalizações emergentes, ou seja, precisa se acomodar à categoria em questão (isto é, estar coberto por ela) e, conforme veremos a seguir, esse uso criativo precisa estar licenciado a prosperar sem a força cerceadora de um uso já bem estabelecido e convencionalizado pela comunidade de fala. O todo exposto acima descreve bem o caminho de simbolização de conhecimento por meio da frequência de uso; caminho esse que sintetizamos a seguir: i) novos exemplares só podem emergir face a novos eventos de uso (o que, conseqüentemente, impacta a frequência de ocorrência de uma construção). Assim, cada evento de uso ocasiona um aumento paulatino de frequência; ii) a cognição simboliza esse novo evento de uso, via memória rica, como um traço de memória (ou exemplar) que, em razão do trabalho associativo de nossa memória, iii) será relacionado conceptualmente a representações a ele anteriores, via categorização e cobertura de exemplares. Em tempo, as dinâmicas cognitivas de categorização e cobertura de exemplares evidenciam a sensibilidade de nossa estrutura mental ao fator frequência. Por conseguinte, no que diz respeito à emergência da realidade gramatical, aumento de frequência e reforço de representação estão íntima e indissociavelmente relacionados.

Conforme evidenciado acima, a criatividade linguística também ocupa o seu lugar em nossas dinâmicas de expressão linguística. Tal criatividade se assenta sobre a dinâmica recursiva de combinar construções obedecendo a parâmetros de compatibilidade entre as construções a serem recrutadas no jogo de combinação¹⁴. Essa combinação se dá nos mais variados níveis gramaticais como, por exemplo, entre uma construção lexical e um *template* (ou padrão) (morfo)sintático. A esse respeito, a autora supracitada argumenta que “as construções são combinadas livremente para formar expressões linguísticas legítimas contanto que possam ser conceptualizadas sem nenhuma relação de conflito (Goldberg, 2006, p. 22 - tradução nossa¹⁵).

Já no trabalho mais recente, base norteadora presente argumentação, a autora adiciona mais uma condição de restrição para a criatividade linguística: a noção de que, mesmo quando há compatibilidade semântica e formal, uma dada construção lexical pode não figurar em uma dada construção (morfo)sintática por pressões de fatores de outra ordem. De que fatores estamos falando? Aspectos do âmbito da convencionalização social, que podem apresentar entraves à criatividade linguística. Assim, os falantes podem não combinar construções compatíveis em razão da existência de uma opção mais convencional para instanciação dos significados pretendidos em contextos específicos. Isso não significa dizer que a preferência de uma dada construção para um dado contexto (por convencionalização) elimina a competição. Antes, ela se dá entre a construção convencional e o outro *template* candidato e compatível. Em geral, é a construção convencionalmente disponível que vence esta competição.

Assim, é a relação simbólica entre a construção vencedora e o contexto de uso que determina a sua preferência. O fortalecimento dessa relação simbólica é mediado pela frequência de ocorrência da combinação vencedora e é representada cognitivamente por conta de nossa sensibilidade estatística. Nesse caso, a referida sensibilidade, fomentando as relações simbólicas entre construção e contexto sociodiscursivo, é chamada de preempção estatística, ou seja, a competição se dá em contexto e é justamente a construção mais frequentemente associada à cena contextual que vence a competição. Por fim, usos construcionais compatíveis com a mensagem

¹⁴ Cabe ressaltar que o imperativo de compatibilidade construcional não é exclusivo de novas formulações. De fato, essas compatibilidades estão em jogo, também, como condição *sine qua non* da emergência de nós na rede construcional e também do constante uso normativo dessas convencionalizações. Em tempo, o termo ‘normativo’ faz referência às convencionalizações de uso de uma dada comunidade frente a mensagens apropriadas a contextos de uso específicos (cf. GOLDBERG, 2019). Utilizamos o adjetivo ‘normativo’ como empréstimo a partir do termo “empreitada normativa”, utilizado em GOLDBERG, 2019: 110).

¹⁵ No original: “Constructions are combined freely to form actual expressions as long as they can be construed as not being in conflict” (GOLDBERG, 2006, p. 22).

pretendida, quando não representam um uso convencionalizado, ilustram casos de criatividade linguística. Tal criatividade tem sua motivação em, ao menos, fatores de duas naturezas distintas. De um lado, temos pressões discursivo-contextuais que orientam a escolha linguística na direção de uma maior expressividade comunicativa. Tal expressividade se dá por meio de um uso alternativo à opção construcional mais convencionalizada e, conseqüentemente, não marcada, a fim de trazer ainda mais saliência à mensagem em contexto. De outro lado, temos um cenário cognitivo de supergeneralização do *template* associado a esse uso criativo. Nessa situação, o falante se vale de uma opção construcional semanticamente compatível com a mensagem pretendida, alheio à existência de uma construção convencionalizada pela comunidade de fala (casos de falantes não-nativos, por exemplo, cuja sensibilidade estatística é enviesada pelas experiências com a sua língua nativa). Tal escolha via supergeneralização gera, via de regra, o estranhamento de membros da comunidade em questão.

Por outro lado, quando não há outra opção mais atrelada ao contexto em questão, o uso criativo está licenciado a prosperar (e não configura, portanto, uma supergeneralização porque não desafia as tendências de escolhas regidas pela convencionalidade social). Dada a centralidade da competição em contexto, pedimos aos leitores que destaquem mentalmente a preempção estatística nas seguintes bases: o conceito de preempção estatística evoca situações de competição entre construções que disputam a instanciação de mensagens atreladas a contextos de uso específicos. O referido construto teórico pode ser evocado não somente para análise de contexto monolíngues mas também para situações de contato linguístico, impactando fortemente as (super)generalizações que falantes de línguas adicionais fazem a respeito da adequação construção/contexto situacional. De igual modo, o fato de falantes de línguas adicionais supergeneralizarem o escopo de *templates* construcionais, enfocando o critério da compatibilidade semântico-formal em detrimento dos usos contextuais convencionalizados alude a episódios de criatividade linguística que se distanciam do conservadorismo linguístico¹⁶ (quando esse é contextualmente pertinente). Nesse caso, os usos criativos podem se dar mais por falta de *input* suficiente para calibrar às restrições familiares aos nativos e/ou por pressão das representações da L1 que por motivações de maior expressividade comunicativa.

¹⁶ Aqui, baseados em Goldberg (2019), nos referimos a “conservadorismo linguístico” não no sentido de normatividade (ou preciosismo). Antes, fazemos alusão à tendência de uso dos falantes de optar por opções convencionalizadas para os contextos de uso nos quais estão engajados.

Assim sendo, a competição entre construções pode ocorrer em, ao menos, três configurações distintas, depreendidas através da leitura atenta de Goldberg (2019), a saber:

i) quando um *template* é apropriado para a instanciação do significado em contexto (recebendo o *status* de opção convencional) e o outro é uma opção criativa (que, em geral, perde a competição);

ii) Quando os dois, ou mais, *templates* são formas convencionais de expressar uma mensagem específica, coexistindo mas evocando nuances contextuais distintas, isto é: as construções em competição reclamam para si um aspecto contextual, uma nuance específica do contexto (o que permite sua vitalidade como membro do sistema, mesmo frente a outras alternativas construcionais também convencionalizadas).

Em suma, preempção estatística e criatividade linguística estão correlacionadas: a frequência de uso fortalece a preempção e, como consequência, impacta o escopo da criatividade linguística. Em síntese: a criatividade, tendo como pano de fundo a produtividade linguística, é regulada por dois fatores distintos em competição, a saber: i) uma força propulsora, a cobertura, que assegura o novo uso em bases de compatibilidade e ii) a preempção estatística, que impetra coerção ao uso criativo em razão de alternativas prontas e, conseqüentemente, ativáveis em maior grau. A partir desse momento, na seção abaixo, nos ocupamos da reflexão acerca do *constructicon*: a rede simbólica que abarca todas as construções e, de igual modo, as relações pluridirecionais estabelecidas entre elas.

Ainda, o fator frequência distribucional pode contribuir para a elucidação de fenômenos para os quais uma explicação somente em bases de compatibilidade semântica (cf. Goldberg, 1995) não seria suficiente. Assim, a frequência apresenta-se como uma opção para aprimorar a compreensão de tal predileção de ocorrência conjunta: em sua experiência, os falantes estão cientes de possibilidades combinatórias em razão do reforço cognitivo de eventos de co-ocorrência, por meio da frequência. Em outras palavras, a despeito da compatibilidade semântica, alguns lexemas são mais experienciados em combinação com determinadas construções que outros igualmente compatíveis, o que culmina -por sensibilidade a padrões distribucionais e a pressões de convencionalização - em uma associação mais íntima entre as porções linguísticas em jogo.

1.1.3 O aparato cognitivo

Ao longo deste trabalho, mencionamos a relação entre cognição e gramática. A este respeito, Goldberg (2019) argumenta que a frequência de estruturas linguísticas, embora relevante, não é o único fator a ser considerado. Antes, é o trabalho da cognição - por meio de seus processos - que captura as sinalizações de frequência. A respeito da relevância desses processos - e na contramão de uma narrativa behaviorista - Langacker (2008, p. 29) argumenta que “indivíduos desprovidos de uma estrutura mental não podem falar, interagir ou negociar significados” isto é, a cognição é indispensável para as operações mentais complexas nas quais nos engajamos para co-construção da realidade experiencial na qual estamos circunscritos. Estes processos atuam de modo colaborativo, complexo e - por vezes - competindo entre si para a modulação de nosso conhecimento (gramatical)¹⁷ (Diessel, 2019).

Bybee (2010) nomeia cinco destes processos, não exaurindo as possibilidades mas apresentando um conjunto plausível para teorizações a respeito de diferentes dinâmicas gramaticais, como a variação, a mudança linguística diacrônica e a aquisição. De acordo com a autora, o processo de categorização consiste na identificação e no mapeamento de convergências formais e discursivo-funcionais entre estruturas linguísticas com as quais nos deparamos em diferentes episódios de uso. Dito de outra forma, este processo possibilita a abstração de exemplares, que - conforme já explicitado - são uma espécie de mimese cognitiva do uso, extraindo recortes de informação dentro do potencial de cada instância inédita de uso. Assim, de acordo com a autora supracitada, as categorias linguísticas, de qualquer ordem ou nível de constituição gramatical, emergem do amontoado de informações que observamos - e categorizamos como análogas - em nossa constante experiência (cf. também Bybee, 2007; Holmer, 2013).¹⁸

Já a memória rica pode ser definida como a capacidade que nossa cognição tem de ‘registrar’ múltiplos detalhes de nossa experiência multissensorial e multimodal. O registro desses detalhes (que vão desde informações de nossos sentidos a detalhes interacionais, relações de poder, organização social e assim por diante) é que permite - em um movimento orquestrado

¹⁷ Aqui, optamos por utilizar o modificador ‘Linguístico’ entre parênteses para enfatizar que o aparato cognitivo opera para abstração de conhecimentos linguísticos mas não se detém a eles, mediando a organização de conhecimentos de todas as esferas de nosso cotidiano experiencial.

¹⁸ Inclusive as generalizações presentes nas construções gramaticais são representadas a partir do referido mapeamento de semelhanças, possibilitado pela categorização. A natureza das construções gramaticais será abordada no próximo capítulo.

com a categorização - o mapeamento dessas informações em (super)generalizações categóricas¹⁹. Outrossim, a memória rica pode ser intimamente relacionada à representação redundante da gramática, uma vez que uma mesma informação pode estar disponível em diferentes níveis de representação gramatical (cf. Hoffmann, 2022).

Já o próximo processo, *chunking*, responde pelo fortalecimento de relações entre unidades que, no input linguístico, são observadas ocorrendo juntas em alta frequência. É o processo que licencia o processamento de arranjos de estruturas linguísticas integrando-as como uma unidade. Assim, o peso do processamento não recai mais sobre cada estrutura linguística em justaposição mas sim sobre o *chunk* advindo da integração. Entendemos, então, por *chunk* o todo complexo que emerge a partir da co-ocorrência de estruturas, sendo estas “empacotadas como uma unidade na cognição, de modo que tais sequências sejam acessadas como uma única unidade” (Bybee, 2010, p. 7)²⁰.

O processo de analogia, por outro lado, deve ser analiticamente apreciado para que tenhamos um melhor entendimento de como as representações linguísticas são estendidas de maneira a licenciar a participação, em sua estrutura representada, de itens inéditos no uso. Em outras palavras, ao “uso inédito de enunciados criados a partir de representações previamente existentes” chamamos de analogia (Bybee, 2010, p.8)²¹.

Por fim, temos o processo de associação crossmodal, sendo definida pela autora como a capacidade associativa entre informações experienciais de natureza distinta. Assim, por exemplo, informações de cunho sensorial podem ser mapeadas com informações do tecido pragmático-social. Em suma, informações de forma e sentido podem ser mapeadas na estrutura linguística por meio deste recurso cognitivo.

A LFCU é composta por uma família de modelos de gramática distintos, integrados por meio das concepções centrais acima descritas (cf. Gonçalves-Garcia & Butler, 2006). Após a explicitação das máximas basilares da abordagem, apresentamos abaixo a proposta da Gramática de Construções Baseada no Uso.

¹⁹ A depender do estágio de aquisição de uma dada língua, ou mesmo em ambientes de línguas em contato, a generalização pode expandir, de forma não-canônica, as tendências e usos de uma dada comunidade de fala, o que é corrigido pela constante exposição ao input (no caso de falantes de L1 adquirindo a língua em condições *default*) (cf. GOLDBERG, 2020).

²⁰ No original: “packaged together in cognition so that the sequence can be accessed as a single unit.” (BYBEE, 2010:7).

²¹ No original: “novel utterances are created based on previously experienced utterances” (BYBEE, 2010:8).

1.2 A Gramática de Construções Baseada no Uso

A GCBU pode ser pensada como um recorte desses modelos gramaticais uso-centrados, sendo em si mesma uma família de modelos com ênfases distintas (cf. Pinheiro, 2016). Estes modelos construcionais instrumentalizam as análises linguísticas tanto em termos de generalizações sistêmicas quanto em termos de especificidades. Os modelos construtivistas baseados no uso são de natureza dissidente, uma vez que se distanciam das premissas acalentadas no cerne da concepção de língua de teorias de orientação formalista (cf. Pinheiro e Alonso, 2018). Nesse sentido, a argumentação de Croft (2001) fornece elementos para a sustentação do caráter subversivo da Gramática de Construções. O autor questiona o potencial explicativo do chamado modelo composicional quando confrontado por unidades linguísticas que, obstinadamente, não se conformam à previsibilidade das regras composicionais. O problema estaria, então, nas unidades linguísticas “rebeldes” e que povoam o espaço da materialidade linguística ou na natureza de modelos de descrição sintática cujo *rationale* não as contempla? O autor explica seu ponto de vista, que reconstruiremos aqui a partir da figura abaixo:

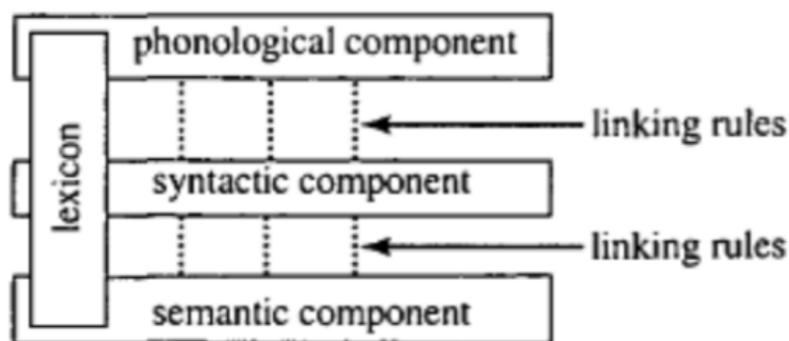


Figura 1.1- Representação do modelo composicional (Croft, 2001, p. 15).

De acordo com o modelo representado na figura acima, cada dimensão da gramática “a estrutura de seus sons, a sua sintaxe e seu significado” é representada “em componentes separados” (Croft, 2001, p. 14), sendo cada componente, de acordo com o explicitado pelo autor, regido por suas próprias regras internas, operantes sobre unidades mínimas de relevância - ou “elementos primitivos” (Croft, 2001, p. 15) - para cada sistema (como os fonemas para o sistema de sons). Cada um dos componentes (fonológico, sintático e semântico) regem a computação de

seu produto final. Todavia, há dinâmicas de associação para estabelecer *links* entre os produtos finais de cada nível gramatical. Há, ainda, outro componente que ultrapassa as fronteiras modulares de cada um dos outros três e se relaciona intimamente com eles: o léxico (composto de palavras, totalmente preenchidas desde sua representação cognitiva).

Expressões linguísticas que podem ser submetidas perfeitamente à dinâmica do modelo recebem o *status* de membros da gramática nuclear. Há, todavia, elementos ‘insubordinados’ que são direcionados ao limbo da periferia da gramática. O argumento de Croft (2001) se volta, então, para as expressões idiomáticas e seu caráter desafiador para a engrenagem do modelo composicional: elas não podem ser encaixadas no léxico, pois são maiores que uma palavra (e podem apresentar variados graus de esquematicidade). Ao mesmo tempo, elas também não podem ser incluídas nos demais módulos pois sua sintaxe e/ou sua semântica não podem ser descritas por meio das regras dos componentes do modelo supracitado. Assim, o autor conclui que uma teoria gramatical mais abrangente precisa dar conta da integração entre as estruturas composicionais e as de caráter mais idiossincrático.

Assim sendo, o conceito de construção gramatical é uma solução bastante coerente para o problema da distinção núcleo/periferia e o empobrecimento da descrição linguística, uma vez que a construção encapsula tanto informações de natureza arbitrária²² - assim como os itens lexicais - como também arranjos sintáticos tanto de abrangência mais geral como os de escopo mais restrito. Portanto, as construções gramaticais têm o *status*, dentro da narrativa construcionista, de unidade central do conhecimento linguístico. Cabe ainda ressaltar que as construções são constituídas de dois pólos (o pólo do sentido e o do significado), pareados cognitivamente por *links* simbólicos. É nesse contexto que definimos construção como “um pareamento de forma e sentido” (Goldberg, 2003, p. 219)²³. É importante notar, ainda, que o incômodo gerado pelos idiomatismos foi o pontapé inicial para repensar a teoria. Todavia, a solução da construção gramatical não é aplicada somente a esses elementos. Antes, todo o

²² Uma nota se faz necessária a respeito do significado que intencionamos construir ao empregar o termo “arbitrária”. Conforme sugere Hoffmann (2022), o significado dos signos linguístico de Saussure não emana do item lexical em si, como “ideias totalmente feitas, pré-existentes às palavras” (SAUSSURE, 1916:79). Antes, o sentido dos signos é arbitrário, uma vez que os falantes precisam convencionalizar esses sentidos, concordando socialmente a respeito da semântica desses signos dentro de uma dada comunidade de fala. Dentro da GCBU, essa mesma noção de arbitrariedade é atualizada para a construção gramatical, com a ressalva de que, i) neste recorte teórico, é uma cognição holística que possibilita essa convencionalização e ii) essa convencionalização se estende também às regras do sistema, uma vez que tanto significados lexicais quanto funcionais emergem da atuação de nossa cognição não modular sobre o uso linguístico (cf. SAUSSURE, 1916; HOFFMANN, 2022).

²³ No original: “form and meaning pairings”

conhecimento gramatical é descrito por meio das construções, uma vez que elas capturam o *continuum* entre léxico e sintaxe, do qual tanto unidades composicionais quanto idiossincráticas são parte integrante (cf. Hilpert, 2014, Goldberg, 2003, Croft, 2001).

Em suma, a Gramática de Construções Baseada no Uso teve sua gênese em inquietações a respeito da abrangência de propostas formalistas. A proposta de um movimento integrador entre núcleo e periferia da gramática exigiria lidar com um fator crucial: as regras computacionais não dariam conta da totalidade do conhecimento linguístico. Já as unidades simbólicas chamadas de construções gramaticais seriam uma melhor alternativa para lidar tanto com expressões composicionais quanto com estruturas idiossincráticas, em razão de sua natureza enquanto construto que captura tanto generalizações a respeito do sistema quanto especificidades de forma e sentido relacionadas a arranjos linguísticos em particular (cf. Hoffmann, 2022)

Nesse sentido, o linguista Martin Hilpert traz a seguinte indagação: “o que você sabe quanto sabe uma língua?” (2014, p.1 - tradução nossa)²⁴. Hilpert recorre à colega pesquisadora Adele Goldberg para a formulação de uma resposta. “A totalidade de nosso conhecimento linguístico”, segundo Goldberg, “é capturada por meio de uma rede de construções: o *construct-i-con*” (Goldberg, 2003, p. 219 - tradução nossa)²⁵. A autora, em outro momento de seu texto, ainda é categórica ao afirmar que o conhecimento linguístico é composto de “construções em todos os seus níveis” (Goldberg, 2003, p. 223 - tradução nossa)²⁶.

As duas premissas acima (a postulação de construções e sua disposição em rede) são, juntamente com a concepção de que as construções são combinadas entre si, marcos integradores das diferentes propostas construcionistas (cf. Pinheiro, Silva e Freitas Jr, 2023). Entretanto, tais propostas discordam em aspectos substanciais, como a postulação (ou não) de construções defectivas (sem forma fonológica ou sem significado) e a natureza da representação linguística na rede de construções (redundante ou não?) (cf. Hoffmann, 2016). Para dar conta destas divergências, o termo Gramática de Construções é enriquecido por seus adornos adicionais.

Hoje, após basicamente 30 anos, o cenário que temos é o seguinte: as provocações seminares mencionadas acima desembocam na formulação de uma nova proposta teórica, a abordagem construcionista da gramática, que se constitui atualmente em um paradigma que

²⁴ No original: “what do you know when you know a language?”

²⁵ No original: “The totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions: a ‘construct-i-con.’”

²⁶ No original: “it’s constructions all the way down”

desfruta de substancial vitalidade dentro da cena científica. Tal vitalidade é evidenciada, por exemplo, por meio da constatação de que, conforme argumenta Pinheiro (2016, p.), a gramática de construções é “uma família de modelos teóricos mais ou menos afins”. Em outras palavras, o termo Gramática de Construções representa uma abstração metalinguística, um termo guarda-chuva que faz referência a uma taxonomia de modelos gramaticais, com premissas centrais, em alguma medida, convergentes. O autor supracitado ainda afirma que o termo *Gramática de Construções*, sem qualquer adjunção, só pode ser interpretado como uma referência a um conjunto de propostas de descrição gramatical que concebem um conhecimento linguístico em rede (Pinheiro, 2016).

As duas premissas acima (a postulação de construções e sua disposição em rede) são, juntamente com a concepção de que as construções são combinadas entre si, marcos integradores das diferentes propostas construcionistas (cf. Pinheiro, Silva e Freitas Jr, 2023). Entretanto, tais propostas discordam em aspectos substanciais, como a postulação (ou não) de construções defectivas (sem forma fonológica ou sem significado) e a natureza da representação linguística na rede de construções (redundante ou não?) (cf. Hoffmann, 2016). Para dar conta destas divergências, o termo Gramática de Construções é enriquecido por especificações adicionais.

O lugar de centralidade da construção linguística na narrativa construcionista não lhe foi conferido por meio de decisão arbitrária. Antes, é resultado, como mencionado acima, de uma tentativa de estabelecer uma visão mais fidedigna da realidade linguística, incluindo igualmente as diferentes representações linguísticas como todas dignas de investigação científica (o que provoca uma demanda para além das regras composicionais para desnudar a arquitetura linguística). A nova demanda epistemológica precisa ser suprida e, conforme mencionado acima, o conceito de construção gramatical se torna um candidato ideal pois, em razão de sua natureza simbólica e bipartite, seria possível integrar tanto aspectos formais quanto aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos não só de arranjos linguísticos favoráveis à evocação das regras mas também de expressões linguísticas que a elas não se conformam.

Pinheiro, Silva e Freitas Jr. (2023) ilustram visualmente o vitral teórico da GC, composto por propostas que partilham algum grau de similaridade:

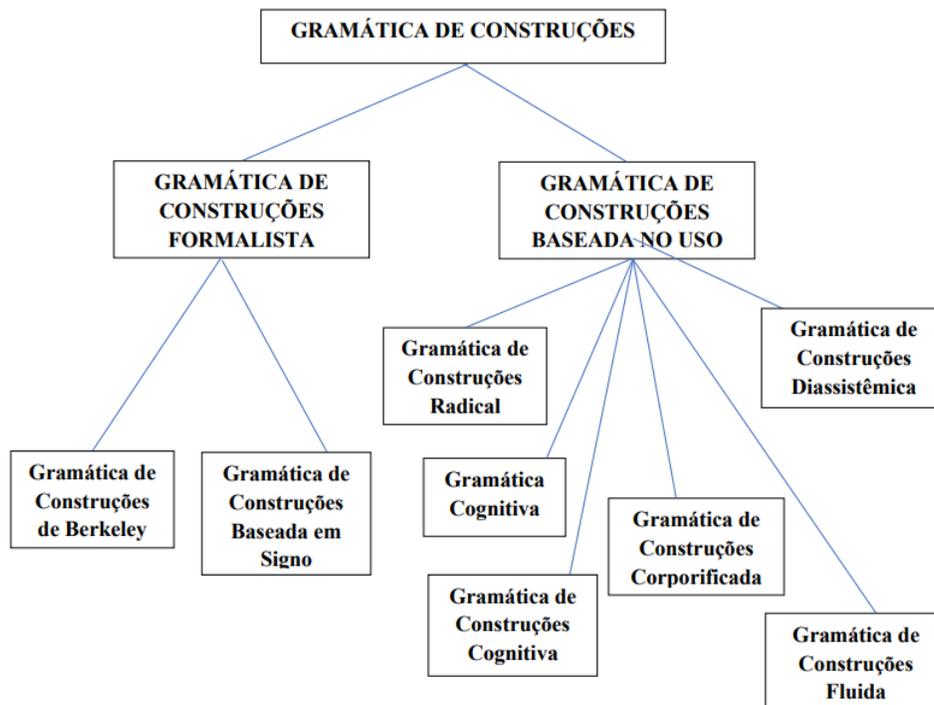


Figura 1.2 - Modelos afiliados à Gramática de Construções (Pinheiro,Silva & Freitas Jr., 2016,p. 8)²⁷.

Conforme representado visualmente acima e explicitado pelo autor, a Gramática de Construções (GC) é uma abstração que alude a um corpo de modelos teóricos. Essa abstração, todavia, é acrescida de maior especificação à medida que avançamos aos níveis mais baixos da taxonomia. No nível intermediário, temos a seguinte disposição: a GC sendo ramificada em dois grandes grupos, a saber: i) a Gramática de Construções unificacionista, encabeçada por nomes como Kay e Fillmore, convergindo com as concepções basilares do Gerativismo e ii) a já mencionada Gramática de Construções Baseada no Uso, composta pela contribuição de nomes como Adele Goldberg, William Croft e Ronald Langacker e em ampla oposição à narrativa gerativista sobre a natureza da gramática.

Dado o percurso da Gramática de Construções, podemos dizer que tanto a versão unificacionista quanto a sua contraparte baseada no uso são releituras das respectivas epistemologias com as quais se alinham. Explica-se: os modelos construcionistas acomodados sob a regência da Gramática de Construções Unificacionista guardam uma proximidade epistemológica com a tradição formalista, atualizando as concepções dessa tradição a um

²⁷ O nome da figura está entre aspas porque reproduzimos exatamente o nome que o autor do texto dá ao quadro por ele apresentado.

contexto formalista visando a inclusão das anomalias linguísticas no escopo analítico de uma teoria de orientação sintático-composicional (cf. Pinheiro & Alonso, 2018). Já a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) alinha-se com as premissas gerais de uma Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e, portanto, é norteada pela concepção de que o conhecimento gramatical emerge a partir de nossa experiência com o uso da língua. Assim, as concepções organizadoras da abordagem baseada no uso são atualizadas no terreno da GCBU.

A respeito desta atualização, Pinheiro, Silva e Freitas Jr. (2023) descrevem dois tipos de pressupostos associados ao corpo de modelos. Sintetizamos as ideias dos autores por meio de duas categorias, a saber: i) os princípios integradores e ii) os princípios especificadores. O primeiro grupo de princípios, já expostos neste capítulo, são os que atraem diferentes modelos a compor a GC (sem quaisquer outras especificações). São eles: *o reconhecimento da construção gramatical como unidade mínima de conhecimento linguístico, a disposição dessas construções em uma rede de relações taxonômicas e a concatenação de construções compatíveis entre si*.

Já os princípios especificadores são os que conferem à GCBU sua identidade própria. Assim, sob a lente específica desses princípios, a GCBU está situada em desacordo com a GCU. Parafrazeando os autores, os princípios especificadores são: i) o impacto do uso na rede construcional, sendo essa rede dinâmica e constantemente atualizada por pressões a ele atreladas e, de igual modo, ii) a organização linguística em nossa cognição como resultado da ação de processos cognitivos gerais sobre o *input*. Sendo esse aparato cognitivo não específico para a linguagem, temos um representações subjacentes em interdependência com o uso, contrariando a suposta autonomia da gramática, hipoteticamente assegurada por processos linguístico-específicos (cf. Pinheiro, Silva e Freitas Jr. 2023).

Ainda, os autores ressaltam que o contínuo impacto do uso sobre a gramática resulta em um sistema linguístico em constante e dinâmica remodelagem; tal estado de fatos é ocasionalmente fortuito aos propósitos desta seção, uma vez que essa remodelagem está em relação de sinonímia com a concepção de uma gramática emergente, apresentada anteriormente enquanto assunção cara à abordagem baseada no uso (cf. Hopper, 1987). Assim, a concepção partilhada de gramática emergente estabelece uma semelhança epistemológica vital entre a GCBU e os demais modelos da LFCU

De igual modo, a natureza dos processos cognitivos - previstos pela LFCU - não é linguístico-específica. Antes, tal cognição é responsável pelo nosso conhecimento como um todo

(podendo ser direcionada para os propósitos de abstração linguística mas não a eles limitada). Por uma cognição de conhecimento geral, entendemos um conjunto de processos, advogados pelos modelos construcionistas baseados no uso, que operam na organização de nosso conhecimento como um todo (inclusive o linguístico). Em não havendo exclusividade de ação desses processos orientada para estrutura linguística (sintaxe), podemos dizer que ela não se dá *a priori*, antes, emerge no uso e inclui tanto representações das formas (comunicativamente situadas) quanto das próprias nuances contextuais em si. Assim o é, uma vez que i) tais nuances são constitutivas do *locus* interacional no qual essa estrutura emerge e, de igual modo, ii) os processos cognitivos disponíveis são de caráter geral e, portanto, não isolam/ ignoram tais nuances contextuais em favor de um conhecimento linguístico sintaticocêntrico e *a priori*. Antes, operam sobre o todo contextual para estabelecer íntimas relações entre forma e nuances discursivo-pragmáticas. Visto que, sob essa ótica, representação de mundo em geral e de conhecimento linguístico são dinâmica e concomitantemente reorganizadas pelos mesmos processos, é coerente assumir que tais representações estão substancialmente entrelaçadas.

Para fins de maior clareza a respeito dessa ideia de pareamento, recorremos à Croft (2001) e a sua representação esquemática das duas dimensões da construção:

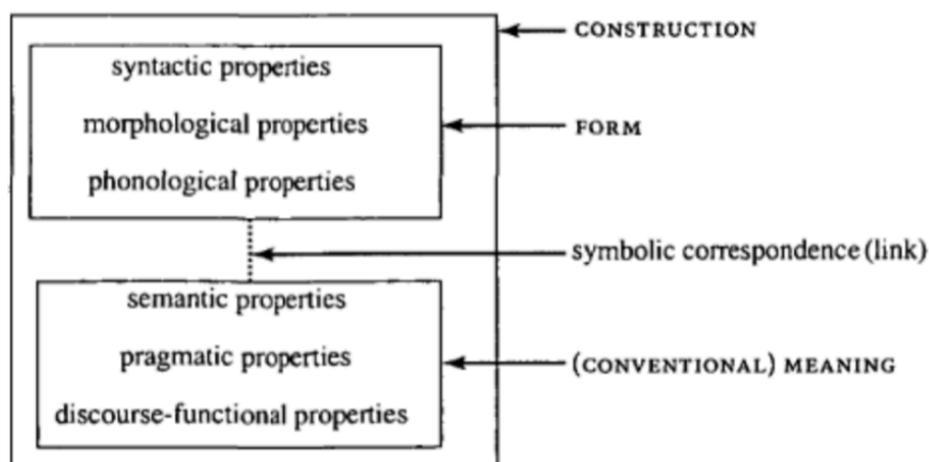


Figura 1.3 - Representação da construção enquanto pareamento (Croft, 2001, p.18)

A figura 1.3 sintetiza visualmente a natureza epistemológica da construção enquanto unidade basilar do conhecimento linguístico. De fora para dentro, o quadrado maior representa a construção como símbolo resultante do pareamento entre os dois pólos construcionais,

representados, por sua vez, pelos dois quadrados internos da figura. A relação cognitiva estabelecida entre esses dois pólos é representada pela linha pontilhada que os relaciona (referência ao *link* simbólico que sustenta o pareamento e que confere coesão das diferentes camadas de conhecimento dentro da unidade construção). Ainda, cada um dos pólos da construção encapsula informações de natureza distinta: o quadrado acima do *link* registra informações de natureza formal, nos mais variados âmbitos da estrutura gramatical. Já o quadrado abaixo do *link* armazena informações pertinentes às variadas dimensões do sentido. Um detalhe importante, que evidencia o poder representativo da unidade construcional, é que todas as dimensões do conhecimento linguístico estão representadas e integradas nas construções dispostas em rede.

Assim, em termos de consequências teóricas, assumir a construção linguística como unidade base da representação linguística é, via de regra, deitar fora a separação modular, e portanto discreta, entre informações lexicais e informações de computação associadas ao sistema da língua e operantes sobre essas mesmas entradas lexicais. Uma vez que as regularidades formais e de sentido são extraídas, constantemente reforçadas a partir de instâncias inéditas de uso e organizadas no interior da construção, faz sentido pensar em um gramática emergente, com suas generalizações formais provenientes da atualização dinâmica das construções em rede e não mais de uma gramática constituída de regularidades formais autônomas e *a priori*, como sugere o modelo composicional (representado na figura 2). Em síntese, podemos, então, definir as construções como pareamentos simbólicos, emergentes a partir da atuação complexa de processos cognitivos gerais sobre o uso e que expandem a distinção discreta entre léxico e gramática, encapsulando em seus dois pólos informações formais, semânticas, pragmáticas, discursivas, culturais, de relação de poder e todas as outras implicaturas advindas dos contextos comunicativos aos quais estão atrelados estes pareamentos, dando conta de encapsular toda e qualquer representação linguística, nos mais variados níveis da interface forma e sentido.

1.2.1 - O *constructicon*

Ao longo deste trabalho, já antecipamos que as construções gramaticais estão dispostas de modo inter-relacionado, de tal forma que o conhecimento linguístico em toda sua pungência encontra-se representado em formato de uma rede de construções (ou *constructicon*). O modelo

de representação em rede não é exclusividade da Linguística Baseada no Uso. Antes, modelos de formalização em rede são adotados por diferentes áreas científicas que reconhecem a natureza maleável e, portanto, não discreta de seus fenômenos de interesse. Exemplos dessas áreas do conhecimento são a Ecologia, a Biologia e a Economia (Buchanan, 2002). Todas essas áreas, incluindo a Linguística, compartilham um aspecto em comum: os objetos de estudo sobre os quais se debruçam podem ser descritos como sistemas em perpétua constituição. Tais sistemas podem ser concebidos como oriundos de sucessivas reorganizações da realidade fenomenológica e, por sua vez, essa reorganização se dá por meio de um contínuo movimento de adaptação a fatores de ordem variada. Assim, cada elemento individual do sistema ganha potencial atualizador do todo, por meio da interação com os demais elementos, dispostos em diferentes níveis. Adaptando essa argumentação às especificidades da Linguística: os elementos constituintes do sistema linguístico (as construções) têm poder atualizador da rede, por meio da interação com as demais unidades simbólicas em diferentes níveis e sob a ação de diferentes pressões cognitivo-experienciais.

Dito de outro modo, as áreas de pesquisa que dão proeminência ao dinamismo de seus objetos de interesse eventualmente adotam modelos em rede. No caso da Linguística, esse caminho de formalização visa melhor escrutinar as interações constantes e complexas que constituem os sistemas linguísticos, uma vez que os *links* entre as diferentes unidades da rede têm diferentes pesos de associação (cf. Diessel, 2019). Assim, a maleabilidade da força desses *links*, por meio do (não) reforço contínuo, assegura a captura da complexidade e do dinamismo dos sistemas em questão. Em termos de complexidade, as línguas naturais são concebidas como sistemas adaptativos complexos, ou seja, as suas representações são submetidas a um contínuo processo de atualização. Línguas não existem *a priori* mas são sensíveis à organicidade e ao dinamismo do uso (Bybee, 2010; Ibbotson, 2013).

Outro aspecto a ser salientado a respeito do *constructicon* é a multidirecionalidade da rede. O nexo dessa rede multidirecional é assegurado por seus *links* simbólicos, associações que capturam convergências simbólicas em diferentes níveis de abstração. Vale lembrar que as noções de esquematicidade e multidirecionalidade - apresentadas anteriormente - estão intimamente relacionadas, uma vez que quanto mais esquemática a construção, mais alta ela está posicionada na *axis* vertical do *constructicon*, se relacionando nessa mesma *axis* com unidades posicionadas mais abaixo e, de igual modo, associando-se, em bases horizontais, com

construções com mesmo nível de complexidade. Por fim, é de vital importância enfatizar, para os propósitos deste trabalho, que o *constructicon* tem sua representação ancorada à esfera psíquica denominada espaço conceptual hiperdimensional (GOLDBERG, 2019) e é ele a unidade que organiza todas as nossas impressões²⁸ a respeito de uma realidade material, sociointeracional e simbólica, constitutiva das línguas naturais (cf. Goldberg, 2003; Hilpert, 2014).

As relações entre as unidades do *constructicon* se estabelecem em diferentes bases. Elas podem ser, por exemplo, de natureza formal e/ou semântico-pragmática e, conforme antecipado acima, duas ou mais construções podem competir pela instanciação de uma dada mensagem quando o contexto a elas atrelado se apresentar (cf. GOLDBERG, 2019). Nesse sentido, para um contexto discursivo análogo, duas ou mais construções podem coexistir em nosso espaço mental. Via de regra, essa coexistência é assegurada uma vez que cada construção reclama para si, dentro do contexto geral de base, um caminho peculiar de conceptualização da nossa realidade imediata. Em outras palavras: cada construção representa um caminho para entender como nossa cognição põe em perspectiva as nossas experiências no mundo. Assim, embora determinadas construções possam competir por um dado significado base (fazendo menção a especificidades de uma dada relação ou entidade) a originalidade de cada uma das construções envolvidas está em seu *status* de alternativa para a concepção de uma experiência. Cada um desses caminhos de conceptualização tem seu lugar assegurado no *construction* dos falantes de uma dada língua (cf. Langacker, 2008).

Ao longo desse capítulo, apresentamos as bases do paradigma construcional, em específico as assunções compartilhadas pelos modelos que, dentro desse paradigma, conferem ao uso *status* de centralidade constitutiva. A partir de agora, destrincharemos uma ideia já antecipada aqui: o estado de fatos aqui apresentado é revestido de complexidade adicional em meio à representação linguística advinda de contato linguístico.

1.2.2 - A Gramática de Construções Diassistêmica

As bases epistemológicas e analítico-descritivas apresentadas ao longo deste trabalho norteiam a reflexão acerca da realidade linguística tal qual ela se acomoda, e se revolve em

²⁸ O termo ‘impressões’ é utilizado aqui como referência ao conhecimento subjacente advindo da experiência. Essas impressões, nesse contexto, podem ser entendidas como as informações que a experiência nos permite conceptualizar.

processo de refeitura, no espaço cognitivo do falante-experenciador. Uma preocupação importante e central, todavia, gira em torno da configuração do *constructicon* para situações em que o falante vivencia o uso de mais de um sistema linguístico, em atos de interlocução perpassados por línguas em contato. Há muito em jogo: para que as análises linguísticas façam jus à complexidade dos sistemas linguísticos, em interface com seus respectivos cenários sociointeracionais, a realidade do contato linguístico deve ser levada em consideração sempre que ela se apresentar, em suas diferentes facetas. A relevância dessa realidade, bem como a necessidade de sua contínua centralização no cenário dos estudos linguísticos, se faz evidente quando percebemos que i) o contato linguístico apresenta-se em múltiplas configurações e traz complexidades substanciais à representação linguística e ii) em última instância, a realidade multilingue não está restrita a exceções pontuais, mas apresenta-se como norma (Savedra *et al*, 2021). Outrossim, para os propósitos deste trabalho, a noção de contato linguístico é entendida como definem Silva, Freitas Jr e Alonso (2024, p. 48 - no prelo): “as diferentes situações de uso em que a interação entre línguas está inserida como fator constitutivo da interação”. Vale ressaltar que a definição apresentada pelos autores é direta e indissociavelmente norteada pelas reflexões propostas em Freitas Jr. *et al* (2021). Exemplos das situações distintas que envolvem contato linguístico são apresentados em Freitas Jr. *et al* (2021). A título de exemplificação, os autores citam a realidade de contato entre línguas nacionais (situação em que mais de um sistema linguístico coexistem em um mesmo cenário por questões territoriais, geográficas e políticas, por exemplo). Outro exemplo da classificação dos autores é o de contato por aprendizagem tardia: os falantes já têm uma L1 bem estabelecida e disponível e aprendem uma LA - o que os coloca, por vezes, diante da tarefa de inibir o forte apelo cognitivo da L1 para se aproximarem de usos mais canônicos na LA. No contexto deste trabalho, lidamos com um contato de aprendizagem tardia muito atravessada por um contexto de aprendizagem formal.

Ainda a respeito do caráter abrangente do contato linguístico, “toda língua é produto de contato entre línguas” (Savedra *et al*, 2021, p.3). Em consonância com o argumento da autora supracitada, Höder (2012) salienta a prevalência, em escala global, de dinâmicas comunicativas multilingues em relação ao cenário monolíngue. Daí advém a necessidade de assegurar que o paradigma da Gramática de Construções Baseada no Uso aponte caminhos de formalização da realidade linguística oriunda deste contato (sob o risco de perda de abrangência analítica, caso tal necessidade seja ignorada) (cf. Höder, 2014).

A demanda está posta: a necessidade de atualização dos pressupostos da GCBU para a realidade de contato linguístico. Tendo em mente tal necessidade, Höder, Prentice & Tingsell (2020, p.3) apontam para o modelo da Gramática de Construções Diassistêmica (GCD) como “*um modelo para a organização construcional do conhecimento multilíngue dos aprendizes*”²⁹ com vistas à aplicabilidade desse modelo para “a aquisição de línguas adicionais” (grifo no original).

Em resumo, a GCD apresenta-se como um modelo gramatical que visa dar conta, em bases construcionais, da realidade multilíngue. O modelo propõe análises a respeito de como as línguas envolvidas no jogo multilíngue se relacionam simbolicamente, em um movimento multidirecional de integração. É importante ressaltar que o contato entre línguas não pode ser descrito em bases uniformes, uma vez que “o tipo e a intensidade do contato podem variar de acordo com a perspectiva histórica, geográfica e política” (Savendra *et al*, 2021, p.4).

Voltando ao modelo da GCD, graças a sua filiação à família de modelos da GCBU, a proposta herda as premissas fundamentais da família em questão, ao mesmo tempo que instrumentaliza a GCBU com perspectivas especificamente relacionadas às situações de contato. O próprio idealizador do modelo reconhece essa herança ao afirmar que as premissas de modelos como a Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 2006) e a Gramática de Construções Radical (Croft, 2001) são adaptáveis à descrição da realidade multilíngue (Höder, 2014).

A complexidade inerente ao contato linguístico suscita questões importantes e impõe a qualquer proposta gramatical a necessidade de posicionamento. Por exemplo, uma questão fundamental se dá em torno da natureza simbólica das línguas em contato. Nesse quesito, temos - ao menos - duas visões antagônicas: as línguas envolvidas no contexto de contato são i) sistemas distintos, de fronteiras bem delimitadas ou ii) a representação linguística se dá em um único arranjo cognitivo, uma representação macro que contempla o conhecimento linguístico de todas as línguas envolvidas? (cf. Hilpert, 2020)

Há modelos proponentes das duas visões, a depender de sua orientação epistemológica norteadora. Propostas gramaticais mais tradicionais, por exemplo, advogam em prol de uma visão de interlíngua (Selinker, 1972, p. 214), que interpreta uma língua adicional como “um

²⁹ No original: “(...) *a model for the constructional organization of learner`s emerging multilingual knowledge*” (HÖDER, PRENTICE & TINGSSELL, 2020:3).

sistema linguístico em separado, baseado na produção linguística observável a partir da tentativa do aprendiz de produção das normas linguísticas da língua-alvo”(tradução nossa)³⁰. De outro lado, temos a proposta da GCD, que advoga a favor de um conhecimento linguístico “que não evolui em separado das línguas adquiridas em estágios anteriores, antes, a construção de conhecimento se dá por meio do conhecimento linguístico prévio, em especial da L1”. Nesse lado do debate, o construto teórico assumido é o *construction multilingue* como realidade psíquica do “*falante multilíngue em emergência*” (Höder, Prentice & Tingsell, 2020, p.3 - tradução nossa e grifo no original)³¹. Em outras palavras, o *construction multilingue* pode ser compreendido como uma rede de construções interconectadas que abrangem todo o conhecimento linguístico do falante impactado por suas experiências e representado em *links*, com diferentes apelos de ativação, que conectam unidades linguísticas no tecido da rede (cf. MATRAS, 2009; HÖDER, 2020).

A divergência apresentada no parágrafo acima ocorre, em parte, pela própria dinâmica do fazer científico. A plausibilidade de um modelo gramatical envolve, quando de sua idealização, clareza de sua filiação epistemológica, para que o terreno de suas concepções mais fundamentais seja bem pavimentado e, conseqüentemente, seus instrumentos analítico-descritivos estejam delineados em consonância com essas concepções. As duas propostas acima seguem caminhos diferentes justamente por conta de suas assunções epistemológicas. Explica-se: em termos de semelhança, os dois autores supracitados adotam o conceito de “identificação interlingual” (Weinreich, 1953 *apud* Höder, Prentice & Tingsell, 2020), que preconiza a identificação, realizada pelo falante aprendiz, de similaridades entre sua língua nativa e a língua a ser aprendida³². Todavia, as propostas acima não a interpretam do mesmo modo. Conforme salienta Selinker (1972), Weinreich - quando do conceito de identificação interlingual - “deixa em aberto as questões pertinentes a *estrutura psicológica* por meio da qual assumimos a existência da identificação interlingual” (Selinker, 1972, p.211- tradução nossa e grifo no original)³³.

³⁰ No original: “(...) the existence of a separate linguistic system based on the observable output which results from a learner’s attempted production of a TL norm” (SELINKER, 1972:214).

³¹ No original: “*emerging multilingual speaker*” (HÖDER, PRENTICE & TINGSSELL, 2020:3)

³² O conceito de aprendizagem aqui nesse parágrafo não necessariamente faz referência a um contexto formal de orientação pedagógica. Antes, empregamos o termo para fazer referência a um processo de contato linguístico quando as representações da L1 já estão bem estabelecidas (e abraçamos os eventuais desdobramentos dessa concepção, dada a vicissitude das relações e contato).

³³No original “(...) he leaves completely open questions regarding the *psychological structure* within which we assume ‘interlingual identifications’ exist” (SELINKER, 1972:211)

Nesse contexto, a aparente brecha deixada por Selinker (1972) abre margem para que as diferentes teorias apresentem seus construtos a respeito dessa estrutura psicológica. Voltamos, então, a diferença apresentada acima entre interlândia e *constructicon* multilíngua. Essa é, em outras palavras, uma divergência epistemológica a respeito da natureza dessa estrutura. Dada, então, a filiação da GCD aos modelos baseados no uso (e , por conseguinte, a não modularidade da mente), a GCD postula um *constructicon* multilíngua, orientado pelos processos cognitivos de domínio geral que também dão conta da descrição monolíngua. Por conseguinte, a GCD desponta no cenário construcional como um modelo gramatical da GCBU que atualiza os princípios fundamentais desta última a contextos de contato linguístico em suas múltiplas configurações.

Até o presente momento, mencionamos a questão do contato linguístico e, como ressalva, salientamos a impossibilidade de seu enquadramento uniforme, dada a vicissitude de seus arranjos configuracionais. A este respeito, Freitas Jr *et al* (2021) elaboram um quadro classificatório de diferentes situações de contato possíveis. Os autores apresentam classificações do tipo de contato, tais como o contato entre línguas nacionais (referindo-se a coexistência de línguas em um mesmo território geopolítico e as consequentes interações entre elas), o contato de aprendizagem tardia e até mesmo o contato entre modalidades (que se dá quando o falante se utiliza de convenções associadas a contextos escritos em interlocuções orais e vice-versa, na mesma língua). Neste trabalho, estudamos um fenômeno de contato por aprendizagem tardia, casos em que os aprendizes já possuem representações bastante entrincheiradas da L1, com as quais as representações da língua adicional precisa competir, valendo-se por vezes delas, mas não necessariamente, de modo vantajoso, em termos de acurácia nativa³⁴ (cf. Freitas Jr. *et al*, 2021)

1.2.2.1 O *constructicon* multilíngua

Ao longo desta seção, discutiremos a respeito do termo técnico *constructicon* multilíngua como formalização da estrutura psíquica de um conhecimento linguístico que é advindo de

³⁴ Utilizamos o termo “acurácia nativa” como uma tentativa de distinção de dois fatores relacionados porém distintos: as escolhas do falante de língua adicional não correspondem, por vezes, às convencionalizações dos nativos e, por isso, há um estranhamento por parte da comunidade de fala. A “acurácia nativa” está comprometida em termos de adequação contextual. Isso não significa, contudo, que não haja comunicação eficiente por meio de escolhas não convencionais.

situações de contato. Assim como para as demais propostas da GCBU, para a GCD o termo *constructicon* faz referência a uma rede de unidades simbólicas, multidirecionalmente associadas por meio de *links* simbólicos salientes em diferentes graus. Essa rede está sempre sendo reconfigurada pelas pressões do uso (o que ocasiona a emergência de novas unidades simbólicas e a constante atualização das relações simbólicas intra e interconstruções). Na perspectiva diassistêmica, em resumo, não há novidade a respeito da natureza do conhecimento linguístico. Porém, adotar a concepção de *constructicon* multilingue significa assumir que as línguas envolvidas na conceptualização da experiência não representam sistemas distintos entre si. Antes, elas estão representadas em um único locus cognitivo: a rede multilingue:

De modo consonante, Matras (2009, p.309) afirma que “os sistemas linguísticos são convenções sociais, não entidades naturais que têm existência independente na mente dos falantes” (tradução nossa)³⁵. Matras (2009), ao tratar dessa abordagem holística, introduz a noção de repertório linguístico (ou seja, a totalidade das representações linguísticas advindas da experiência, com unidades simbólicas cujo escopo contextual não está, necessariamente, subjugado a uma pretensa separação de sistemas linguísticos em particular). Assim, a argumentação do autor gira em torno de uma única entidade cognitivo-representacional. O autor ainda aponta para a aparente impossibilidade de “componentes do repertório linguístico” dos falantes serem “totalmente desligados ao longo das interações comunicativas” (Matras, 2009, p.308 - tradução nossa)³⁶, ou seja, fazer uso das convenções de um sistema linguístico não significa desativar por completo as representações dos outros sistemas componentes desse repertório integrado. A ideia chave aqui é: em nossas interações multilíngues, não transitamos entre sistemas diferentes de representação cognitiva discreta. Antes, transitamos, sim, entre contextos situacionais distintos e lançamos mão das unidades específicas do *constructicon* multilingue que julgamos apropriadas à realização de nossos intentos comunicativos.

Essa visão é antônima à postulação de uma rede construcional para cada uma das línguas dos falantes multilíngues. Em uma relação de parte-todo: os diferentes sistemas linguísticos podem ser interpretados não como unidades cognitivas *per se*, mas sim como recortes de seleção construcional, orientados à conveniência pragmática. Em outras palavras, a seleção e

³⁵ No original: “‘language systems’ are social constructions, not natural entities that have independent existence in speaker’s minds” (MATRAS, 2009:309)

³⁶ No original: “Repertoire components cannot, it seems, be shut down wholesale for the duration of a communicative interaction” (MATRAS, 2009:308).

instanciação dos elementos da rede serve a propósitos de conveniência comunicativa. A esse respeito, Höder, Prentice & Tingsell (2020, p.5) afirmam que “indivíduos multilíngues utilizam suas diferentes línguas para propósitos distintos” (tradução nossa)³⁷.

Apesar dos recursos teórico-analíticos da Gramática de Construções Diassistêmica não serem totalmente inéditos, Hilpert (2019) aponta uma inovação importante do modelo: a distinção entre dois tipos de construções na rede multilíngue. De um lado, temos as construções linguístico-específicas (ou idioconstruções) e unidades simbólicas fronteiriças, recrutadas na produção e processamento de mais de uma das línguas constitutivas da rede multilíngue: as diaconstruções (cf. Hilpert, 2019). Freitas Jr. *et al* (2011) contemplam bem essa distinção ao afirmar que “o constructicon multilíngue é composto por itens abstratos específicos das línguas em questão e por itens ainda mais abstratos, resultantes da identificação de similaridades entre as construções das línguas em jogo” (Freitas Jr *et al*, 2021, p. 11).

A citação acima fomenta nosso processo de reflexão. Por meio dela, é possível inferir outra especificidade da rede multilíngue: embora ela organize as relações taxonômicas da rede em processos de abstração já conhecidos, é plausível afirmar que ela recorre a graus mais altos de abstração, para posicionar unidades diassistêmicas em razão de sua complexidade. É possível inferir que as construções também emergem da identificação de similaridades a partir dos exemplares de (uma das) línguas em questão. É pertinente, portanto, reforçar que a natureza cognitiva dos nós que compõem o *constructicon* multilíngue é a mesma do monolíngue: eles são pareamentos forma-sentido. A distinção, todavia, se faz necessária em razão dos processos de generalização e categorização serem aplicados a elementos de um ou mais sistemas linguísticos.

Dada, via de regra, a maior exposição ao *input* da L1, os falantes costumam ser menos sensíveis às convenções de suas línguas adicionais (LAs), por dois fatores complementares: (i) a menor sensibilidade ao efeito de preempção estatística e (ii) a associação interlingual, por meio da qual eles utilizam as bases de sua L1 para generalizações a respeito da LA (o que pode ser um mecanismo facilitador ou inibidor da apreensão de certas convenções ³⁸ associadas à LA) (cf. Goldberg, 2019, Hilpert, 2019). A esse respeito, Freitas Jr *et al* (2021) nos assegura que:

³⁷ No original: “multilinguals tend to use their different languages for different purposes” (Höder, Prentice & Tingsell, 2020: 5)

³⁸ Nesse caso, usamos o termo convenções não somente no sentido pragmático mas também enfocamos os aspectos lexicogramaticais pertinentes para eventos de associação entre línguas.

O aprendiz de uma L2, por outro lado, usufrui menos da interpretação estatística referente à distribuição dos dados da nova língua, pois sua L1, uma gramática já consolidada, interferirá nos efeitos de preempção estatística, enviesando o processo de aprendizagem orientada pelo erro, aceitabilidade e bloqueio de construções em determinados contextos (Freitas Jr. *et al*, S, 2021, p.5)

Vale lembrar que (i) o contrário também pode ocorrer: representações da LA interagindo e remodelando determinados aspectos da L1. Sendo assim, a interação entre as línguas em contato é multi - e não unidirecional e ii) assumir que os falantes de LA são menos sensíveis à preempção estatística não significa dizer, conseqüentemente, que não há associação de construções a contextos específicos. Conforme já evidenciado acima, os falantes, negociando entre as representações das línguas em jogo, procuram mapear o traço pragmático de adequação contextual das construções (ainda que daí ocorram supergeneralizações e usos não canônicos) (cf. Goldberg, 2019).

Ainda sobre a distinção entre idio e diaconstruções, Hilpert (2019), por exemplo, afirma que as diaconstruções não sofrem restrição comunicativa orientada para uma das línguas, ou seja, fazem parte da porção do repertório linguístico aplicável a mais das línguas em jogo. Esse tipo de construção emerge através do processo de associação interlingual (Höder, Prentice & Tingsell, 2020), um processo que mapeia similaridades de forma e/ou função entre construções de sistemas linguísticos diferentes e as relaciona simbolicamente por meio da formação de *links* diassistêmicos, resultantes desse mesmo processo (Hilpert, 2019). É muito importante frisar que o processo de associação interlingual é correspondente ao processo de categorização (só que para situações de contato). Essa categorização resulta em uma economia de processamento, uma vez que as comunalidades entre diferentes construções mais específicas são armazenadas em uma categoria construcional superior (mais abstrata e esquemática) e, muitas vezes, em prejuízo de certas especificidades das idioconstruções a elas relacionadas (Höder, 2012; 2014).

A concepção de gramática emergente da GCBU nos permite construir um raciocínio importante: as construções estão sujeitas, no constructicon multilíngue, a uma reconfiguração de seu nível de refinamento, fazendo com que, por pressão do uso, o falante eventualmente abandone generalizações equivocadas (representadas como diaconstruções) e registre com mais acurácia os contextos formais e semântico-pragmáticos em que uma dada construção é bem vinda (cf. Höder, Prentice & Tingsell, 2020). De modo consoante, a noção de esquematicidade (Traugott & Trousdale, 2013) é fundamental para a formalização de um constructicon com

representações idio/diaconstrucionais, uma vez que esquematicidade e nível de abstração estão intimamente relacionados. Portanto, diaconstruções tendem a ser unidades mais esquemáticas, representadas em maiores graus de abstração. Por fim, postular uma idioconstrução como uma unidade linguístico-específica não significa, de modo algum, assumir a não inter-relação entre ela e demais idio/diaconstruções. Na dimensão pragmática, ela está atrelada a um sistema linguístico. Não obstante, enquanto elemento da rede, ele guarda relações com as demais idio- e diaconstruções. Pensando na competição construcional, uma idioconstrução pode competir - conforme veremos em nossa análise - com outras idio/diaconstruções para a instanciação de significados, em razão do contexto que elas disputam. Já no que tange à arquitetura da rede, em relação taxonômica, uma diaconstrução pode ser instanciada por uma idioconstrução menos abstrata (o que também será discutido em nossa análise de dados).

1.2.2.2 - Categorização e preempção estatística:

Conforme já salientado aqui, não é informação nova que a GCD atualiza as premissas de outros modelos da GCBU para as situações de contato linguístico. Um exemplo claro dessa releitura está no emprego dos conceitos de categorização e preempção estatística, já apresentados na seção 3.3 deste capítulo, para a descrição satisfatória do *constructicon* multilingue. Já destacamos aqui que os contextos de uso que envolvem situações de contato carregam especificidades dignas de nota. Freitas Jr. *et al* (2021) , por exemplo, apresentam uma diferença substancial a respeito da gramática emergente multilingue, particularmente relevante para o nosso fenômeno de estudo: a competição entre as construções possessivas binominais do Inglês em contexto multilíngue (Português Brasileiro como L1 e Inglês como Língua Adicional). A respeito dos processos de aquisição linguística³⁹ de crianças em contexto monolíngue e da aquisição por adultos de uma língua adicional por aprendizagem tardia, os autores defendem que:

As diferenças existentes entre os processos, no entanto, podem ser resumidas pelo fato de que enquanto crianças em tenro desenvolvimento linguístico são capazes de convencionalizar linguisticamente experiências reais, adquirindo construções gramaticais, de modo aparentemente espontâneo, aprendizes adultos se servem de

³⁹ Utilizamos o termo *aquisição* para fazer referência, especificamente, à atividade cognitiva de representação do conhecimento linguístico, ou seja, à ação dos processos cognitivos na representação linguística.

convenções experimentadas na L1, por vezes, no processamento e na produção da L2, em virtude do grau de consolidação dos pareamentos na gramática internalizada, exibindo usos recorrentes de estruturas que não atendem às convenções da L2, inclusive quando altamente proficientes (Freitas Jr., 2021 p. 4)

Resumindo a ideia, no caso da aquisição de LA, os indivíduos - em razão do caráter associativo através do qual a nossa memória organiza nossas experiências (linguísticas) - lançam mão de representações da L1, em geral, bastante disponíveis para fins de processamento e produção linguística. Tal estado associativo incorre na utilização criativa de opções não canônicas na língua-alvo, em situações em que tal criatividade não estaria licenciada a prosperar, em razão da existência de opções convencionalizadas.

Outrossim, vimos anteriormente que os exemplares, ou traços de memória, asseguram a cobertura da categoria construcional e que essas unidades são mapeadas em uma nuvem de exemplares por similaridade. Em um contexto de contato, todavia, essa similaridade pode ser encontrada entre exemplares de mais de uma língua. Desse modo, exemplares de uma nova língua adicional chegam ao espaço conceptual hiperdimensional e a cognição faz o trabalho que lhe é característico: procurar similaridades com outras instâncias anteriores e acomodar esses novos usos à nuvem de exemplares já povoada por exemplares da L1 e interpretados - de algum modo - como análogos. Esse raciocínio faz ainda mais sentido se retornamos às máximas de que i) as representações do *constructicon* estão integradas em uma única unidade cognitiva multilingue e ii) conhecimento linguístico é, antes de tudo, conhecimento.

Uma vez que os novos exemplares, da L1 e da LA, são continuamente acomodados a uma dada categoria, tal categoria será reconfigurada face aos novos exemplares. É nessa coexistência de exemplares (oriundos de múltiplos sistemas) que a interferência linguística se dá: os exemplares todos interagem de modo complexo, forjando as generalizações da categoria linguística que os abriga. Uma vez que a categoria reforça similaridades entre exemplares de múltiplas línguas, temos a emergência de uma diaconstrução. Ainda, vale lembrar que a nossa sensibilidade estatística não é tão aguçada (uma vez que as representações da L1 diminuem a ação da preempção estatística e seu conseqüente apelo de regulação entre criatividade e conservadorismo linguístico) (cf. Bybee, 2010; Freitas Jr. *et al*, 2021; Goldberg, 2019).

O próximo capítulo trata da descrição gramatical e metalinguística das questões referentes tanto ao conceito de posse quanto às construções possessivas binominais do Inglês, objetos de nosso estudo.

2. REVISÃO DA LITERATURA:

No capítulo anterior, abordamos os pressupostos basilares da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e de sua proposta descritivo-analítica para a gramática emergente do contato linguístico: a Gramática de Construções Diassistêmica (GCD). Por sua vez, o presente capítulo se organiza em torno de dois macro objetivos: i) delinear a natureza cognitiva da posse e as relações semânticas a ela relacionadas e ii) dentro do conjunto das construções possessivas em Inglês, discutir especificamente as possessivas binominais [$SN_{possuidor}$ ' s-N $possuído$] e [(artigo) $N_{possuído}$ -of- $SN_{possuidor}$] (esta última formalmente análoga à construção [$N_{possuído}$ -de- $SN_{possuidor}$]⁴⁰ do Português), delineando iii) a competição entre estas duas possessivas binominais do Inglês. Começamos então pela apresentação dos diferentes posicionamentos teórico-analíticos a respeito das relações possessivas.

2.1 A concepção de posse:

A partir daqui, estabelecemos a seguinte distinção metalinguística: quando utilizarmos o termo *posse*, estamos nos referindo à dinâmica cognitiva de relacionar duas entidades em uma relação assimétrica de referência e referenciado (Langacker, 2009). Apresentaremos mais detalhes sobre essa definição adiante. Já através do uso de *relações de posse*, fazemos referência ao conjunto de relações semânticas emergentes no discurso e capturadas pelo conjunto das construções possessivas, do qual as binominais possessivas são membros integrantes. O termo *propriedade*, por sua vez, faz referência ao sentido mais básico da posse: aquele de propriedade legal em que, via de regra, um possuidor humano detém direito de propriedade sobre um possuído concreto (cf. Heine, 1997). Feita tal observação, é preciso salientar que diversos autores apontam para a dificuldade de definir precisamente a semântica da posse em razão de sua multiplicidade de sentidos relacionados, para além da ideia de propriedade (cf. Francis, 2000;

⁴⁰ A formalização por nós adotada é a proposta por Stefanowitsch (1998), com [NP -`s- N] e [N -of- NP]. Todavia, inspirados por Monakhov (2020), optamos por marcar o papel morfossintática dos slots nominais das construções. De igual modo, por razões de coerência de formalização, o template construcional apresentado para a possessiva binominal do Português é uma atualização dos templates originalmente postulados para o Inglês.

Heine, 1997; Langacker, 2009, Hammarberg & Koptjevskaja 2002). Adicionando ainda mais complexidade ao fenômeno em questão, a expressão linguística da posse pode, em geral, ocorrer por meio de recursos gramaticais de diferentes níveis. Por exemplo, no Inglês, o falante precisa decidir que construção de seu inventário linguístico será recrutada para a instanciação do significado pretendido de posse (sintagmas oracionais com *have*, como em “*Liza has a car*” (Heine, 1997, p.2) ou SNs com modificadores possessivos, como “*my father*” (Heine, 1997, p.37), por exemplo).

Neste trabalho focalizaremos na competição mais imediata entre as duas construções binominais possessivas, a saber: {[SN_{possuidor}] `s [N possuído]} e {[NS_{possuidor}] of [N possuído]} como em, respectivamente, “*the city’s museum*” e “*the museum of the city*” (Stefanowitsch, 2020, p. 142 - grifo nosso). Dada nossa hipótese da interferência de [N_{possuído} de SN_{possuidor}] em razão do contato linguístico com o Português, também apresentaremos detalhes sobre esta última construção. As informações semânticas e estruturais de cada uma dessas unidades construcionais serão apresentadas nas seções 2.2, 2.3 e 2.5. Por hora, cabe chamar a atenção para a sua natureza semi esquemática: todas elas apresentam um *slot* morfêmico especificado (-s, -of e -de, respectivamente).

Todavia, a mera identificação destes morfemas não pode ser tomada como evidência cabal de que estamos diante das construções possessivas em questão. Já que esses mesmos morfemas podem figurar em outros *templates* construcionais, é preciso atentar para os arranjos semântico-formais, encapsulados no nível da construção, para garantir que estamos de fato diante de relações possessivas codificadas linguisticamente. Mesmo quando as binominais são identificadas como possessivas, a complexidade permanece: qual é o mecanismo motivador das múltiplas relações semântico-possessivas elencadas pelas construções identificadas? A esse respeito, Stefanowitsch (1998) sintetiza a discussão apresentando as quatro propostas mais difundidas no que tange a esta produtividade semântico-construcional. A síntese do autor é parafraseada logo abaixo:

- (i) As relações semânticas associadas à mesma forma linguística são entradas separadas, sendo tratadas como casos de homonímia e sem qualquer sentido básico que viabilize a integração entre essas relações.

(ii) A existência de um significado geral “que abrange todas as relações” associadas a cada uma das construções em questão. Para tal, esse significado deve ser “altamente abstrato” (p.2).

(iii) As construções apresentam ausência total de significado, sendo, em potencial, capazes de materializar qualquer relação sugerida.

(iv) “Um significado básico é postulado, do qual todos os outros sentidos podem ser, de algum modo, derivados”(p.2). Para essa proposta, estamos diante de uma multiplicidade semântica viabilizada por polissemia.

O alinhamento com quaisquer das quatro propostas apresentadas acima traz desdobramentos específicos para a definição da posse e também para o entendimento da natureza semântico-múltipla das construções binominais. Em nosso contexto de pesquisa, interpretamos a posse sob o prisma das propostas (ii) e (iv). Em alinhamento com a proposta (ii), a posse está alinhada à habilidade cognitiva de ponto de referência (cf. Langacker, 2009). Já norteada pela proposta (iv), posse é uma relação de sentido prototípica, em relação a qual outros sentidos emergem e são evocados pelo mesmo recurso linguístico. No capítulo de metodologia, trataremos da integração das propostas (ii) e (iv) para uma compreensão melhor da posse, tanto em termos de seu significado nuclear quanto a respeito de suas extensões semânticas.

Conforme Langacker (1995, p. 57 - tradução nossa)⁴¹ salienta, as duas propostas podem ser interpretadas como “ facetas diferentes do mesmo fenômeno complexo”. Vejamos, a partir de agora, em maiores detalhes a argumentação das propostas (ii) e (iv), basilares para diversas tomadas de decisão no curso do presente estudo (vide nossos procedimentos metodológicos)

2.1.1 A visão langackeriana

Dentre as propostas sintetizadas acima, a segunda tem Ronald Langacker como um de seus principais precursores (cf. 1995; 2009). Em seu texto de 1995, o referido autor defende que a multiplicidade das relações de posse remontam a um significado abstrato, oriundo de uma realidade cognitiva integradora que confere a elas coesão: a habilidade de ponto de referência. Nas palavras do autor (1995, p.59 - tradução nossa)⁴², o ponto de referência é “um aspecto

⁴¹ No original: “alternate facets of the same complex phenomenon”.

⁴² No original: “a fundamental aspect of cognitive organization”

fundamental da organização cognitiva”. Trata-se de uma manobra cognitiva, através da qual uma entidade é evocada para facilitar o acesso à outra que esteja em seu domínio conceptual. No contexto dessa proposta, o termo *significado abstrato* pode ser entendido como um produto cognitivo, “independente de quaisquer conteúdos conceptuais específicos” (Langacker, 2009, p.82) e atualizado conceptualmente por arquétipos experienciais viabilizadores dos sentidos prototípicos da categoria (“apreendidos como *gestalt*”) (Langacker, 2009, p.82). Trata-se de uma definição da posse enquanto recurso cognitivo de acesso mental, atualizado semanticamente por relações de sentido discursivamente emergentes.

As relações de posse prototípicas, por sua vez, emergem como arquétipos, atualizações experienciais da habilidade cognitiva integradora e mais abstrata. As relações de posse, todavia, devem ser entendidas em dois níveis: o do protótipo e o esquema. Langacker (2009) apresenta três sentidos prototípicos (e experiencialmente arquetípicos) para a categoria de posse: propriedade, parentesco e relações de parte/todo. Langacker (1995) argumenta que a prototipicidade dessas relações está no modo como a posse é, naturalmente, conceptualizada: as entidades possuidoras dessas três relações se acomodam perfeitamente na posição de ponto de referência, uma vez que conceptualizamos - prototipicamente - propriedades através de indivíduos possuidores/proprietários. De igual modo, títulos de parentesco (filha) não existem em si mesmos mas sempre em relação a outro título (mãe). Da mesma maneira, conceptualizamos uma parte de algo como inerentemente relacionada a uma totalidade (perna/corpo humano).

Em outras palavras, essas três relações prototípicas advém de arquétipos experienciais e emanam da habilidade de ponto de referência. É este mesmo ponto de referência que assegura a extensão esquemática dos sentidos prototípicos a elaborações cada vez mais periféricas na radialidade categorial. É importante frisar que o protótipo, conforme dito anteriormente, está diretamente relacionado a um arquétipo experiencial composto - via *gestalt* - pela simbolização de representações básicas de nossa experiência. Essas representações da relação prototípica de posse incluem a noção de controle. Todavia, mesmo essa noção apresenta desafios de definição (cf. Heine, 1997). Heine (1997) aponta, dentre esses múltiplos desafios, o seguinte: o termo é associado à manipulação do possuidor, mas essa manipulação envolve a capacidade de transferência do direito de propriedade? Para os casos de possuidores inanimados, por exemplo, a noção é desafiada.

Por sua vez, Langacker (2009) distribui as diferentes relações de posse em relações de natureza prototípico-arquetípicas e relações periféricas (emergentes de aspectos básicos e remanescentes desses arquetipos). Ao delinear o esquema relacional básico de posse, Langacker associa esse esquema à noção de controle e a define em três dimensões: física, social e experiencial. Respectivamente, essas três dimensões respondem por: i) o poder do possuidor de manipular o possuído, tendo autonomia para tomar decisões a respeito de, por exemplo, sua localização e a possibilidade de empréstimo (propriedade); ii) uma relação cultural que configura lugares privilegiados de interação social, papéis relacionais aos quais nem todos os indivíduos têm acesso (parentesco) e iii) um aspecto sensorial ou experiencial que somente o possuidor, enquanto indivíduo, pode vivenciar (parte-todo). Por sua vez, essa noção de controle é esvaziada para os casos periféricos, que preservam apenas o “privilégio de acesso” (p. 84), de forma que o possuidor representa um ponto de referência para o possuído; ou seja, a habilidade básica espreada ao nível do esquema é a de conceptualização por ponto de referência. Abaixo, reproduzimos o esquema visual de ponto de referência, providenciado pelo autor:

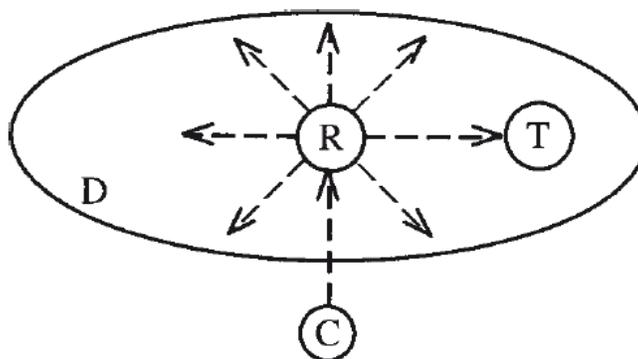


Figura 2.1 - Posse como ponto de referência (2009, p.8).

Cada uma das letras acima fazem referência a um elemento da conceptualização de posse enquanto estrutura relacional. O conceptualizador (C) evoca uma entidade de referência (R) e, conseqüentemente, acessa uma série de outras entidades associadas a ela, compondo o seu domínio (D). Do conjunto de possibilidades licenciadas pelo domínio (representadas pelas setas), (C) seleciona uma entidade-alvo a ser conceptualizada em associação mental à (R). Nas palavras

de Langacker (2009:82 - tradução nossa)⁴³, “o ponto de referência é, portanto, uma questão de acesso mental sequenciado”, e a rota deste acesso sequenciado é: por meio de (R), chegamos a (T). Em termos de posse, o falante (C) acessa a entidade possuída (T) por meio do possuidor (R), que possui controle de acesso ao possuído localizado em seu domínio (D). O esquema acima, nas palavras do autor, orienta - enquanto realidade cognitiva - a conceptualização inerente às mais diversas expressões de posse. .

Em suma, Langacker (1991, 2009) oferece uma definição da posse em termos de uma dinâmica cognitiva de referenciação indireta (uma entidade é referenciada no escopo de outra referência assumidamente disponível no contexto de fala). A natureza inerente da posse é, portanto, relacional. Langacker (2009), todavia, aponta para a necessidade de ir além e olhar também para a não-simetria dos elementos dessa relação, uma vez que (salvo exceções pontuais motivadas comunicativamente) possuidor e possuído não podem ser trocados de lugar.

2.1.2 A visão de Taylor (1989)

No contexto da proposta (iv), o termo *significado básico* faz referência a uma relação prototípica (propriedade), através da qual os significados outros constituem-se por meio de i) *links* metafóricos - por meio dos quais referentes associados a um domínio são interpretados por meio de outro (cf. Nikiforidou, 1991) ou por ii) similaridade (cf. Taylor, 1989).

Dentro desta proposta, Taylor (1989b) compreende ontologicamente a posse como uma *gestalt* experiencial. Na perspectiva do autor, posse corresponde a um domínio conceptual, sendo então um termo guarda-chuva para dar conta da gama de significados evocados pelas relações de posse, dispostas em uma escala de prototipicidade categorial cujo protótipo é a noção de propriedade⁴⁴. Diferente do que ocorre na proposta Langackeriana, o protótipo de propriedade é justificado aqui não por arquétipos experienciais mas sim por meio da satisfação de critérios de prototipicidade oriundos de evidências provenientes da conceptualização da posse em diferentes línguas. Dentro desta última proposta, para a definição do protótipo são levados em consideração dados analíticos - como, por exemplo, produção em estágios iniciais de aquisição linguística e

⁴³ No original: “a reference point is thus a matter of sequenced mental access”

⁴⁴ O autor, em sua redação original, se refere ao protótipo de posse como “posse no sentido estrito” (p. 204). Todavia, por questões de fluidez textual, mantivemos o termo propriedade, uma vez que os dois termos são preferencialmente compatíveis.

casos de interpretação restritiva à favor do sentido propriedade (cf. Stefanowistch, 1998). Taylor apresenta uma “constelação de propriedades” compartilhadas por ocorrências de relações possessivas (Taylor, 1989b, p. 203 - tradução nossa)⁴⁵. As propriedades são sintetizadas por Heine (1997) e, dentre elas, o autor seleciona as cinco que elaboram os parâmetros de controle e tempo, relevantes à ideia de posse (Heine, 1997, p. 39 - tradução nossa):

- (i) “O possuidor é um ser humano em específico”
- (ii) “O possuído é um objeto concreto”
- (iii) “O possuidor detém o direito de uso sobre o possuído”
- (iv) “Possuidor e possuído estão em proximidade espacial”
- (v) “A posse não tem um limite de tempo específico”

Ainda, Heine (1997), para lidar com a multiplicidade dos significados possessivos, postula um conjunto de sete noções de posse, formalizadas a partir da análise de como diferentes línguas expressam a relação de posse e a organizam categoricamente. A esse respeito, o autor defende que essa divisão *cross*-linguisticamente informada “reflete um padrão significativo de codificação no discurso”. Ainda, essas noções são dispostas em escala de prototipicidade de acordo com as propriedades logo acima apresentadas. A seguir, temos a paráfrase das definições apresentadas por Heine (1997) para cada uma de suas sete noções. O autor apresenta exemplos de cada uma delas. No entanto, apesar de seu potencial ilustrativo, não está claro se esses exemplos são dados de uso real. Os exemplos abaixo são provenientes da nossa própria base de dados para todas as relações encontradas em nosso *corpus*. Para os casos não encontrados, recorreremos aos exemplos do autor. A fonte do exemplo está sinalizada entre parênteses: temos a referência ao texto do autor ou à remissão, de modo que os dados possam ser encontrados em nossa base de dados:

Posse física (PHYS): A relação entre o possuidor e o possuído é de caráter físico, podendo o possuidor manipular o possuído na fisicalidade e estando ambos relacionados em um dado recorte de tempo “*I want to fill in this form. Do you have a pen?*” (Heine, 1997, p. 34)

⁴⁵ No original: “a constellation of properties”

Posse temporária (TEMP). A relação entre possuidor e possuído se dá em um referido espaço de tempo. O possuidor não pode reclamar direito de propriedade sobre o possuído mas dele pode usufruir por um período pré-estabelecido de tempo. “*I have a car that I used to go to the office but it belongs to Judy*” (Heine, 1997, p. 34).

Posse permanente (PERM): expressa uma relação que se dá entre possuído e possuidor em termos de propriedade legal. *The story of the play happens in the house of Amanda Wingfield, mother of Laura Wingfield and Tom Wingfield* (12A.1.Lit).

Posse inalienável (INAL): quando a relação de posse é construída com base na não-dissociação entre entidade possuída e seu possuidor. *Reinforcing this condition over Catherine's body, Eddie tries to isolate and control her according to his ideologies* (12B.3Lit).

Posse abstrata (ABST): a entidade possuída não é um item de existência material. Antes, representa um conceito, um estado psicológico, como um sentimento, doença ou pensamento. *the perspective of an inside observer (or the animadversor – the one who reacts to a work of art) of the ekphrasis of the godly-forged shield* (15A.1.Lit).

Posse inalienável-inanimada (IN/I): assim como na relação INAL, o possuído não pode ser dissociado de seu possuidor. Todavia, a diferença está na natureza desse possuidor, que é inanimado. *The plot in the play “Romeo and Juliet” portrays that, in the sense that both families – the Montagues and the Capulets – fight day after day just to ensure their power in the streets of Verona* (3A.1.Lit).

Posse alienável-inanimada (IN/A): O possuidor, também de caráter inanimado, pode ser separado de sua parte correspondente na relação de posse (o possuído) “*That tree has crowns on it*” (Heine, 1997, p. 35).

Dois comentários ainda se fazem necessários. Primeiro, as noções acima não são exclusivas das possessivas binominais. Antes, elas podem ser instanciadas por diferentes recursos gramaticais e, por esse motivo, os exemplos providenciados pelo autor não são

exclusivos das construções de nosso interesse. As relações nos exemplos acima também devem ser depreendidas a partir do contexto discursivo-textual mais iminente, apresentado nos próprios exemplos. A segunda observação a ser pontuada gira em torno da classificação da relação de posse como alienável ou inalienável⁴⁶. O autor defende que, se delineada de modo sucinto, a distinção pode ser definida do seguinte modo: na relação de posse, “itens que não podem ser, via de regra, separados de seus possuidores são inalienáveis, enquanto os outros casos se encaixam na categoria alienáveis” (Heine, 1997, p.9 - tradução nossa)⁴⁷.

A conclusão apresentada por Heine (1997) vai na direção da radialidade da posse enquanto categoria relacional: o protótipo de posse permanente (que corresponde à relação de propriedade apresentada na subseção anterior) responde positivamente aos cinco parâmetros apresentados na figura 2.2 e a distância das demais noções em relação a esse protótipo também depende da convergência com as propriedades acima elencadas. O quadro abaixo ilustra bem essa relação entre prototipicidade das noções de posse e a constelação de propriedades norteadoras dessa prototipicidade. Os algoritmos romanos da figura abaixo correspondem às cinco propriedades apresentadas acima (rever p. 53):

	PHYS	TEMP	PERM	INAL	ABST	IN/I	IN/A
I	+	+	+	+	+	-	-
II	+	+	+	+	-	+	+
III	+	+	+	+/-	-	-	-
IV	+	+	+	+/-	+	+	+
V	-	-	+	+	+/-	+	-

Figura 2.2 - “Traços de prototipicidade das noções de posse” (Heine, 1997, p.39)

O autor formaliza a escala de prototipicidade conforme reproduzido abaixo:

⁴⁶ a distinção desenhada é uma virtualidade, dada a natureza gradiente da categoria ALIENABILIDADE, algumas instâncias desafiam uma separação tão precisa (HEINE, 1997)

⁴⁷ No original: Items that cannot normally be separated from their owners are inalienable, while all others are alienable

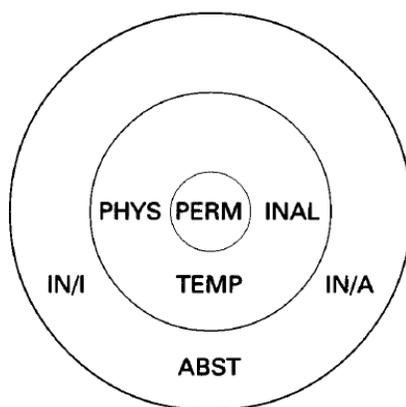


Figura 2.3 - Escala de prototipicidade da posse (Heine, 1997, p.40)

Em síntese, as noções acima, originadas de evidências de diferentes sistemas linguísticos e dispostas em um contínuo de prototipicidade, representam uma reação a taxonomias de significados organizadas em bases arbitrárias e que não espelham diretamente a realidade organizacional cognitiva. Por fim, gostaríamos de pontuar uma distinção relevante em Heine (1997, p.9 - tradução nossa) para a melhor compreensão da posse em suas múltiplas manifestações. Até o presente momento, apresentamos a discussão que se desenrola acerca dos múltiplos significados elencados sob a alcunha *posse*. Nas próximas seções, apresentaremos descrições formais e semânticas específicas das construções de interesse de nosso estudo: as possessivas binominais. Começemos pelo padrão construcional {[NP possuidor] `s [N possuído]}⁴⁸.

2.2 O pareamento {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}

Dado o *status* da construção gramatical enquanto pareamento de forma e sentido, a presente seção versa sobre as propriedades formais e discursivo-funcionais da possessiva pronominal {[NP_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}⁴⁹ em contexto de Inglês como Língua Nativa (IL1). Geralmente, as construções são formalizadas com []. Todavia, aqui, as formalizamos com {} porque utilizaremos os [] para simbolizar o fatiamento sintático que ocorre dentro da construção, capturando as relações constitutivas entre seus elementos morfossintáticos. Assim o é porque, conforme veremos a seguir, diferentes fatiamentos sintáticos do mesmo arranjo sequencial

⁴⁸ Formalização encontrada em Taylor (1996, p.2)

⁴⁹ Nomenclatura e formalização adotada por Taylor (1996)

implicam em dinâmicas relacionais distintas. Isto equivale a dizer, conforme já mencionado, que a identificação imediata de [`s] não pode ser critério decisivo para determinar se estamos diante de uma construção prenominal de posse, nos termos de Taylor (1996).

Em termos das propriedades formais da possessiva prenominal, Akinlotan (2016) aponta para uma característica importante em termos de concatenação das unidades referenciais da construção: a possessiva prenominal emprega uma estratégia de sufixação, em que o morfema `s é acoplado à entidade possuidora. Quirk *et al* (1985) também apresentam uma descrição das propriedades formais e discursivas do contexto que corresponde à nossa possessiva prenominal. Aqui, vale a ressalva de que a perspectiva norteadora dos autores não é de orientação construcionista. Antes, alinhando-se a uma perspectiva de descrição morfêmica, o compêndio apresenta os diferentes contextos em que -'s e -of figuram. Conforme já mencionamos, estes diferentes contextos podem ser interpretados em termos de diferentes *templates* construcionais em uma leitura construcionista baseada no uso. Assim, apresentamos agora somente a descrição a respeito dos casos em que estes dois morfemas descritos em Quirk *et al* (1985) correspondem às construções possessivas binominais (e, por questão de coerência, nos referimos a estes casos com a mesma metalinguagem até aqui apresentada).

No contexto do compêndio gramatical supracitado, o pólo formal da possessiva prenominal é descrito da seguinte maneira: o *template* concatena um sintagma nominal, morfologicamente marcado para o caso genitivo através da partícula -s. Este SN se concatena a um outro, de natureza nuclear, para fins de formação de uma unidade mais complexa: a possessiva prenominal. Há, então, uma relação morfossintática de premodificação do núcleo por meio do SN morfologicamente marcado para genitivo. A título de exemplificação, O *template* formal {[NP_{possuidor}] `s [N *possuído*]}, instanciado por meio de exemplares específicos como “[my driver]’s [license]” (Taylor, 1996, p. 2) abarca a configuração morfossintática pontuada acima..

Outra restrição formal que vale para ambas as possessivas binominais é: os *slots* do possuidor e do possuído não podem, via de regra, ser alternados de lugar (a relação é assimétrica, cf. Langacker, 2009, Heine, 1997), a menos que haja um objetivo comunicativo que subverta a relação de ponto de referência. Neste caso, um elemento que, em condições típicas, representa o ponto de referência passa a assumir, em condições atípicas, o papel de entidade referenciada (cf. Langacker, 1995, p. 56-58).

O trabalho de destrinchar as propriedades formais da possessiva prenominal aparece também em Taylor (1989). O autor fornece uma síntese das propriedades formais da construção em questão. Para ele, em consonância com a descrição de Quirk *et al* (1985), a referida construção “tem o *status* de um sintagma nominal cujo núcleo é precedido por um sintagma nominal determinante, em associação com o morfema genitivo”. Na terminologia de Taylor (1996), a referida construção é chamada de possessiva prenominal, uma vez que a referência do possuído (enquanto núcleo do sintagma) é determinada por uma unidade sintagmática que o precede. Biber *et al* (1999) reverbera a descrição de Quirk *et al* (1985) a respeito do papel de especificação referencial que o SN possuidor exerce sobre um SN possuído de natureza superordenada.

Por sua vez, em ambos os seus textos aqui supracitados, Taylor (1989; 1996) aponta para a necessidade de distinção entre a possessiva prenominal e a construção possessiva composta. Para o autor, as duas construções divergem entre si em termos de fatiamento sintático: a construção possessiva prenominal apresenta o seguinte estado de relações estruturais: [[X POSS]Y]. Respectivamente, X se refere à unidade possuidora, POSS ao morfema que - nesta construção - marca a relação de posse morfológicamente e Y está para a entidade possuída.

O fatiamento sintático acima evidencia que estamos diante de um sintagma nominal, constituído internamente por um outro sintagma nominal de cunho determinativo e um nome que recebe tal determinação. O autor providencia, para fins elucidativos, o exemplo [[*the woman*]'s *magazine*], com o sentido associado de “a revista que pertence à mulher” (Taylor, 1996, p.2 - tradução nossa)⁵⁰. O fatiamento sintático evidencia que o sintagma determinante contribui para a especificação do nome possuído mas não abre mão de sua individualidade referencial. Nessa construção possessiva, de acordo com Langacker (1995) , o sintagma especificador - ou o possuidor, em termos semântico-relacionais - se estabelece como ponto de “contato mental” ou referência cognitiva para a reificação da entidade possuída. Já no caso das possessivas compostas, o fatiamento é distinto: [*the [woman`s magazine]*]. Estamos, neste caso, diante de uma relação formal em que os dois nomes compõem conjuntamente uma única referência e estão formalmente compondo um único arranjo sintagmático. Assim, *woman* não está posto como um elemento individualizado mas sim para um traço atributivo que adjetiva *magazine*. Essa

⁵⁰ No original: “the magazine belonging to the woman”

construção assume então o sentido de uma “ revista voltada ao público feminino”⁵¹. Em outras palavras, na prenominal possessiva, o fatiamento prevê dois SNs diferentes, com o possuidor sendo instanciado no *slot* prenominal e o possuído no pós-nominal, o que é uma diferença formal da possessiva composta, que apresenta dois nomes formando um único sintagma nominal, com o primeiro especificando o segundo para fins de uma única referência.

Semelhantemente, quando elencando as propriedades formais e semânticas de -`s no contexto equivalente à possessiva prenominal, Biber *et al* (1999, p. 300 - tradução nossa) salientam que o tipo de relação entre possuidor e possuído “é não especificada em -`s genitivo”⁵². Os autores ilustram seu ponto por meio do exemplo “*Mrs. van Luyden`s protrait (by Huntington] (in black velvet and venetian point) faced that of her lovely ancestress*” (p. 300). Neste exemplo, o elemento *Mrs. van Luyden* participa enquanto objeto do arranjo relacional em questão (sendo Huntington o sujeito). Tanto relações objetivas quanto subjetivas, quando instanciadas por posse genitiva, recebem a mesma marcação (`s). Semelhantemente, para o grupo de autores supracitados, a construção possessiva prenominal “representa um modo eficiente de compactar uma grande quantidade de informações” (Biber *et al*, 1999, p. 302 - tradução nossa)⁵³

Para além de conhecer bem as propriedades formais e de sentido do pareamento {[NP_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}, é importante ter ciência - para fins contrastivos - dos outros contextos nos quais o morfema -`s aparece. Mencionaremos abaixo esses contextos morfossintáticos em que -`s pode aparecer (e que não configuram posse) pois acreditamos que apontar esses contextos é delimitar a precisão de nossa própria construção possessiva: i) nominalizações gerundivas (*Amy`s removing of the picture*], ii) possessivos pós nominais, como em [*a friend of John`s*], iii) possessivos predicativos: *This car is John`s*, iv) possessivos pronominais: *John`s car is new. What about Mike`s?* (cf. Taylor, 1996 - grifo nosso) (cf. Taylor, 1996, p. 2 e 3).

Voltemos à construção alvo de nosso estudo. Na dimensão do sentido, o leque de suas múltiplas relações semânticas se acomoda bem a taxonomia de noções de posse vistas em Heine (1997) para a categoria de posse. Por sua vez, Langacker (1995) elabora o construto da *rota composicional* como um recurso de formalização do caminho cognitivo que percorremos quando conceitualizamos uma dada entidade referencial por meio de uma construção específica. Em

⁵¹ No original: “the magazine aimed at a female readership”

⁵² No original: “is left unspecified with the s-genitive”

⁵³ No original: “it represents a good way of compressing information”.

linhas gerais, é característica das línguas naturais a concatenação de unidades em níveis mais elementares de complexidade para a emergência de unidades hierarquicamente mais complexas. Portanto, o potencial de conceptualização das construções linguísticas reside em uma dinâmica processual de concatenação de unidades em instâncias cada vez mais complexas. Tal concatenação é feita por progressivas correspondências semântico-formais entre as unidades envolvidas na rota composicional. O autor ainda introduz, em diversas de suas obras, as noções de *trajector* e *marco*. Langacker define como *trajector* a entidade a ser especificada, tendo sua referência situada em termos da entidade *marco*, esta compreendida como o escopo de circunscrição referencial de uma dada entidade que carece de maior especificação referencial.

Langacker (1995) analisa a rota composicional de {[NP_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} . Por meio do exemplo *Jill`s knife*, esta rota é por ele destrinchada: o morfema - `s, enquanto elemento funcional, evoca em si mesmo a habilidade de ponto de referência. Tal habilidade aciona, ao menos esquematicamente, os elementos dessa relação, a saber: a entidade referência (ou marco) e a entidade alvo (ou trajector). Em um nível maior de elaboração, a noção esquemática de ponto de referência, evocada por - `s, está em correspondência direta com a entidade evocada por Jill. Dessa correspondência, temos o arranjo *Jill`s*. Em um nível mais complexo ainda, a referência *Jill`s* requer uma entidade a ser especificada em sua circunscrição. Tal entidade corresponde à referência evocada por *knife*, que - em concatenação com *Jill`s* - é situada em especificidade (reificada). Por fim, a totalidade da construção confere saliência referencial a uma entidade possuída, especificada dentro de uma relação de posse.

Outra contribuição a respeito do sentido da possessiva prenominal é providenciada por Quirk *et al* (1985) e resulta da análise de sua disposição formal. O autor afirma que o SN núcleo da construção é de natureza superordenada; o SN modificador possui, então, “uma função determinativa” (Quirk *et al*, 1985, p. 1276 - tradução nossa)⁵⁴. Dito de outro modo: o SN modificador (ou, semanticamente, o possuidor) situa o SN núcleo (ou possuído) em relação a uma outra referência. A função de determinação do núcleo é, no plano discursivo, uma função discursivo-pragmática de construção referencial (característica da possessiva prenominal). Em outras palavras, a possessiva prenominal é recrutada em razão do esforço comunicativo, durante o ato de interlocução, empreendidos por falantes que almejam construir colaborativamente uma entidade discursiva através de uma referência prévia (assumidamente) compartilhada entre os

⁵⁴ No original: “a determinative function”

interlocutores em questão. Por fim, um comentário final a respeito dos sentidos abarcados pela possessiva prenominal: é necessário entender a posse como um contínuo de relações, do qual a relação de propriedade é elemento constitutivo porém não exclusivo. A seguir, apresentamos informações de forma e função evocados pela construção {[NP possessed] of [N possessor]}NP_{possessive}.

2.3 O pareamento {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}

Assim como no caso do morfema -`s, a partícula morfêmica *-of* pode aparecer em mais de uma construção gramatical. Essa partícula figura, por exemplo, em construções partitivas como no caso de *a piece of cake* (cf. Stefanowitsch, 1998, p. 3, Biber *et al*, 1999). Nosso foco nesta seção, todavia, recai sobre a construção possessiva pós nominal {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}] } (cf. Taylor, 1996). A referida construção é semi-esquemática, com o morfema *-of* figurando em seu *slot* preposicional e apresentando uma estratégia frasal de composição (Akinlotan, 2016). De modo mais detalhado, para Quirk *et al* (1985) a disposição formal da construção se dá nos seguintes termos: o nome possuidor sucede o núcleo (possuído) e o pós modifica (sem o determinar, uma vez que a determinação é papel do determinante interno ao SN núcleo). Salientamos que esta é uma diferença formal entre a possessiva pós nominal e a prenominal, uma vez que no contexto desta a determinação referencial é uma função do SN possuidor - que funciona de modo análogo a um determinante (ver seção 3.2). Já o elemento possuidor em {[NP possessed] of [N possessor]} funciona como um pós-modificador (não acumulando em si a função determinativa, exercida por um elemento determinante prototípico, tipicamente *the*) (cf. Biber, 1999; Quirk *et al*, 1985).

No que tange à comparação com a construção prenominal (rever seção 2.2), {[NP possessor]`s [N possessed]}, Biber *et al* (1999, p. 300 - tradução nossa) afirma que “os pós modificadores” - caso em que a possessiva pós nominal se insere - “contém mais sinais a respeito das relações sintáticas/semânticas”. No exemplo provisionado pelo autor, as relações subjetivas são marcadas com *-by* (*Mrs. van Luyden`s portrait [by Huntington]*) e as objetivas com *-of* (*Terry`s portrait of our dishiest Cabinet Minister*). De igual modo, {[NP possessed] of [N possessor]} permite uma especificação mais detalhada - com mais material linguístico - da entidade possuída.

Já na descrição de Langacker (1995), a unidade morfológica *-of* é um membro da categoria gramatical preposição. Elementos preposicionais, por sua vez, salientam uma relação esquemática e intrínseca entre os elementos participantes. Estes elementos participantes esquemáticos, na qualidade de *marco* e *trajector*, serão elaborados pela correspondência com, respectivamente, o modificador/ possuidor e o núcleo nominal/ possuído.

Especificamente no que tange a *-of*, ele herda - enquanto preposição - esse significado mais abstrato de relação intrínseca mas o atualiza com “um significado mais especificado”, ou menos generalista, de “relação parte/todo” (Langacker, 1995, p. 68 - tradução nossa)⁵⁵. A conclusão decorrente do estado de fatos apresentado é a de que a relação parte/todo, sentido básico de *-of*, emana de uma noção mais generalista de relação intrínseca (própria dos elementos preposicionais).

Enquanto projetor de uma relação intrínseca, *-of* é “apropriado para o exercício da função possessiva” (Langacker, 1995, p. 67)⁵⁶, o que justifica - em contextos específicos de posse - a competição com *-'s*. Assim, quando utilizado na construção possessiva pós-nominal, *-of* se acomoda bem à dinâmica de ponto de referência, visto que, em uma relação intrínseca, uma entidade pode ser utilizada para acesso à outra. Todavia, uma diferença crucial entre os dois morfemas é a dinâmica através da qual a habilidade de ponto de referência é evocada. Enquanto *-'s* a evoca diretamente em sua base semântica, *-of* o faz de modo indireto, por meio da compatibilidade entre relação intrínseca (imane de *-of* enquanto preposição possessiva) e à habilidade de ponto de referência imane nos usos possessivos.

Langacker (1995) também destrincha os níveis de correspondência formal e discursiva que culminam na concatenação de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. A natureza relacional de *-of* demanda a especificação dos elementos relacionais dispostos esquematicamente. A construção {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} captura essa demanda. Basicamente, as funções de *trajector* e *marco* são especificadas por meio da correspondência com, respectivamente, as referências projetadas pelo núcleo e pelo modificador da construção. Langacker apresenta a instância *an acquaintance of Bill* e descreve a rota composicional de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. Parafraseando Langacker (1995) em sua explicação, na dinâmica de concatenação por correspondência, o nome *acquaintance* projeta uma relação intrínseca como parte de sua

⁵⁵ No original: (...) "in contrast with more specific notions such as part/whole relationships"

⁵⁶ No original: "it is suitable for possessive function"

base semântica. Essa relação é compatível com a relação projetada por *of Bill* (uma relação entre o *trajector* esquemático e o *marco* - expressamente *Bill*). O *trajector* é elaborado pelo possuidor *Bill*, uma vez que este satisfaz as exigências de correspondência referencial daquele. Essa mesma compatibilidade permite que o nome *acquaintance* se acomode bem ao papel de *trajector*. No nível construcional de integração, a construção salienta a entidade possuída, circunscrita na relação de ponto de referência.

Em suma, para o autor supracitado, tanto {[SN_{possuidor}]'s [N_{possuído}]} quanto {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} são análogas em termos da estratégia cognitivo-referencial adotada: uma entidade conceptualizada por meio do acesso a outra, presumidamente, mais proeminente em termos referenciais. A diferença entre elas, todavia, é sutil e está no movimento de construção desta estratégia: contrastando “*Kennedy’s assassination*” e “*the assassination of Kennedy*” (p.69), o autor argumenta que a primeira opção evoca relação do ponto de referência de modo direto, ao passo que a segunda salienta inicialmente uma relação intrínseca que culmina em uma relação de ponto de referência dadas as demandas do contexto de posse. Ao fim e ao cabo, as duas construções servem a propósitos semelhantes de referência e, portanto, estão em competição iminente (Biber, 1999).

É importante contextualizar todo o exposto acima em um cenário teórico mais macro: a rota composicional de ambas as nossas construções perfilam uma entidade. Assim o é porque, dado o seu *status* morfossintático de sintagmas nominais. Como Langacker (1995) ressalta,

uma expressão perfila uma entidade ou uma relação e a natureza desse perfilamento determina a sua classe gramatical. Desse modo, uma expressão nominal (por exemplo, um nome, pronome ou sintagma nominal) designam uma entidade, ao passo que a projeção de uma relação é característica de classes gramaticais como verbos, advérbios, adjetivos e preposições (Langacker, 1995, p.53 - tradução nossa)⁵⁷.

Por fim, em uma perspectiva cognitivo-conceptual, as construções não são resultado da apreensão objetiva e definitiva das entidades em si mesmas⁵⁸ em um suposto mundo que se abre e se coloca à disposição para que aprendamos sua essência autônoma. Antes, os sentidos que

⁵⁷ No original: ““an expression profiles either a thing or a relationship, the nature of its profile determining its basic grammatical class. Thus, a nominal expression (e.g. a noun, a pronoun or a noun phrase) designates a thing, whereas a relational profile is characteristic of classes such as verbs, adverbs, adjectives and prepositions”

⁵⁸ por entidades, nesse trecho, nos referimos a conceitos de caráter referencial nominal e também a relações entre esses conceitos, uma vez que as CNXs podem destacar tanto entidades nominais quanto relações (cf. Langacker, 1995, 2008, 2009).

estabelecemos a respeito do (e no) mundo que nos rodeia são processos resultantes de uma série de associações e abstrações, por sua vez fruto do trabalho de nossa cognição. Assim, as diferentes construções disponíveis não são recursos de apreensão essencialista e autônoma da realidade, Antes, elas são rotas de acesso que nos fornecem pistas do modo ativo e dinâmico como organizamos simbolicamente nossas experiências, atribuindo a elas sentidos complexos e relativamente estabelecidos. Assim, cada uma de nossas construções simbolizam virtualmente o mesmo significado, porém, elas evidenciam as diferentes rotas cognitivas quando da arquitetura deste significado.

2.4 Competição construcional em IL1

A presente seção versa sobre a alternância entre as construções possessivas binominais, objetos das seções anteriores. Em alinhamento com Stefanowitsch (2020), argumentamos que as duas construções são análogas no plano semântico (em termos do conteúdo relacional que evocam). Quando intercambiáveis, elas estão submetidas a critérios regentes de alternância (que correspondem a características do contexto linguístico-discursivo no qual a competição ocorre). Vale notar que os critérios não estão fechados e não há uma única descrição desses critérios universalmente aceita (cf. Monakhov, 2020).

Em linhas gerais, há um consenso entre diferentes autores a respeito da possibilidade de alternância entre $\{[NP_{possuidor}] \text{ 's } [N_{possuído}]\}$ e $\{ [N_{possuído}] \text{ of } [NP_{possuidor}]\}$, uma vez que não hajam fatores restritivos que dificultem a escolha de uma ou outra construção (cf. Biber, 1999; Celcie-Murcia & Larsen-Freeman, 1999). Nesse caso, a alternância entre as construções é desencorajada por meio da ação de forças variadas (restrições contextuais, formais, de processamento e assim por diante). Assumindo um cenário que licencia a competição, um questionamento relevante se dá a respeito do estado de fatos que justifica a existência dessas duas construções convencionalizadas na língua. Baseando-nos no conceito de preempção estatística (GOLDBERG, 2019) cada uma delas se acomoda melhor a nuances distintas do contexto em que a competição ocorre. Não são a mesma coisa nesse sentido mas sim alternativas semanticamente análogas e que evocam especificidades contextuais distintas (leia-se contexto, no sentido do conceito Goldberiano aqui evocado, como multidimensional; abarcando dimensões tanto dimensões formais quando pragmático-discursivas).

A fim de entender a competição entre as possessivas binominais, a Literatura conta com as contribuições de diversos autores, especificamente em termos da alternância entre a possessiva prenominal {[NP_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e a possessiva pós nominal { [N_{possuído}] of [NP_{possuidor}]}. Outrossim, é verdade que nem sempre as duas construções possessivas são intercambiáveis para um dado contexto. Todavia, quando o são, diferentes pesquisadores tentam compreender os fatores que regem essa alternância bem como o grau de influência de cada fator. Um exemplo tipicamente apontado pela literatura é o do fator animacidade. Via de regra, os possuidores animados favorecem a utilização da construção possessiva prenominal (cf. Celcie-Murcia & Larsen-Freeman, 1999; Deane, 1987; Stefanowitsch; Akinlotan, 2016, Monakhov, 2020).

Sobre esta competição, detalhamos o estudo de Röthlisberger & Schneider (2013). Os autores mencionam pesquisas prévias sobre o tema e chegam à conclusão que “o conjunto de parâmetros” e “a sua importância relativa geralmente diferem de acordo com o pesquisador em questão” (p.2 - tradução nossa)⁵⁹. Reconhecendo a multiplicidade de fatores salientados em trabalhos anteriores, os autores analisam a competição em questão com base em um critério especificamente sintático. Para tal, os autores analisam instâncias das duas estruturas genitivas em três *corpora* com recortes temporais distintos dentro da diacronia do século XX. Dentro dos *corpora*, foram selecionados somente estruturas genitivas presentes em um tipo de texto específico: produção textual acadêmica. Os autores argumentam que a comparação entre os *corpora* em questão, dentro de um contexto diacrônico, possibilita identificação e análise de uma eventual mudança na frequência de ocorrência e distribuição de {[NP_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e de { [N_{possuído}] of [NP_{possuidor}]}, em função do critério sintático de peso final (que, de acordo com os autores, prevê que constituintes mais curtos tendem a anteceder constituintes mais longos na materialidade linguística). O potencial de análise diacrônica se dá devido à janela de tempo que os *corpora*, em conjunto, abrangem: 1930-1960 e 1960-1990. O estudo é dividido em duas etapas metodológicas complementares: a abordagem manual e, posteriormente, a abordagem automática.

A primeira fase (manual) tem a importância substancial de garantir a coerência de inclusão de casos das duas construções para além do aspecto morfológico-formal. Nesta etapa, os autores adotaram um passo-a-passo metodológico para garantir que somente casos ilustrativos de

⁵⁹ No original: “ the set of parameters” e “their relative importance often differs from scholar to scholar”

uma “variação livre” entre as duas construções genitivas⁶⁰ (p. 4) fossem manualmente incluídos como parte da base de dados. O processo se deu da seguinte forma: primeiro, os textos acadêmicos foram submetidos ao programa de parseamento sintático *Pro3Gres* (Schneider, 2008 *apud* Röthlisberger & Schneider 2013) para garantir que, em cada dado, a superfície linguística (ou construto) resulte, de fato, da estrutura sintático-simbólica de genitivos de posse. Dito de modo mais simples, a leitura e a rotulação sintática do parseador assegura que o fatiamento sintático dos dados corresponda, no âmbito das restrições formais da construção, às convencionalizações do pólo da forma das construções possessivas pré e pós-nominais⁶¹. Uma vez passando pelo crivo do parseador sintático, cada dado em potencial foi manualmente analisado em termos da possibilidade de alternância entre as construções possessivas em questão. Em outras palavras, os autores só incluíram dados em um contexto de variação livre.

Os critérios para identificação dessa variação são bem delineados pelos autores. A competição é favorável quando o intercâmbio entre as duas construções passa pelo crivo das seguintes regras de conversão: i) equivalência semântica da relação evocada pelas duas construções, ii) gramaticalidade das duas estruturas (com nominais ocupando os *slots* de possuído e possuidor) e iii) função comunicativa das construções (referenciação de posse). Deste modo, ficaram de fora formulações como *a king of honour*, dada a agramaticalidade da alternativa **an honour`s king* (p. 4)

Também foram excluídos, nesta fase manual, usos idiomáticos ou convencionalizados de qualquer uma das duas construções e, de igual modo, usos que traziam consigo peculiaridades semântico-formais (genitivos elípticos ou coletivos, por exemplo). Com base no critério sintático de peso final, os autores conduzem as análises desta etapa manual. Em linhas gerais, a conclusão é a de que “uma diferença no peso influencia a escolha da construção possessiva” (p.7)⁶². Essa diferença fica muito saliente no recorte diacrônico 1960-1990: se o possuidor é mais longo que o possuído, ele tende a figurar em *-of*, de modo que possuidores mais complexos - em termos de material linguístico - figuram à direita das entidades possuídas que, comparativamente, recrutam

⁶⁰ a linguagem construcionista não é uma preocupação dos autores na descrição de seu estudo. Antes, eles usam termos mais generalistas, sem a preocupação mais iminente de salientar uma filiação teórica a modelos gramaticais específicos. Nós, contudo, abraçamos essa preocupação e tomamos a decisão de substituir termos como "estrutura genitiva" por "construção genitiva", sem que tal escolha metadescritiva incorra em inexatidões a respeito das decisões metodológicas e os resultados analíticos dos autores.

⁶¹ Novamente, o jargão metalinguístico por nós adotado busca convergência com a narrativa construcionista por nós adotada.

⁶² No original: a difference in length influences the choice of genitive".

menos material linguístico quando de sua instanciamento; ou seja, há espaço para postular o critério de peso final como fator de influência. A influência desse peso final, todavia, não parece ser substancial no primeiro recorte diacrônico (1930-1960), uma vez que há um aumento tanto de possuidores quanto de possuídos mais longos sendo instanciados por `s. Os autores salientam, todavia, a possibilidade de limitações estatísticas e elementos intervenientes outros interferirem nas tendências gerais providenciadas pelos dados nesse primeiro recorte temporal.

No segundo momento do estudo (o automático), os autores apontam para a insuficiência das regras de conversão na garantia de um contexto genuíno de alternância construcional, uma vez que tais regras não neutralizam, em sua integralidade, o caráter um tanto subjetivo da decisão de inclusão/exclusão de exemplos, uma vez que - ao menos em algum grau - o falante se apóia em sua intuição linguística quando da manipulação dessas regras.

Para mitigar esse problema nessa segunda fase metodológica, os autores adicionaram à problemática da inclusão/exclusão mais um critério complementar, dessa vez mais objetivo. Exemplos que foram bem sucedidos no teste das regras de conversão tinham que ter um exemplo nos *corpora* com a construção alternativa (para que a intuição sobre as regras de conversão seja empiricamente corroborada). Os pesquisadores apontam ainda mais um desafio (com efeito interveniente): a chance de os mesmos itens lexicais figurarem nas duas construções alternativas (preservando suas posições construcionais de possuidor e possuído) é escassa. Logo, a solução encontrada foi a busca por nomes de mesma classe semântica nessa alternância. Os dados apontam que o mapeamento de classes semânticas de entidades nominais possui um alto grau de correspondência com os dados incluídos como exemplos de variação livre na etapa manual. Por conseguinte, as análises estatísticas da fase automática apontaram para uma crescente importância do critério de peso final na escolha dos falantes.

Conforme já evidenciado até aqui, diferentes autores apresentam critérios distintos para dar conta de uma alternância construcional cuja dinâmica precisa não é totalmente transparente (Celcie-Murcia & Larsen-Freeman, 1999). Stefanowitsch (2020), todavia, apresenta um consenso geral a este respeito, especificando três critérios norteadores específicos e aplicados sobre o possuidor, a saber: (i) status informacional, (ii) animacidade e (iii) tamanho. De acordo com o autor, para (i), a possessiva prenominal será preferida quando o possuidor representar informação velha e, inversamente, a possessiva pós nominal tenderá a ser recrutada quando o possuidor representar informação nova. No tocante a (ii), a prenominal será mais facilmente

recrutada quando o possuidor evocar um referente animado; para possuidores inanimados a pós nominal se beneficia do fator preferência. Por fim, para (iii), referentes possuidores mais curtos sinalizam a favor da possessiva pré-nominal e, por conseguinte, os mais longos apontam para a pós-nominal. Os critérios apresentados pelo autor, em razão de sua natureza consensual, nortearam a organização e a posterior análise do presente estudo.

Outrossim, a competição delineada acima ganha ainda mais complexidade quando enriquecida, em contexto de contato, com a construção {[N_{possuído}] de [SN_{possuidor}]}. Em uma perspectiva diassistêmica, o contato linguístico pode revestir de novidade os fatores distributivos discutidos acima e *a priori* associados ao Inglês como L1. A saliência desses fatores pode ser reconfigurada dada a realidade de contato. Abaixo, temos a possessiva binominal do Português, uma vez que alguns conhecimentos sobre ela serão recrutados no momento da análise qualitativa do presente estudo.

2.5 O pareamento {[N_{possuído}] de [SN_{possuidor}]}

Nas seções anteriores deste capítulo, apresentamos, para o inglês, uma síntese do que se tem discutido a respeito das construções possessivas binominais, que tipicamente disputam os contextos comunicativos específicos. Toda a argumentação apresentada nesse sentido foi construída com base na reflexão em torno do Inglês como Língua Materna (IL1) . Nosso contexto, todavia, é distinto. Não estamos lidando com falantes nativos mas sim com falantes de Inglês como língua adicional (ILA)

A postulação de um *constructicon* multilíngue, construto compatível com a GCBU/GCD, se desdobra em decisões práticas de pesquisa. Na empreitada de entender a organização da realidade multilíngue deste *constructicon*, não seria prudente assumir acriticamente a realidade apresentada sobre pesquisas em L1 como o estado de fatos pertinente à nossa situação de língua adicional. Elementos do Português Brasileiro devem entrar em cena, para que nossas análises futuras sejam construídas nesse caminho dialógico. Assim, acrescentaremos à nossa base analítico-interpretativa apontamentos já realizados a respeito da construção {[N_{possuído}] de [SN_{possuidor}]}, em razão do contato linguístico e de sua proximidade formal e semântica com as construções binominais do Inglês.

Lisboa Júnior propõe-se a analisar a estrutura semântica da binominal possessiva do Português. O autor apresenta uma informação de primordial relevância para o contexto desse estudo: ele reconhece, no contexto de nossa língua, a polissemia da construção, em contraste com a estratégia adotada pelo inglês. O pesquisador aponta para uma diferença tipológica entre o Inglês e o Português: enquanto o primeiro adota uma estratégia de “heterossemia”, com dois “expedientes linguísticos” para codificar as relações de posse (alienável e inalienável) (Lisboa Jr, 2019, p.179), o segundo já recorre, de modo econômico, a uma única estrutura morfêmica na expressão das mesmas relações. Em outras palavras, o autor aponta para uma competição no Inglês por heterossemia e, em contraste tipológico, aponta a existência de uma única construção binominal possessiva no Português.

O autor recorre aos construtos propostos por Langacker (1995) para a descrição das relações evocadas pelo morfema *de-possessivo*, alinhando-se a máxima Lagackeriana de ser a preposição um elemento inerentemente relacional. Não obstante, Lisboa Júnior propõe um conjunto de relações semânticas prototípicas para construção possessiva na qual esse morfema figura. Estas relações são todas imanentes - em última instância - de um esquema imagético de contigüidade, por meio do qual os elementos relacionais A e B - em uma dinâmica metonímica - “implicam-se em uma mesma estrutura conceptual” (Lisboa Junior, 2019, p. 186). O autor atribui defende que os diferentes significados de {[N possuído] de [SN possuidor]} são integrados nessa base de contigüidade).

Dessa noção basilar, duas relações prototípicas são licenciadas: parte-todo (para posse inalienável) e controlado-controlador (para posse alienável e correspondente à noção de propriedade anteriormente apresentada). Do mesmo modo, por meio de reconfigurações de propriedades básicas do esquema imagético basilar (do qual os protótipos emergem) surgem relações não prototípicas, classificadas como relações de locatividade possessiva (exemplo: “armários da cozinha”, p. 191). Compondo a polissemia do item linguístico em questão, a categoria gradiente de posse abarca opções ainda mais radiais: as relações de posse abstrata. Essas relações, por sua vez, viabilizadas por meio da sobreposição de “domínios de contigüidade possessiva” como base para a interpretação metafórica de “um domínio de contigüidade mais abstrato” (p. 194). O autor exemplifica com a relação de parentesco (“o filho de Trump”, p. 195).

Apresentamos abaixo um quadro, por nós elaborado, que sintetiza a taxonomia de relações semânticas identificadas pelo autor. A extremidade direita do quadro fornece exemplos,

provisionados pelo autor, de cada uma dessas relações. As páginas precisas de cada um dos exemplos estão indicadas entre parênteses. Semelhantemente, as relações específicas, de acordo com o subgrupo a que pertencem, espriam-se em gradiência desde instâncias prototípicas (no extremidade vertical mais alta) até instâncias mais radiais (as extensões genitivas, no ponto mais baixo da organização vertical).

SUBGRUPOS DE RELAÇÕES SEMÂNTICAS	RELAÇÕES E SPECIFICADAS	EXEMPLOS
Prototípicas	Parte-todo	“A boca da anitta” (p. 189)
	Controlado-controlador	“o boné do autor” (p. 189)
Locatividade possessiva	Parte-todo	“a capa do livro” (p. 191)
	Contêiner	“os armários da cozinha” (p. 191)
	Contato/adjacência	“o quadro da parede” (p. 191)
	Adjacência	“antena da televisão” (p.191)
Posse abstrata	Sentimento-estado Psicológico/ experienciador	“a alegria da mãe” (p. 193)
	Atributo/entidade	“a beleza de Yancy Butler” (p. 193)
Extensões genitivas	Genitivo de parentesco	“o filho de Trump” (p. 195)
	Genitivo subjetivo	“o riso das crianças” (p.195)
	Genitivo objetivo	“o assassinato do herdeiro austríaco Sarajevo” (p.195)

Tabela 2.1 - Relações de posse em {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]} - elaboração nossa, baseado em Lisboa Júnior, 2019)

Por fim, embora os critérios de prototipicidade não sejam suficiente delineados ao longo do artigo, Lisboa Júnior apresenta três contribuições importantes para a compreensão do elemento *-de*, delineadas por meio das 3 máximas abaixo:

- (i) A construção supracitada reúne, polissemicamente, diferentes relações semânticas conceptualizadas a partir do domínio da posse;
- (ii) Embora a classificação taxonômica e a organização da prototipicidade dessas relações sejam distintas das propostas para o inglês (delineadas acima) o autor contempla relações semânticas análogas às apresentadas para o Inglês;
- (iii) A Língua Portuguesa é, em razão de (i), mais econômica, uma vez que dispõe de apenas uma construção binominal para dar conta das relações de posse, ao passo que o Inglês apresenta duas em competição.

Note que, para os propósitos deste trabalho (que lida com um contexto de contato linguístico) a ausência de competição no Português é um fator importante e, de igual modo, a similaridade do escopo de relações semânticas possessivas entre o Inglês e o Português também o é. Na seção 3.5, abordamos o cenário em que a competição entre as possessivas binominais ocorre para o caso do Inglês como Língua Materna (IL1). A seção vindoura, por sua vez, ilustra contribuições da Literatura sobre o referido cenário de competição, acrescido de eventuais pressões simbólicas advindas de outros sistemas linguísticos.

2.6 A competição construcional e contato linguístico

A disputa que se desenrola entre as possessivas binominais por contextos comunicativos análogos em IL1 é objeto de reflexão teórica em trabalhos como os de Langacker (1995), Taylor (1996) e Stefanowitsch (2020). Todavia, em situações de contato, os critérios norteadores frequentemente apontados como regentes da alternância entre as duas construções gramaticais podem apresentar diferentes níveis de protagonismo. Assim o é, em razão da interferência de outras representações convencionalmente associadas a outros sistemas linguísticos. O estudo de

Akinlotan (2016), por exemplo, examina a abrangência de atuação desses critérios para a variação das construções possessiva binominais no contexto do Inglês da Nigéria (dada a sua íntima relação com outros sistemas linguísticos no contexto nigeriano de multilinguismo). O autor apresenta, recorrendo a pesquisas previamente conduzidas, alguns critérios amplamente considerados como fatores influentes para a coordenação da alternância entre as binominais possessivas. Eis os fatores: animacidade, topicalidade, prototipicidade e extensão.

O pesquisador sintetiza as conclusões a respeito de cada um desses critérios no contexto de alternância nas variedades britânica, canadense e estadunidense do Inglês. Em seguida, ele também apresenta a sua hipótese/expectativa prévia de (não) convergência com os achados gerais para cada um dos critérios acima apontados, dadas as especificidades do contexto de contato no qual o Inglês nigeriano evolui. A respeito da animacidade, o autor apresenta o consenso geral de que a animacidade do possuidor tende a favorecer o recrutamento da construção possessiva pré-nominal. Ao passo que a inanimacidade do possuidor assinala o uso da possessiva pós nominal. A previsão do autor para a variedade nigeriana é a de que os possuidores animados serão instanciados na construção pré-nominal. Todavia, apesar desse primeiro aspecto convergente com os achados anteriores, o critério da animacidade não pode ser tomado como decisivo, uma vez que - no caso dos referentes inanimados - os dados não apontam para um favorecimento na direção de {[SN_{possuidor}] of [N_{possuído}]}, contrariando as tendências gerais encontradas nas pesquisas delineadas pelo autor.

O segundo critério apontado pelo autor é o do “peso sintático” ou (“tamanho relativo”) (p. 62). A compreensão geral captura uma tendência específica: a possessiva prenominal é favorecida quando o possuidor é menor (em relação à entidade possuída). Quando o possuidor é mais extenso, a construção pós nominal ganha vantagem. A hipótese central do autor é que a variedade nigeriana não corresponderá a essa propensão geral. Antes, as duas construções acomodam bem tanto entidades possuidoras quanto possuídas, a despeito de sua extensão ou da quantidade de material linguístico recrutado para a sua instanciação.

O terceiro fator apontado pelo pesquisador é de natureza semântico-conceptual, a saber: quanto mais intimamente relacionados por proximidade “conceptual” (p. 62) mais possuidor e possuído estarão integrados no nível da forma, o que favorece o uso de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}. Semelhantemente, elementos que não gozam da mesma proximidade conceptual representam relações possessivas não prototípicas favorecendo o uso de {[SN_{possuidor}] of

[N_{possuido}]]. Nesse quesito, as previsões da hipótese do autor para este critério norteador são convergentes com o estado de fatos apontado pelas pesquisas prévias.

Na sequência, Akinlotan (2016) apresenta o critério da topicalidade: a depender do status das entidades em termos de conhecimento compartilhado entre os interlocutores (referente novo ou velho), uma das duas construções será acionada. O autor revisa trabalhos não só a favor do peso da topicalidade mas também contra essa influência. Sua hipótese - situada para as especificidades do contexto nigeriano - prevê uma não relevância da topicalidade quando da escolha entre as construções possessivas binominais

O último parâmetro contempla a relação entre o gênero textual e a preferência por uma das duas construções em questão. As construções competem, então, pela acomodação mais refinada às necessidades comunicativas dos tipos de texto em que se apresentam. Pesquisas prévias sugerem que “textos que veiculam uma grande quantidade de informação preferem a possessiva prenominal” (p.64 - tradução nossa⁶³) para instanciação econômica desta carga informacional, desde que o gênero textual permita a brevidade. Por sua vez, a possessiva pós nominal é preferida em gêneros textuais mais formais. A hipótese do autor não contempla esse critério como relevante para os falantes de Inglês da Nigéria.

Para aferir suas hipóteses, o autor compila exemplos de textos escritos em Inglês Nigeriano do *International Corpus of English*. Dentre esses textos, de variados registros escritos, foram compilados exemplos das construções possessivas binominais em competição e excluídos da lista casos em que a alternância ocasiona prejuízo substancial de sentido. Os exemplos foram estatisticamente analisados em termos de suas tendências gerais com relação aos parâmetros de pesquisas anteriores apontados acima. Em linhas gerais, o autor argumenta que “há alguma relação entre a animacidade do possuidor e a escolha do genitivo” (Akinlotan, 2016, p. 67 - tradução nossa)⁶⁴. Assim sendo, possuidores dotados de animacidade tendem a ocorrer na possessiva prenominal, como nas variedades de Inglês estadunidense e britânico. Já a respeito do peso sintático, a análise do autor aponta para a não relevância da relação entre peso do possuidor e escolha da forma genitiva. Todavia, no caso do possuído, o peso parece influenciar a escolha dos falantes.

⁶³ No original: “texts required to disseminate large amounts of information markedly prefer the s-genitive”

⁶⁴ No original: “there is some relationship between the animacy of the possessor and genitive form choice”

Por sua vez, a análise de porcentagem do critério da topicalidade prevê uma maior identificação do possuidor tópico com a construção possessiva prenominal e uma maior frequência de ocorrência de {[SN_{possuidor}] of [N_{possuído}]} em relações não tópicas. Por fim, o critério da prototipicidade não recebe o *status* de relevância como fator independente. Para os casos em que a relação semântico-conceptual entre possuído e possuidor não é tão próxima, a escolha entre as duas formas possessivas está minimamente equilibrada. Em suma, a variedade escrita do Inglês Nigeriano, dentro do contexto analisado, segue a mesma tendência do Inglês Britânico e Estadunidense para a animacidade. Os outros critérios comportam-se de modo peculiar por razões do contato linguístico proveniente do ambiente multilingual em que essa variedade do Inglês é utilizada.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Neste estudo, com foco na competição entre os possessivos binominais do Inglês no contexto de contato Br-Pt/L1 - EAL, nosso objetivo é entender se, no caso do Inglês como Língua Adicional (ILA), a distribuição das construções binominais possessivas em competição está de acordo com as tendências já documentadas para o Inglês como língua nativa (IL1). Stefanowitsch (2020) resume o que parece ser um consenso em relação aos fatores que influenciam essa alternância. O referido autor nos apresenta três critérios norteadores: *animacidade*, *status informacional* e *tamanho*, todos referentes ao elemento possuidor e operando não em termos categóricos, mas como sinalizadores de tendências de mapeamento entre construções e cenários contextuais. Em sua análise, o pesquisador trata cada um desses fatores como variáveis independentes com seus próprios valores internos. Assim, temos (i) ANIMACIDADE (animado, inanimado), (ii) STATUS INFORMACIONAL (dado, novo) e (iii) TAMANHO⁶⁵ (curto, longo). Em cada um dos pares acima, os elementos à esquerda favorecem a escolha de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} . Por sua vez, os valores à direita criam um contexto de preferência por {[SN_{possuidor}] of [N_{possuído}]} .

Com base nas tendências apresentadas acima (e em razão de seu caráter consensual na literatura), voltamo-nos para o contexto da alternância entre possessivos binominais em ILA com as seguintes perguntas gerais: i) *em uma situação de contato (especificamente no caso de*

⁶⁵ O uso em *capslock* dos termos acima significa que estamos fazendo referência a eles enquanto variáveis independentes norteadoras da alternância construcional objeto de nosso estudo.

falantes de ILA que são falantes nativos de Pt-Br/L1), o comportamento de escolha construcional converge empiricamente com o comportamento dos falantes nativos? Além disso, essa convergência é aleatória ou motivada por cada critério? No caso do segundo cenário, qual o grau de influência (em termos probabilísticos) destes critérios norteadores na alternância entre construções? Antes de apresentar a hipótese geral deste estudo, é importante antecipar o raciocínio teórico por trás dela:

- (i) Dada a natureza associativa de nossa memória, a aproximação entre os exemplares de {[SN_{possuido}] of [N_{possuidor}]} e {[SN_{possuido}] de [N_{possuidor}]} na mesma nuvem de exemplares encontra suporte teórico em razão dos seguintes fatores cruciais: a semelhança formal e semântica entre as duas construções e, igualmente, a capacidade cognitiva do falante de estabelecer vínculos de analogia por meio da associação interlingual (cf. Hilpert, 2019). Uma vez que esse vínculo interlingual é estabelecido, algumas propriedades de sistemas linguísticos específicos podem ser (super)generalizadas para outros que figuram no mesmo *constructicon* multilíngue (Hilpert, 2019; Höder, 2012; 2014; Höder, Prentice & Tingsell, 2020);
- (ii) As características contextuais gerais moldam o ambiente situacional no qual ocorre a simbolização (linguística). No caso do contato de aprendizagem tardia (Freitas Jr *et al*, 2021), a instrução formal é um elemento a ser considerado. Mais especificamente, nos ambientes instrucionais brasileiros, o contexto de referentes animados é, em geral, explicitamente associado a {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuido}]}. Quanto aos outros dois fatores de orientação reconhecidos pela literatura científica, eles não recebem o mesmo destaque nas salas de aula de ILA.
- (iii) O inglês apresenta uma tendência geral de colocar as informações mais pesadas (ou de maior complexidade linguística) no final das frases (Yule, 1998).

Em vista do exposto, formulamos nossa hipótese geral: *no que tange a ambos os valores internos de ANIMACIDADE, em nossa interface de contato específica Pt-Br/L1 e ILA, as representações do Pt-Br/L1 influenciam, por analogia, a orientação da escolha construcional majoritariamente na direção de {[SN_{possuido}] of [N_{possuidor}]}. No entanto, quando se trata de*

TAMANHO e ANIMACIDADE, o resultado da distribuição será nativo-convergente. Além disso, acreditamos que esses resultados distributivos não são aleatórios, mas refletem as relações probabilísticas em jogo, que regulam o mapeamento entre as construções e seus contextos preferenciais.

Essa hipótese pode ser desmembrada em três hipóteses específicas, cujas previsões dizem ao contexto específico de nosso *corpus* compilado:

(i) *Em relação ao fator ANIMACIDADE, os falantes de ILA se comportarão de maneira semelhante em comparação com os falantes nativos, devido ao destaque que este fator recebe durante a instrução formal em sala de aula. Também prevemos que este critério se mostrará relevante, probabilisticamente, para essa distribuição nativo-convergente;*

(ii) *Da mesma forma, em relação ao TAMANHO, os falantes de EAL também apresentarão uma distribuição de acordo com as tendências dos falantes nativos/ IL1, muito em razão de uma sensibilidade ao peso de complexidade das porções linguísticas. Da mesma forma, probabilisticamente falando, TAMANHO será um critério relevante para a escolha da construção;*

(iii) *Por outro lado, acreditamos que os resultados de distribuição dos falantes de ILA serão EL1-divergentes em relação ao STATUS INFORMACIONAL, devido à falta de instrução formal a esse respeito e ao fato deste fator ser de natureza altamente pragmática (mais difícil de apreender apenas com base em fatores semântico-formais). Consequentemente, a escolha construcional em IL1 provavelmente será direcionada para {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, por meio de uma analogia semântica/formal default com {[N_{possessed}] de [NP_{possessor}]}.*

Em termos de seus objetivos, este estudo pretende (i) medir quantitativamente o comportamento de EAL, falantes nativos de Br-Pt/L1 em relação a cada critério orientador da competição entre os possessivos binominais do inglês em nosso *corpus* específico, e (ii) avaliar a relevância, em termos probabilísticos, desses critérios em termos de resultado da escolha de construção. Para atingir os objetivos propostos, realizamos uma análise de *corpus* especializado

nas seguintes fases, descritas em ordem cronológica: na fase I, compilamos textos acadêmicos em IL1, escritos por alunos de graduação em Letras - Português/Inglês da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na fase II, reunimos todas as ocorrências de possessivos binominais desses textos e criamos nosso *corpus* especializado (BiPoEAL - *Binominal Possessives of English as an Additional Language*)⁶⁶. O estudo culmina em uma análise estatístico-distribucional de ambas as escolhas construcionais em ILA (em um cenário que permite a alternância dessas construções). A este referida análise, relacionamos de modo complementar uma regressão logística binomial, a fim de aferir a dinâmica probabilística subjacente a essas escolhas. Estas duas etapas estatísticas compõem conjuntamente a fase III.

As seções a seguir tratam dos detalhes das fases mencionadas acima. Vamos começar com a compilação de textos acadêmicos (fase I).

3.1 - Fase 1: Compilação dos textos

Os alunos que concordaram em participar da pesquisa, após assinarem um termo de consentimento, enviaram seus textos para o endereço de e-mail institucional do pesquisador. Os textos recebidos foram examinados de acordo com os seguintes critérios:

- i) Os textos devem ser de autoria individual;
- ii) Os falantes devem conhecer apenas os idiomas envolvidos na situação de contato (ILA e Pt-Br/L1);
- iii) Os textos devem estar relacionados à produção acadêmica dos alunos em disciplinas específicas componentes da graduação em Letras - Português/Inglês da UFRJ;
- iv) Por conseguinte, as produções textuais devem ser oriundas de um contexto genuíno de interlocução: devem ter sido submetidas à avaliação do professor responsável pela disciplina em questão, com o objetivo comunicativo de atestar o conhecimento técnico em um determinado assunto (cf. Silva, 2017);
- v) O trabalho deve ter sido avaliado com uma nota satisfatória para aprovação;

⁶⁶ *Corpus* disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/11shscRnCYVq2bdvJxKE7KrPpmK7d-ZSZ/edit?usp=sharing&ouid=115122435687527121619&rtfpof=true&sd=true>

vi) Até 4 (quatro) textos por participante. Os textos devem totalizar no máximo 16 laudas (contadas a partir do início do texto corrido, desconsiderando as partes pré e pós-textuais).

O fluxo total de textos recebidos foi de 98 (noventa e oito) trabalhos acadêmicos. Desse total, 43 textos fazem parte de nosso banco de dados de texto *on-line* e 45 foram excluídos por não atenderem a um (ou mais) dos critérios acima. Depois que o banco de dados foi organizado, seguiu-se a segunda etapa do estudo: a compilação de um *corpus* especializado com apenas construções dos possessivos binominais concorrentes.

3.2 - Fase II: Compilação do corpus

Na fase II de nosso estudo, cada um dos textos incluídos em nosso banco de dados foi lido cuidadosamente, pelo menos duas vezes, e as ocorrências de ambas as possessivas binominais foram reunidas em um *corpus*, o BiPoEAL (*Binominal Possessives in English as Additional Language*). Um argumento a favor da análise de *corpus* versa sobre a imprecisão de nossas intuições para fins de reflexão metalinguística (Reppen, 2010). Além disso, no caso dos *corpora* especializados, o pesquisador - que geralmente também é o compilador do *corpus* - tem acesso a textos completos ao invés de fragmentos e pode, portanto, valer-se de um conhecimento discursivo-contextual mais amplo em sua análise (cf. Flowerdew, 2004).

Em termos de interlocução, os autores dos textos são estudantes de graduação, efetuando escolhas linguística em um contexto de produção normativo e formal, e confrontados com a tarefa de demonstrar habilidades crítico-analíticas e de persuasão argumentativa aguçadas a interlocutores, por sua vez, altamente qualificados e que ocupam o lugar social de avaliadores. Já no que tange aos temas abordados em si, os autores dos textos de nosso *corpus* devem dialogar criticamente com o mundo metafísico dos romances literários. Isto é: eles devem construir sua visão do mundo social e simbólico dos personagens, fazendo uma ponte entre as narrativas em questão e nosso próprio mundo sociossemiótico e ilustrando as relações de poder assimétricas que afetam nossa realidade imediata como sujeitos sociais. Não é preciso dizer que todas essas questões afetam, de forma complexa, o estilo de escrita, bem como a frequência geral das construções em nosso *corpus*. A seguir, apresentaremos os critérios desenvolvidos para garantir um banco de dados com coesão interna.

3.2.1 - critérios de inclusão

Detalhamos aqui o processo de compilação de um *corpus* de possessivas binominais do ILA, oriundo de nossa base de textos previamente coletados. Considerando que a presença dos morfemas *-s* e *-of* não pode ser um critério único para identificar uma construção possessiva binominal, sua presença deve ser combinada a um conjunto de critérios que garantam que estamos lidando com os *templates* construcionais de nosso interesse (e tendo garantida a possibilidade de alternância entre eles garantida) (cf. Stefanowitsch, 1998). Assim, a confiabilidade de nossos resultados depende da identificação coerente de nossas construções. Conseqüentemente, desenvolvemos alguns critérios para o mapeamento de ambas as construções, orientados pelo conceito de construção como um pareamento de forma e significado (cf. Goldberg, 2003). O contexto no qual nossas ocorrências de possessivas foram encontradas deve permitir o uso alternativo da construção correspondente. Assim, excluimos os casos em que a competição entre os possessivos binominais é restringida por fatores intervenientes que não nos interessam para os fins desta pesquisa.

A seguir, apresentamos uma síntese desses critérios de mapeamento e, sempre que possível, ilustramos cada um deles com exemplos binominais dos textos excluídos da fase I. Quando julgamos necessário e se nenhum exemplo satisfatório foi identificado, criamos um exemplo para fins de ilustração (marcado entre colchetes). Por fim, os critérios abaixo são uma combinação entre Biber (1999) e percepções oriundas de nosso processo de familiarização com os dados. Os referidos critérios surgiram, em parte, como respostas que encontramos para problemas apresentados por dados mais difíceis de discernir. Apresentamos abaixo nossos critérios de mapeamento:

(i) As ocorrências binominais não poderiam ser exemplos de construções atributivas (Biber, 1999);

Aqui, vale a pena entrar em mais detalhes sobre o que estamos chamando de construção atributiva, contrastando-a com instâncias possessivas. Observando as construções nos textos, chegamos a alguns parâmetros de distribuição relevantes. No caso dos possessivos, o modificador (possuidor) é, de fato, concebido como um ponto de referência e, como resultado, preservou seu caráter individualizado, sendo - em sua totalidade - parte da cena conceitual.

Nossa hipótese é que a construção possessiva é análoga a, por exemplo, *o livro de Michele* ou *os freios do carro*. No entanto, nas construções atributivas, o modificador é conceitualizado não em sua individualidade/integridade, mas em termos de uma de suas propriedades ou características específicas. Essa propriedade enfatizada é usada para categorizar entidades. Um exemplo excluído de nossos dados é:

*“She also shows how Clarice's legacy is marked in a material way, through statues in her honor or through the **children's version** of her books, for example”* (ocorrência excluída).

Além disso, a distinção construcional acima é apoiada por Biber (1999). O autor também afirma que as construções possessivas respondem à pergunta sobre *quem*, enquanto a relação codificada pelas construções atributivas responde *o quê*. Um teste final para a distinção entre os *templates* possessivo e atributivo é substituir o *template* binominal em questão por um análogo. Com a paridade de significado como critério de orientação, se a opção análoga mais apropriada for a construção possessiva binominal concorrente, estamos lidando com uma possessiva binominal. Todavia, se a paridade ocorrer por meio de outra construção qualquer, estamos lidando com uma construção não possessiva. Voltemos ao exemplo acima: a paridade semântica é obtida por meio da opção *the version of her books for children* (cf. Biber, 1999), o que justifica, por meio de uma comutação incoerente em relação aos nossos critérios de paridade, a retirada da ocorrência acima de nosso *corpus*.

O critério (i) funciona como o principal diferenciador dos contextos de construção que -'s integra. Por sua vez, os critérios (ii), (iii), (iv), (vii) abaixo se aplicam especificamente a -of, dada a produtividade desse morfema devido à sua associação com vários modelos construcionais (cf. Stefanowitsch, 1998). Os demais se aplicam a ambas as construções.

(ii) As ocorrências com -of não podem figurar em uma estrutura partitiva;]

(iii) -of não pode fazer parte de estruturas com função coesivo-textual: *“however, the technical procedures of them gave us some trouble not only **because of** the online platform to which we were not accustomed, but also due to the tools involved in the edition of the archives”* (ocorrência excluída);

(iv) Da mesma forma, o morfema em questão não pode aparecer em nenhuma estrutura pré-fabricada: “*Partoor points out the ambiguity of the situations that the QAnon supporters claim to be undeniable proof of Trump's link to their cause, markedly, **the lack of direct endorsement of their presence on his rallies***” (ocorrência excluída);

(v) Mesmo diante da relação de posse, a construção não pode apresentar dois nomes possuidores coordenados (essa coordenação colocaria em dúvida qual nome foi mais saliente para a escolha da construção): “*While Pamela is a story that focuses more on **the development of characters and their characteristics**, Joseph Andrews focuses on the development of the story*” (ocorrência excluída);

(vi) Quando o mesmo nome de possuidor já apareceu no contexto da mesma binominal possessiva e dentro do mesmo texto, essa ocorrência não foi computada (isso ajuda a atenuar quaisquer efeitos de *priming* que possam interferir na competição para além de nossos três critérios norteadores);

(vii) Quando a ocorrência alude a uma categoria de elementos, a mesma foi excluída: “*In this essay, it will be argued that Joseph Andrews by Henry Fielding is **an example of an anti-realistic novel**, justifying this argument by comparing its narrating strategy to the one presented in Pamela or Virtue Rewarded by Samuel Richardson*” (ocorrência excluída);

(viii) As ocorrências, mesmo quando possessivas de fato, foram excluídas quando o uso da construção binominal alternada é agramatical: *a friend of mine x mine's friend* (exemplo ilustrativo criado);

(ix) Quando a alternância construcional resulta em uma mudança substancial de significado e a paridade semântica não pôde ser assegurada, excluimos as ocorrências

(x) Foram excluídos os usos de construções convencionalizadas: “*The first two images are of the same character role (the princess) in two different games of **the Prince of Persia series**, one of 1989 and the other from 2008*” (ocorrência excluída) (critério de acordo com Rothlisberger e Schneider, 2013).

(xi) Foram excluídos os casos em que tanto o possuidor quanto o possuído se referem a entidades abstratas: Esse critério converge com a sistematização dos traços apresentados para as relações de posse de Heine (1997): o possuidor precisa ser um elemento concreto. “*Firstly, the Anglo-Saxon brought to Britain the runic alphabet which was designed for **Germanic languages' phonology***” (ocorrência excluída)

(xii) Excluímos os casos em que há uma incompatibilidade entre a semântica do nome instanciado e a semântica do *slot* construcional (por exemplo: nomes que evocam em si a ideia de possuidor, sendo instanciados em *slots* de entidades possuídas): “*Do learners should sound like native speakers? Are native speakers **the real owners of English?***” (corrência excluída). No exemplo apresentado aqui, o espaço nominal à esquerda sugere uma função relacional de possuído. No entanto, no nível lexical, o termo recrutado carrega consigo a semântica de possessor.

(xiii) As construções possessivas que ocorrem no contexto de citações/referências acadêmicas também foram excluídas.

(xiv) Em conformidade com Rothlisberger e Schneider (2013), as ocorrências elípticas ou pronominais das construções também foram descartadas

(xv) Da mesma forma, os possuidores coletivos foram excluídos. Isso se deve à possibilidade de conceituar o possuidor como uma referência unitária ou como um grupo de indivíduos coesivamente referenciados por um único termo (cf. Celcie-Murcia & Larsen-Freeman, 1999): “*Moreover, the naturalization of **elite's power** over poor people (...)*” (ocorrência excluída);

(xvi) Desconsideramos os casos possessivos em que a concorrência entre construções é impedida por algum fator sintático interveniente. Nesses casos, a alternância causaria ambiguidade semântico-sintática: “*The novel comes to an end, but **Karim's quest for identity** does not because it will never be over*” (ocorrência excluída). A alternância da construção em questão resultaria na formação *the quest for identity of karen*, e o escopo sintático de *of karen* pode estar relacionado tanto à *quest* quanto à *identity*;

(xvii) Com relação à semântica dos binômios identificados na fase 1, eles só seriam considerados possessivos se instanciassem qualquer uma das sete noções de posse sistematizadas em Heine (1997).

Por fim, os casos que suscitaram dúvidas, mesmo após a aplicação dos critérios, foram submetidos a uma verificação dos traços de prototipicidade sistematizados em Heine (1997). Vale ressaltar que um dos objetivos práticos do conjunto de critérios acima é garantir um contexto de alternância construcional que preceda a própria escolha. Após essa triagem, as ocorrências compiladas recebem o *status* de dado em nosso *corpus* especializado. Estes dados

foram organizados de acordo com o seguinte modelo de remissão: *IB.f.Lit*. Respectivamente, o número 1 corresponde ao autor do texto, enquanto a letra maiúscula faz referência ao texto fornecido por esse locutor (B = segundo texto), a letra minúscula remete à ordem linear dos dados em relação aos outros dentro da mesma produção textual (f = sexto dado) e, por fim, o gênero acadêmico é codificado como, por exemplo, (Lit). Há dois grupos de gêneros no corpus: literário (Lit) e análise linguístico-gramatical (Lin). Em cada um desses grupos, temos 36 e 7 textos, respectivamente. Em termos de número total, nosso banco de dados contém 134 (cento e trinta e quatro) ocorrências de possessivos binominais, produzidos por um total de 24 falantes. A quantidade de dados é relativamente pequena, o que aparentemente representa uma desvantagem. No entanto, essa desvantagem é compensada pelo alto nível de similaridade contextual e especificidade de nossos dados como um todo, resultante do refinamento de nossos critérios de inclusão. Em seguida, o *corpus* foi anotado de acordo com os critérios orientadores de comportamento presentes em Stefanowitsch (2020), conforme estabelecido na seção abaixo.

3.2.2 - Critérios de anotação do *corpus*

Os critérios orientadores de distribuição (SIZE, GIVENNESS e SIZE) divergem dos critérios de mapeamento de construções: enquanto estes últimos garantem a identificação de possessivas binominais concorrentes e justificam a inclusão de ocorrências no *corpus*, os primeiros delimitam - após a aplicação dos critérios de mapeamento - o cenário contextual em que uma das construções pode prevalecer na competição, tendo em vista que essa competição decorre da tensão entre os três critérios orientadores.

Em seguida, apresentamos nossa definição operacionalizada para cada um dos critérios de orientação. Essa operacionalização foi necessária para garantir a uniformidade dos dados, uma vez que a natureza multifacetada do uso impõe severas restrições a qualquer classificação generalista e estanque.

3.2.2.1 - ANIMACIDADE

Em interação com os traços que identificamos nos dados e a contribuição de Stefanowitsch (2019, p. 98-99), estabelecemos um conjunto de características que os possuidores

animados devem apresentar: (i) ser conceituados como humanos (com características de cognição humana), (ii) identificados com sua própria referência, sem a necessidade de se apoiar em alguma outra entidade para fins referenciais (iii) apresentar volição, (iv) estar vivo. Todas essas características devem ser identificadas por meio do contexto de uso e, quanto mais características [+] um referente tiver, mais prototipicamente animado ele será. O traço (iv) é imperativo e a avaliação de todos os critérios está sujeita às pressões do contexto apresentado. Para ilustrar a importância que damos ao contexto, vejamos os dados abaixo (remissão entre colchetes):

*“That is, how factual and palpable the text is for those who are reading it. As writing **Pamela's foreword**, Richardson states” (...) (5A.1.Lit)*

No exemplo acima, o possuidor (Pamela) seria identificado prototipicamente como animado. O contexto linguístico, no entanto, sugere que estamos falando do prefácio de um livro (que não é dotado de vontade, não tem cognição humana e também não é dotado de vida). Portanto, o referente foi classificado como inanimado, devido à primazia que damos ao contexto de uso. Providenciamos abaixo outro exemplo de classificação:

*"In this excerpt, Cam mentions the bond she has with her brother and the inferred joy of finally going to **The Lighthouse**, which is obscured by **her father's tyranny**" (5B.2.Lit).*

No exemplo acima, o possuidor atende a três dos critérios acima (com exceção do critério de autonomia referencial, uma vez que a entidade precisa ser especificada pelo anafórico her) e, portanto, é classificado como animado. Além disso, há várias propostas para uma escala de animacidade (cf. Monakhov, 2020; Deane, 1987). Para este estudo e em diálogo com Dixon (1979), desenvolvemos a escala abaixo:

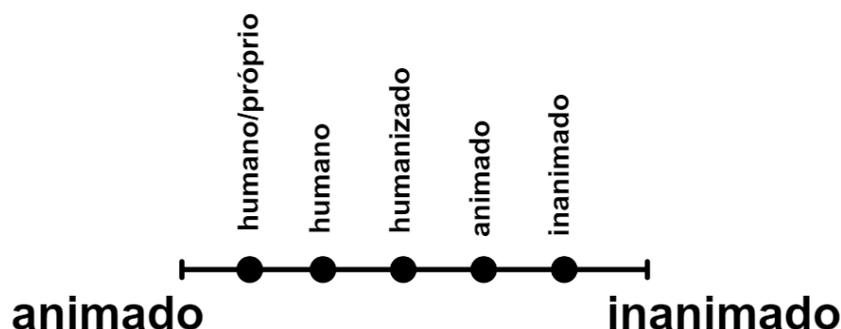


Figura 3.1: Escala de animacidade operacionalizada (elaboração nossa)

Abaixo estão exemplos identificados nos dados para cada um dos pontos da escala acima:

Human/proper (referência humana com substantivo próprio) - *“In this scene, which takes place after **Joseph's** accident after heading to Mrs. Booby's home parish, the narrator shows what he considers relevant in the story and what not”* (5A.4.Lit);

Human (referência humana sem substantivo próprio) - *“In the first image we can see the princess (which has been attributed no name whatsoever) patiently waiting for the hero to save her from the grasp of **her captor**”* (7A.2.Lit);

Humanizado (entidade humanizada por pressões contextuais) - *“Its disabled creator, Hephaestus, limps away with a negative expression and Thetis "of the shining breasts", the commissioner, "[cries] out in dismay" at the final product of **the god's** craftsmanship”* (21A.4.Lit);

Animado - não foram encontradas ocorrências desse tipo nos dados. Esse subgrupo da escala de animacidade que desenvolvemos corresponde a seres animados não dotados de cognição humana (cachorro ou animal, por exemplo), desde que o contexto não os humanize (o que os colocaria na categoria acima);

Inanimado (entidade não dotada dos traços de animacidade sistematizados acima) - *“As mentioned, the convex mirror projects a smaller-sized virtual reflection of the object that faces it; also, **a convex mirror's** reflection does not depend on the position of the observer”* (...)

Para fins analíticos, da esquerda para a direita, consideramos todos os dados dos quatro primeiros pontos da escala como animados (o que significa que condensamos as nuances da escala em uma categoria geral). Os dados relacionados ao último ponto foram classificados como inanimados. A posição de sintetizar os pontos de nossa escala em dois grandes valores é justificada pela conveniência analítico-estatística de construir uma variável independente (a própria escala) com apenas dois valores internos ([animado] e [inanimado]). Os detalhes dessa escala foram úteis ao incluir os dados e anotá-los com precisão (portanto, sua motivação metodológica não se perde). No entanto, como já foi dito, o interesse desta pesquisa está na contribuição de cada variável independente (entre elas, a ANIMACIDADE) no cenário de competição distributiva e não nos pequenos detalhes de como cada nuance de valor interno

delineia a competição. Portanto, a organização binária de nossa escala perde em detalhes, mas ganha em termos de síntese analítica, ao mesmo tempo em que contribui para responder à nossa pergunta de pesquisa específica. Agora, apresentamos nossa definição de STATUS INFORMACIONAL

3.2.2.2 - STATUS INFORMACIONAL

Para identificar o status informacional dos possuidores, usamos a classificação explicada em Furtado da Cunha (2008). Nessa perspectiva, os referentes podem ser classificados - em termos de sua informatividade - como "dados, novos, disponíveis e inferíveis" (Furtado da Cunha, 2008, p. 166 - grifo no original). Parafraseamos as definições da autora para cada uma dessas classificações:

Dado - quando o referente já foi evocado anteriormente na estrutura textual. A classificação *dado* também pode ter referentes "situacionalmente dados" (Furtado da Cunha, 2008, p. 166), ou seja, aqueles que podem ser recuperados por meio da situação comunicativa iminente. No caso do nosso *corpus*, temos exemplos de possuidores dados, como os seguintes: “*For a very long time videogames were also responsible for perpetuating this image by making the man the ever-so-powerful hero in a knightly quest and the woman a helpless and gorgeous reason conveniently placed as motivation to **the man's** actions*” (7A.1.Lit).

Novo - quando a entidade referenciada aparece na situação discursivo-comunicativa pela primeira vez: “*According to Woolf, the character of **a human being** is something mysterious and changeable*” (6C.1.Lit)

Disponível - Quando o referente é, via de regra, "um referente único (em um dado contexto)" (Furtado da Cunha, 2008, p.166): “*These factors end up favoring **Jane Austen's** idealism in maintaining her work in the traditional view of her society*”. (12C.3.Lit)

Inferível - Quando o referente não está explicitamente materializado no texto, mas pode ser identificado "por meio de um processo de inferência" e isso ocorre "a partir de outras informações dadas" (Furtado da Cunha, 2008, p. 166): “*Heart of Darkness, by Joseph Conrad, is no different: in this novel, the author is particularly concerned with the narration and with the effects of **the narrator's perspective** in the story*” (6A.1.Lit).

Consideramos necessário fazer alguns comentários sobre como aplicamos a classificação acima. Em consonância com a autora supracitada, demos prioridade a pistas da materialidade do contexto iminente, uma vez que a previsão do escritor sobre o conhecimento compartilhado com o interlocutor no contexto real de produção não pode ser acessada com precisão. Além disso, Halliday e Mathiessen (2014) afirmam que "Referentes dados tendem a ser fóricos referindo-se a algo já apresentado no contexto verbal ou não verbal" (Halliday e Mathiessen, 2014, p. 116 - tradução nossa⁶⁷). Mais uma vez, os autores apontam o contexto como o fator orientador da informatividade, o que fortalece nossa decisão discurso-orientada. Da mesma forma, como fizemos no caso da escala de animacidade, reduzimos essa classificação a uma realidade binária para a conveniência de nossa análise.

Além da conveniência analítica, a citação acima fundamenta nossa decisão: se os referentes dados compartilham a disponibilidade referencial por meio do contexto (não) verbal, há espaço para agrupar *dado*, *disponível* e *inferível* na categoria *Dado*. Essa decisão não apaga as especificidades de cada categoria, mas as integra em uma macrocategoria para fins analíticos. Com relação à previsão de distribuição específica para esse critério, acreditamos que o comportamento de distribuição do falante de ILA não será tão semelhante ao do nativo quando se trata dessa variável. Portanto, a escolha será orientada principalmente para {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, via analogia formal com {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]}. Como explicação teórica coerente.

3.2.2.3 - TAMANHO

Os elementos possuidores também foram classificados, de acordo com seu TAMANHO, em referentes curtos ou longos. A operacionalização desses valores internos foi projetada de acordo com as propriedades prototípicas dos SNs possuidores de ambas as construções e foi também medida pelo número de palavras (gramaticais e lexicais) (cf. Diessel, 2019). Inspirados nas descrições formais fornecidas por Quirk *et al* (1985), consideramos as seguintes estruturas de duas palavras como a estrutura morfosintática básica do modificador/possuidor: [(DET) + N] e

⁶⁷ No original: "Given is likely to be phoric - referring to something already present in the verbal or non-verbal context"

[N1*nome próprio* + N2*sobrenome*] e elas se aplicam, tanto a {[SN*possuidor*] `s [N*possuído*]} quanto a {[SN*possuído*] of [N*possuídor*]}. Portanto, temos a seguinte distinção:

Curto - com até duas palavras: “*The second structure is "will be publishing", this one, although does not have a tense, it has the Progressive Aspect, marked by the "-ing" in "publishing", which brings the focus of **the reader** to the process; the "will" is a modal auxiliary verb, expressed in Intrinsic Modality since it projects the intention of the editorial, that means that the act of "publishing" is to be held in the future*” (2A.3.Lin).

Longo - com mais de duas palavras: “*Besides being a poetic drama, this play - Romeo and Juliet - is a tragedy, a genre that is responsible for most of the success of **the play writer***” (3A.2.Lit).

Após a operacionalização dos critérios, as ocorrências foram finalmente anotadas de acordo com eles em uma planilha do *Google Sheets*. Informações adicionais foram incluídas em nosso *corpus*, a saber: a variável dependente (a construção escolhida no caso dos dados específicos) e comentários adicionais, quando necessário, para que o raciocínio da anotação para (um dos) critérios seja facilmente recuperável sem a necessidade imperativa de retornar ao texto de origem dos dados.

3.3 Fase III; procedimentos estatísticos

A primeira etapa na escolha do método analítico foi entender a natureza de nossos dados. Stefanowitsch (2019) apresenta três tipos de dados: nominais, cardinais e ordinais. Por questões de espaço, vamos nos limitar a dizer que todas as variáveis podem ser tratadas como nominais se ignorarmos, por razões teórico-metodológicas, algumas de suas propriedades inerentes. Como exemplo desse grupo, o autor aponta a variável independente ESCOLHA CONSTRUCIONAL. Ela é nominal porque não podemos organizar uma relação hierárquica entre {[SN*possuidor*] `s [N*possuído*]} e {[SN*possuído*] of [N*possuídor*]}. Ela tem base em qualquer propriedade interna. Da mesma forma, dada sua natureza não numérica, não é possível calcular diretamente os valores médios.

Acreditamos que seja necessário justificar a escolha de tratar todos os dados como nominais: estamos interessados nas frequências de ocorrência e sua distribuição decorrentes do cenário de concorrência em uma situação de contato. Além disso, neste momento, não estamos

analisando as propriedades detalhadas de cada valor interno e seus possíveis efeitos sobre a concorrência. Portanto, é desejável buscar o máximo de simplicidade metodológica, desde que a estratégia responda à pergunta de pesquisa delineada.

O tratamento estatístico adequado para dados nominais é (i) a preparação de tabelas de contingência, ou seja, tabelas que interseccionam as ocorrências de um critério norteador (isoladamente) com as ocorrências de ambas as construções possessivas, (ii) a medição subsequente da frequência relativa nessas interseções e (iii) a comparação entre as frequências observadas e esperadas. Há três tabelas de contingência. Elas ilustram as seguintes relações, respectivamente: ANIMACIDADE x ESCOLHA CONSTRUCIONAL, STATUS INFORMACIONAL x ESCOLHA CONSTRUCIONAL e TAMANHO x ESCOLHA CONSTRUCIONAL. Como todas as variáveis envolvidas no estudo são operacionalizadas na forma binária, cada tabela tem quatro interseções entre suas linhas e colunas, por exemplo, para a tabela ANIMACIDADE x ESCOLHA CONSTRUCIONAL, temos: [animado] x {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}, [animado] x {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, [inanimado] x {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}` e [inanimado] x {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. Para todos os cálculos, usamos a ferramenta estatística Jamovi.

A próxima etapa foi o cálculo de frequência relativa (RF) já anunciado acima, para atenuar os efeitos das frequências marginais divergentes em nossas tabelas de contingência. Entretanto, não há parâmetros analíticos contra os quais essas frequências marginais devam ser comparadas (e interpretadas para uma relação de distribuição (não) casual). Por esse motivo, a etapa subsequente dos procedimentos estatístico-distribucionais foi verificar a frequência esperada de cada interseção em cada tabela e compará-la com a frequência realmente observada nos dados. Os valores de frequência esperados são calculados para cada interseção de cada tabela de contingência (frequência bruta) e visam capturar a frequência esperada em todas as interseções da tabela se a relação entre as variáveis em questão fosse aleatória. Esse cálculo é feito da seguinte forma: multiplicamos a frequência marginal de cada coluna pela frequência marginal de cada linha que são relevantes para uma determinada interseção, e dividimos cada uma dessas multiplicações pelo total da tabela de contingência. Esses procedimentos de cálculo para cada interseção estão resumidos abaixo, de acordo com a tabela apresentada em Stefanowitsch (2020, p.156):

		DEPENDENT VARIABLE		Total
		VALUE 1	VALUE 2	
INDEPENDENT VARIABLE	VALUE 1	$E_{11} = \frac{O_{T1} \times O_{1T}}{O_{TT}}$	$E_{12} = \frac{O_{T2} \times O_{1T}}{O_{TT}}$	O_{1T}
	VALUE 2	$E_{21} = \frac{O_{T1} \times O_{2T}}{O_{TT}}$	$E_{22} = \frac{O_{T2} \times O_{2T}}{O_{TT}}$	O_{2T}
Total		O_{T1}	O_{T2}	O_{TT}

Tabela 3.1 - Procedimentos estatísticos (cálculo da frequência esperada em cruzamentos) (Stefanowitsch, 2020, p. 156)

Acima estão as fórmulas de cálculo para cada interseção na tabela. Parafraseando Stefanowitsch (2020) e de acordo com o que é estatisticamente convencionalizado, temos i) E para a frequência esperada, ii) O para a frequência observada e iii) os subscritos. Esses subscritos incluem os números 1 e 2, que se referem à primeira ou segunda linha ou coluna da tabela, e a letra T, que se refere ao total da coluna ou linha indicada. Como regra geral, o número referente à linha é mostrado antes do número referente à coluna. O autor ilustra essa lógica com o exemplo E21: E refere-se à frequência esperada, enquanto 2 refere-se à segunda linha e 1 à primeira coluna. Em termos gerais, a frequência esperada da interseção sinalizada acima é calculada multiplicando-se o total observado da primeira coluna (O_{T1}) e o total observado da segunda linha (O_{2T}) dividido pela ocorrência total da tabela (O_{TT}).

Depois que as frequências esperadas foram obtidas, nós as usamos como parâmetro para comparação com as frequências observadas. O método descrito acima é uma análise de relações distribucionais e, como tal, nos informa sobre a distribuição empírica dos dados em nosso contexto específico. Após a análise dessa distribuição, também realizamos uma análise probabilística, proporcionando à nossa análise mais segurança metodológica por meio de uma regressão logística binominal. Nosso objetivo é entender melhor a influência de cada variável (ou preditor), em termos estatístico-probabilísticos, no resultado da escolha construcional de nosso *corpus*. Em outras palavras, perguntamos a nós mesmos até que ponto essas variáveis realmente contribuem como reguladores da distribuição dos dados empíricos que encontramos. Essa análise

foi executada no software R, versão 4.3.2. Após o detalhamento de nosso arranjo metodológico, apresentamos nossos resultados e os interpretamos à luz do paradigma teórico da GCBU/GCD.

4. RESULTADOS

Antes da apresentação de nossos dados, consideramos pertinente ressaltar que, devido à natureza especializada do nosso *corpus*, não faremos generalizações de alcance sistêmico, mas sim pertinentes ao escopo de nossos dados e relacionadas ao contexto comunicativo com o qual estamos lidando. O referido *corpus* está disponível em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1shscRnCYVq2bdvJxKE7KrPpmK7d-ZSZ/edit?usp=sharing&ouid=115122435687527121619&rtpof=true&sd=true> Por fim, com base nos resultados de nossa análise de dados, formalizamos a rede construcional de nossas possessivas binominais em competição.

4.1 - Análise distribucional: animacidade

Nesta subseção, ao analisarmos a correlação entre as variáveis ANIMACIDADE e CONSTRUÇÃO POSSESSIVA, apresentamos três dimensões de frequência: frequência bruta, frequência relativa (RF) e a correlação entre as frequências esperadas / observadas (EF / OF). As três dimensões de frequência apresentadas abaixo buscam avaliar a plausibilidade de nossas hipóteses com base na distribuição estatística de nossos dados. Abaixo, apresentamos a tabela de contingência na interseção ANIMACIDADE x ESCOLHA CONSTRUCIONAL. Há diferentes maneiras de interpretar os valores abaixo, dispostos em suas respectivas linhas e colunas.. As linhas fornecem informações sobre a distribuição dos valores internos de ANIMACIDADE. Por sua vez, o eixo vertical (colunas) mostra o número de vezes que a mesma construção recruta referentes (in)animados. Em resumo, a tabela mostra as distribuições de cada construção no *corpus* em relação a cada um dos valores internos da variável independente ANIMACIDADE. No escopo deste trabalho, as linhas de cada tabela de contingência são o foco de nossa atenção, pois ilustram a competição entre as duas possessivas binominais do Inglês. Nos referimos às colunas somente quando alguma análise comparativa se fizer necessária.

De agora em diante, a referência aos critérios norteadores - e também à escolha de construção - será feita em CapsLock sempre que nos referirmos a eles como variáveis em uma possível relação causal em nosso contexto de ILA.

4.1.1 - Frequência bruta

Nesta subseção, apresentamos os resultados da frequência bruta da correlação entre as variáveis ANIMACIDADE e ESCOLHA CONSTRUCIONAL , condensados na tabela de contingência abaixo.

ANIMACIDADE	ESCOLHA CONSTRUCIONAL		
	{[NP] `s [N]}	{[NP] of [N]}	Total
Animado	83	42	125
Inanimado	4	5	9
Total	87	47	134

Tabela 4.1 - Frequências brutas das construções em correlação com a animacidade (adaptado de Stefanowitsch, 2020, p.151).

A tabela mostra que, em termos de frequência geral das construções, temos uma predominância de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} sobre {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} que, respectivamente, somam 87 e 47 casos. Da mesma forma, as linhas da tabela mostram um uso substancialmente maior de referentes animados em relação a referentes inanimados: respectivamente, há 125 casos contra apenas 9 casos. Interpretando as distribuições de cada uma das quatro interseções na tabela, chegamos à conclusão de que, aparentemente, há uma associação mais íntima entre referentes animados e a escolha de {[NP possuidor] `s [N

possuído}} (83 casos) em contraste com {[NP_{possuído}] of [N_{possuidor}]} (42 casos). Da mesma forma, há apenas uma pequena vantagem de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} (5 casos) sobre a construção genitiva concorrente quando se trata do *status* de referentes inanimados (4 casos). Atribuímos essa pequena vantagem à escassez de referentes inanimados. Esta escassez é, por sua vez, motivada por pressões comunicativas do tipo de narrativa majoritariamente analisada nos trabalhos acadêmicos que compilamos: o gênero romance literário. As convenções desse gênero demandam o uso de referências linguísticas humanas (e, portanto, animadas), uma vez que neste tipo de texto descrevemos, via de regra, a realidade iminente das personagens e os referentes inanimados tendem a figurar como elementos enriquecedores desta realidade iminente. Assim, conjectura-se que a predominância de referentes animados é motivada por uma demanda comunicativa (mais um argumento para entender que as conclusões deste estudo estão restritas ao escopo textual-discursivo de nossa base de dados).

É importante destacar a necessidade de interpretação desta distribuição bruta com cautela. Isso porque a discrepância das frequências marginais entre as duas variáveis é substancial e, portanto, pode enviesar a distribuição dos dados nas interseções mencionadas, mascarando quaisquer correlações relevantes ou até mesmo sugerindo correspondências prematuras. De modo mais objetivo: há, em geral, mais casos de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} em comparação aos casos de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}.. Há também muito mais ocorrências de possuidores animados do que inanimados. Essas diferenças na frequência marginal não nos permitem observar claramente a relação (não) aleatória entre as duas variáveis em jogo, pois, dado o não equilíbrio dessas frequências marginais, não é possível afirmar categoricamente que as preferências distribucionais acima são resultado, de fato, da ação da variável ANIMACIDADE, e não simplesmente da maior presença de possuidores animados e da construção {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}..

Além disso, nesse contexto de potencial enviesamento estatístico, há uma controvérsia a ser considerada: se, no contexto mensurável da competição linguística (linhas 1 e 2), os referentes animados são preferencialmente instanciados em {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} , teríamos, hipoteticamente, na distribuição interna de cada construção, uma predominância de referentes animados para {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e inanimados para {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} (tendo em vista a não interferência de fatores de outra ordem e a realidade de um *corpus* balanceado). Claramente, o argumento para uma associação entre {[SN_{possuidor}] `s

[N_{possuído}]} e referentes animados é corroborado na distribuição interna dessa construção: de um total de 87 casos (veja a coluna 1), 83 são animados e 4 são inanimados. Na coluna 2, entretanto, temos uma quebra de expectativa: na distribuição interna da construção {[SN_{possuído}] of [N_{possuídor}]}, esperávamos mais casos inanimados. Em vez disso, temos mais casos animados (42 casos animados contra apenas 5 inanimados). Essa expectativa não atendida pode destacar o viés estatístico denunciado aqui: potencialmente, os possuidores animados aparecem com mais frequência na distribuição interna de ambas as construções simplesmente porque são mais frequentes no próprio *corpus* (situado comunicativamente). Portanto, estabelecer conclusões com base apenas na frequência bruta seria prematuro.

No que diz respeito à nossa previsão de distribuição estatística, ela é aparentemente confirmada pela frequência bruta de distribuição em ambas as linhas. Entretanto, para garantir uma interpretação mais precisa da eventual correlação entre as variáveis ANIMACIDADE x ESCOLHA CONSTRUCIONAL, examinamos a frequência relativa (FR) de cada linha na tabela acima. Os números desta dimensão de frequência são apresentados a seguir.

4.1.2 - Frequência relativa

Abaixo, apresentamos a frequência relativa (FR) de cada uma das linhas da tabela X em isolado:

ANIMACIDADE		FREQUÊNCIA RELATIVA (LINHAS)		
		{[NP possessor] `s [N possessed]}	{[NP possessed] of [N possessor]}	Total
animado	Abs.	83	42	125
	Rel.	0,6640	0,3360	1,0000
inanimado	Abs.	4	5	9
	Rel.	0,4444	0,5556	1,0000

Tabela 4.2 - Frequência relativa na correlação ANIMACIDADE X ESCOLHA CONSTRUCIONAL (adaptada de Stephanowitsch, 2020, p. 153)

De acordo com a tabela acima, na linha de referentes animados, temos uma distribuição convergente com nossa hipótese distribucional: uma vez que as diferenças entre as frequências marginais são neutralizadas e olhamos apenas para a linha de animados, temos uma taxa de ocorrência de 0,6640 para {[SN_{possuídor}] `s [N_{possuído}]} em oposição a 0,3360 para

{[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} (a soma desses valores é 1 e corresponde ao total da linha). Em outras palavras, se analisarmos apenas a linha dos referentes animados, haverá aproximadamente o dobro de recrutamento da construção possessiva pré-nominal em comparação com a pós-nominal.

Com relação a linha dos inanimados, temos o seguinte cenário: de um total de 1, temos uma taxa de ocorrência de 0,444 para {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} contra 0,5556 casos de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. Aqui, para os possuidores inanimados, o cenário é invertido e a ocorrência da construção pós-nominal é ligeiramente favorecida (levando em conta o cuidado interpretativo necessário, dada a ocorrência reduzida de referentes inanimados - provavelmente devido a pressões comunicativas). De todo modo, a frequência relativa das construções em correlação com o fator ANIMACIDADE sugere a confirmação de nossa previsão de distribuição: Os falantes de ILA, falantes nativos de Pt-Br/L1, mostram sensibilidade distributiva convergente em comparação com os falantes de EL1, quando se trata da pressão do critério norteador em questão.

Mais uma vez, é necessário adotar certa cautela interpretativa. De fato, a tabela de frequência relativa traz maior segurança interpretativa à nossa análise, atenuando as frequências marginais discrepantes em nossa tabela de contingência. Entretanto, a comparação fornecida por esse tipo de frequência se restringe apenas ao contraste entre as FRs das duas construções, apresentadas como frações do total de 1 na mesma linha. Não há, portanto, um parâmetro comparativo para orientar nossa análise, ou seja, a frequência relativa de cada construção em uma determinada linha não pode ser comparada a um parâmetro de não aleatoriedade. Sem esse parâmetro comparativo, não é possível dizer se as discrepâncias de ocorrência construcional em cada linha falam de uma relação distribucional não aleatória entre ESCOLHA CONSTRUCIONAL e ANIMACIDADE. Portanto, é importante explorar mais uma dimensão de frequência: a comparação entre a frequência esperada (FE) e a frequência observada (FO). Respectivamente, o primeiro tipo de frequência pode ser interpretado como os valores teoricamente esperados, em termos absolutos e em cada interseção, para que a relação entre as duas variáveis em nossa tabela de contingência seja aleatória. O segundo tipo refere-se à distribuição que de fato encontramos nos dados em termos absolutos. A frequência esperada resolve a falta do parâmetro comparativo mencionado acima e seu contraste com a frequência observada de cada uma das construções, nas interseções acima, fornece interpretações mais

precisas da distribuição dos dados (cf. Stefanowitsch, 2020). Ainda, o número de ocorrências observadas nas interseções de cada linha corresponde a nossa frequência observada (FO).

4.1.3 - Frequências esperadas e observadas

Conforme mencionado, os resultados da frequência relativa carecem de um parâmetro comparativo para sua interpretação. Nesse sentido, a frequência esperada responde à seguinte pergunta parafraseada de Stefanowitsch (2020, p. 155): uma vez que i) as construções {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} ocorrem, respectivamente, 87 e 47 vezes em nosso *corpus* e ii) há 125 referentes animados e 9 inanimados, qual deve ser o valor de frequência em cada uma das interseções para fins a relação entre as variáveis seja aleatória? Como resposta a essa pergunta, chegamos às frequências esperadas na tabela abaixo. A tabela também mostra as frequências observadas (que foram recuperadas da tabela de contingência 4.1). As frequências esperadas foram obtidas de acordo com o cálculo explicitado na metodologia (consulte a seção 3.3):

ANIMACIDADE		FREQUÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS		
		{[NP <u>possuidor</u>] `s [N <u>possuído</u>]}	{[NP <u>possuído</u>] of [N <u>possuidor</u>]}	Total
animado	Obs.	83	42	125
	Exp.	81,16	43,84	
inanimado	Obs.	4	5	9
	Exp.	5,84	3,16	
Total	Obs.	87	47	134

Tabela 4.3 - Frequências esperada/observada das construções para animacidade (adaptado de Stefanowitsch (2020, p. 157))

Novamente, as informações da tabela acima nos permitem medir a distância entre a realidade empírica das ocorrências e o valor teórico que garante uma relação de distribuição aleatória entre as duas variáveis envolvidas na tabela. Com base na distância numérica entre as duas frequências em cada interseção, podemos avaliar a plausibilidade de nossas hipóteses de

distribuição para ANIMACIDADE, novamente apresentadas aqui: em relação ao fator ANIMACIDADE, os falantes de Inglês como idioma adicional (IAL)⁶⁸ se comportarão de maneira semelhante em comparação aos falantes nativos. Também prevemos que o critério mencionado acima se mostrará relevante, em termos de probabilidade, para essa distribuição convergente. A Tabela X mostra os seguintes resultados para a linha de referentes animados: para $\{[SN_{possuidor}] \text{ `s } [N_{possuido}]\}$, a frequência observada (OF) é ligeiramente maior do que o parâmetro de aleatoriedade fornecido pela frequência esperada (EF), ou seja, 83 casos ocorreram quando a EF é 81,16. No entanto, a margem de distância entre eles é numericamente bastante estreita. A conclusão geral é que há uma leve tendência de distribuição que aponta para o comportamento dos falantes nativos (em convergência com nossas previsões).

Comparativamente, em relação a $\{[SN_{possuido}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$, o número de ocorrências factuais é de 42 casos (FO), contra a expectativa de FE de 43,84. Observe que essa FO menor do que o esperado também aponta para uma tendência que converge com as preferências de distribuição do falante nativo, como esperado, de forma inversamente proporcional quando comparada à construção pré-nominal acima. Em suma, a correlação FE/FO fornece evidências adicionais em relação ao que foi sugerido pelos cálculos de frequência relativa e previsto por nossa hipótese de distribuição. Assim, $\{[SN_{possuidor}] \text{ `s } [N_{possuido}]\}$ parece estar distributivamente inclinado a figurar em contextos com referentes animados, enquanto $\{[SN_{possuido}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$ tem uma ligeira preferência por referentes inanimados. Observe que a distância entre FE e FO, para ambas as construções na linha de animados, é a mesma: 1,71, o que corrobora parcialmente o argumento de um comportamento distribucional nativo-convergente em relação à ANIMACIDADE, no contexto comunicativo de nosso *corpus*.

Da mesma forma, para a linha dos referentes inanimados, a FO de $\{[SN_{possuidor}] \text{ `s } [N_{possuido}]\}$ é 4 contra uma FE de 5,84. Por outro lado, para $\{[SN_{possuido}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$, temos uma expectativa de 3,16 casos (FE) contra 5 ocorrências empíricas (FO). Isso também corrobora tanto a nossa hipótese de distribuição quanto os resultados da frequência relativa: em uma relação não aleatória, os referentes inanimados de nosso *corpus* tendem ligeiramente a preferir $\{[SN_{possuido}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$. É importante observar que a distância entre FE e FO aqui também

⁶⁸ Os termos "falantes de Br-Pt/L1" e "EAL" estão relacionados por sinonímia. De fato, ambos se referem à comunidade de falantes nativos do português brasileiro que aprenderam Inglês como língua adicional. A perspectivização evocada por cada um dos termos (Langacker, 2008) é diferente apenas em termos da linguagem que deve ser destacada em relação à construção multilíngue desses falantes.

é de 1,71 para ambas as construções. Em resumo, as FOs das quatro interseções na tabela acima, contrastadas com suas respectivas FEs, corroboram nossa hipótese de um comportamento de escolha construcional, por parte dos falantes de ILA, que, em nosso *corpus*, tende a convergir com as tendências dos falantes de IL1. A seguir, apresentamos os resultados obtidos para a correlação entre GIVENNESS e CONSTRUCTIONAL CHOICE.

4.2 Análise distribucional: STATUS INFORMACIONAL

Antes de apresentarmos os resultados, gostaríamos de voltar à nossa hipótese sobre o comportamento distribucional dos falantes de ILA em relação ao possuidor: *a escolha construcional será orientada principalmente na direção de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, por meio de pressão cognitiva default de analogia formal (com {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]}. Nesta e na próxima seção, vamos nos concentrar objetivamente na apresentação dos resultados, já que os conceitos e a lógica apresentados na seção acima também se aplicam a este e ao próximo critério norteador.*

4.2.1 Frequência bruta

A tabela abaixo correlaciona as variáveis STATUS INFORMACIONAL e ESCOLHA CONSTRUCIONAL em termos de frequência bruta:

STATUS INFO	CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS		
	{[NP possessor] `s [N possessed]}	{[NP possessed] of [Npossessor]}	Total
novo	12	10	22
velho/dado	75	37	112
Total	87	47	134

Tabela 4.4 - Frequência bruta construcional em correlação com status informacional (adaptado de Stefanowitsch, 2020, p.151)

Como estamos lidando com o mesmo *corpus*, {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} ainda predomina sobre {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}: temos, respectivamente, os mesmos 87 casos contra 47. A leitura das linhas da tabela (o ponto focal de nossa análise) revela o seguinte estado de fatos: na linha de referentes novos, a construção preferida é {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} com 12 ocorrências, em comparação com 10 para {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} . Da mesma forma, na linha para possuidores dados, a construção preferida também é {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} , que aparece 75 vezes contra 37 ocorrências da construção concorrente.

Além disso, a discrepância entre os valores nas colunas 1 e 2 (que tratam do recrutamento de referentes novos ou dados dentro da mesma construção) exige cautela: as duas construções são mais instanciadas com referentes dados. Observando o contexto de uso, acreditamos que essa distribuição seja decorrente de uma demanda comunicativa específica. Presumimos que a natureza literária dos textos em nosso *corpus* favorece o uso destes referentes dados: o número de personagens fictícios nas obras literárias analisadas é limitado, enquanto os referentes ligados a eles podem variar em quantidade, ao sabor dos desdobramentos da narrativa. Da mesma forma, esses referentes são contextualizados de modo mais preciso ao serem associados aos personagens da trama. Ao compreender essa motivação comunicativa, acreditamos que as discrepâncias em nosso *corpus* podem evidenciar as demandas comunicativas dos textos que o compõem. Em outras palavras, a discrepância entre as frequências marginais parece ser motivada discursivamente. Esse argumento é plausível, pois os *corpora* são compostos de dados de uso. Em suma, atribuímos essa aparente divergência em relação à nossa hipótese distributiva à discrepância entre as frequências marginais na tabela (que reflete um recrutamento linguístico baseado em mapeamentos entre construção e demanda comunicativa). Dito isso, extraímos a frequência relativa para neutralizar estatisticamente essas discrepâncias de frequência.

4.2.2 Frequência relativa

As frequências relativas das linhas 1 e 2 são apresentadas abaixo:

STATUS INFORMATACIONAL		FREQUÊNCIA RELATIVA (LINHA)		
		{[NP possessor] `s [N possessed]}	{[NP possessed] of [N possessor]}	Total
novo	Abs.	12	10	22
	Rel.	0,5455	0,4545	1,0000
Velho/dado	Abs.	75	37	112
	Rel.	0,6696	0,3304	1,0000

Tabela 4.5 - Frequência relativa (linhas) das construções em correlação com status informacional (adaptado de Stefanowitsch, 2020, p.153).

Para a linha 1 da tabela acima (referentes novos) - e abstraindo a discrepância entre as frequências marginais - temos uma situação interessante: nossa hipótese de distribuição prevê uma maior orientação para {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, por meio de um alto potencial analógico com a construção {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]}. No entanto, as frequências relativas (FR) da primeira linha (referentes novos) sugerem que há uma pequena vantagem de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} sobre {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. Respectivamente, temos 0,5455 contra 0,4545 de FR. Para a linha 2 (referentes dados), temos FRs de 0,6696 e 0,3304 para {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, respectivamente. As FRs na linha 2 indicam uma vantagem quantitativa aproximadamente duas vezes maior da primeira construção em relação à segunda, no contexto de nossos dados. Novamente, o cenário na linha 1 contradiz nossa hipótese de distribuição, que argumenta a favor da preferência por {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} por meio de analogia com Pt-Br/L1. É interessante notar que esse cenário também contradiz as previsões para IL1, que afirmam que os novos referentes estão associados principalmente a {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. O cenário na linha 2 também vai contra nossa previsão de distribuição, já que não há uma tendência favorecedora da construção pós-nominal. Pelo contrário, esse cenário da linha 2 converge com as previsões para IL1 com relação à maior predominância de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} para esses referentes dados. De fato, é extremamente importante observar que as conclusões prematuras acima ainda precisam ser verificadas em relação à relação frequência esperada (FE) x frequência observada (FO).

4.2.3 Frequências esperadas e observadas

Para encontrar nosso parâmetro comparativo (EF), usamos novamente a paráfrase de Stefanowitsch (2020, p. 155): uma vez que i) as construções {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} ocorrem, respectivamente, 87 e 47 vezes em nosso *corpus* e ii) há 22 referentes novos e 112 dados, qual deve ser a frequência de cada uma das interseções entre esses valores para que haja uma relação de distribuição aleatória entre as variáveis? A resposta a essa pergunta é mostrada na tabela de contingência abaixo, juntamente com o número real de ocorrências observadas em nosso *corpus* (FO).

STATUS INFORMACIONAL		FREQUÊNCIAS DAS CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS		
		{[NP <u>possessor</u>]`s [N <u>possessed</u>]}	{[NP <u>possessed of N possessor</u>]}	Total
novo	Obs.	12	10	22
	Exp.	14,28	7,72	
velho/dado	Obs.	75	37	112
	Exp.	72,72	39,28	
Total	Obs.	87	47	134

Tabela 4.6 - Frequências esperadas/observadas das construções na correlação com status informacional ((adaptado de Stefanowitsch (2020, p. 157)

Para referentes novos, a tabela acima mostra as seguintes relações: para {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}}, temos uma FO de 12, que é menor do que a expectativa de 14,28 (FE). Entretanto, essa distância é realmente curta e encontramos, na baixa frequência bruta de referentes novos, uma explicação coerente para ela. Por sua vez, para {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}}, temos uma FO de 10, que também é maior do que a FE de 7,72. Em outras palavras, ambas as construções parecem se comportar distributivamente de forma nativa-convergente em relação a *novo* enquanto valor interno de STATUS INFORMACIONAL.

No caso dos referentes dados, a construção {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} tem uma FO de 75 ocorrências, maior que a FE de 72,72. No entanto, no caso de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}}, os valores de FE e FO são 39,28 e 37, respectivamente. Outrossim, a distância entre FE e FO aqui também é de 2,28 para ambas as construções. Todo esse cenário sugere que os falantes em nosso *corpus* também preferem instanciar os referentes dados na construção {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}}, desfavorecendo {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} e essa tendência distribucional é

nativa convergente. Essa conclusão contradiz nossa hipótese de distribuição e, da mesma forma, não confirma a interpretação prematura que construímos com base na frequência relativa.

Por fim, o comportamento de escolha da ILA mostra uma convergência distributiva com as informações pragmáticas representadas nas construções em IL1: Quirk *et al.* (1985) afirmam que o SN possuidor em {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} tem a função de situar discursivamente uma entidade possuída superordenada que opera funcionalmente como o núcleo do sintagma. Isso é possível devido ao *status* do possuidor como um referente dado. Portanto, há uma compatibilidade pragmática entre o slot construcional do determinante/possuidor e a informatividade do SN que o materializa como uma referência compartilhada entre os interlocutores. Da mesma forma, o comportamento distribucional dos falantes da ILA mostra convergência com o *status* de especificador que o possuidor assume na construção {[SN_{possuído}] of [N_{possuído}]}, de acordo com os autores supracitados. Quanto a essa construção pós-nominal, o possuidor não assume um *status* pragmático de determinante. À luz de toda a análise aqui apresentada, acreditamos ser plausível afirmar que os falantes de ILA tendem a simbolizar a informação pragmática no slot do possuidor, em ambas as construções, de uma forma que converge com a representação dos falantes de IL1. A próxima seção trata da relação entre a alternância construcional e o último critério: TAMANHO.

4.3 Análise distribucional: tamanho

Antes de apresentar os resultados da correlação TAMANHO/ESCOLHA CONSTRUCIONAL, retornemos à hipótese distribucional para esta correlação: *O comportamento distribucional dos falantes de ILA está empiricamente alinhado à tendência distributiva de IL1 nesse mesmo aspecto.* A partir dos resultados abaixo, é possível avaliar a eventual sustentação empírica de nossa hipótese.

4.3.1 - Frequência bruta

A tabela de contingência apresentada mostra as frequências distribucionais brutas para as interseções de TAMANHO e ESCOLHA CONSTRUCIONAL:]

TAMANHO	CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS		
	{[NP possessor] `s [N possessed]}	{[NP possessed] of [N possessor]}	Total
curto	83	34	117
longo	4	13	17
Total	87	47	134

Tabela 4.7 - Frequência construcional bruta em correlação com tamanho (adaptado de Stefanowitsch, 2020, p.151)

Na tabela acima, temos a mesma predominância de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} em comparação a {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}: 87 casos e 47, respectivamente. O que muda é a distribuição desses valores de acordo com o critério norteador adotado. Observando a linha 1 da tabela (referentes curtos), temos a sugestão de que {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} é a construção preferida nesse contexto (83 casos) em comparação a {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} (34 casos). Na linha 2 (referentes longos), temos uma frequência maior de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} (13 casos) em relação a {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} (4 casos). Por enquanto, a frequência bruta sugere uma convergência com nossa hipótese de distribuição: provisoriamente, os falantes apresentam um comportamento de escolha que converge com as tendências apresentadas pelos falantes nativos. No entanto, no que diz respeito ao *status* curto/longo dos referentes, a distribuição interna de cada construção (colunas 1 e 2) indica a seguinte situação: as frequências marginais de cada linha mostram uma frequência maciça de referentes curtos (117 ocorrências) em relação aos referentes longos (17 casos), fato que, possivelmente, acarreta a maior ocorrência de referentes curtos na distribuição interna de ambas as construções. A análise acima precisa ser enriquecida pelas informações oriundas dos cálculos de frequência relativa.

4.3.2 Frequência relativa

Vejamos a frequência relativa de linhas das construções em correlação com o critério de tamanho:

TAMANHO		FREQUÊNCIA RELATIVA (LINHA)		
		{[NP possessor] `s [N possessed]}	{[NP possessed] of [N possessor]}	Total
curto	Abs.	83	34	117
	Rel.	0,7094	0,2906	1,0000
longo	Abs.	4	13	17
	Rel.	0,2353	0,7647	1,0000

Tabela 4.8 - Frequência relativa das construções (linha) em relação a tamanho (adaptado de Stefanowitsch, 2020, p.153)

De acordo com a tabela acima, as frequências relativas da linha 1 estão dispostas da seguinte forma: para os referentes curtos, temos uma FR de 0,7094 para {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e uma FR de 0,2906 para {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. A conclusão preliminar, com base na distribuição relativa de 1 (total da linha), é: os referentes curtos são preferencialmente instanciados por {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} comparado a {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. A linha 2 (referentes longos) mostra a seguinte distribuição de FR: 0,2353 para {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e 0,7647 na direção de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. A interpretação para referentes longos pode ser colocada da seguinte forma: a construção que materializa preferencialmente referentes longos no discurso é {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, em comparação a {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}. Nossa conclusão inicial é que os falantes de ILA se comportam distribucionalmente como os falantes nativos em relação ao critério TAMANHO - o que corrobora nossa hipótese distribucional. Vale ressaltar que, de todas as diferenças na frequência relativa, a margem de FR mais ampla entre as construções ocorre no caso de TAMANHO: (i) para referentes longos, a FR de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} é três vezes maior do que a de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]}. Da mesma forma, para referentes curtos, o FR de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} é aproximadamente três vezes maior do que a FR de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}. Esse critério apresenta as margens de FR mais altas - o que pode indicar uma maior convergência distribucional com a comunidade nativa.

4.3.3 Frequências esperadas e observadas

Aqui, usamos a mesma estratégia de parafrasear a pergunta de Stefanowitsch (2020, p. 155): uma vez que i) as construções {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e {[SN_{possuído}] of [N_{possuídor}]} ocorrem, respectivamente, 87 e 47 vezes em nosso *corpus* e ii) há 117 referentes curtos e 17 referentes longos, qual deve ser a frequência de cada uma das interseções entre esses valores para que haja uma relação aleatória entre as variáveis?

TAMANHO		FREQUÊNCIAS DAS CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS		
		{[NP <u>possessor</u>]`s [N <u>possessed</u>]}	{[NP <u>possessed of N possessor</u>]}	Total
short	Obs.	83	34	117
	Exp.	75,96	41,04	
long	Obs.	4	13	17
	Exp.	11,04	5,96	
Total	Obs.	87	47	134

Tabela 4.9 - Frequências esperadas/observadas das construções, correlacionadas a tamanho (adaptado de Stefanowitsch, 2020, p. 157)

Na tabela acima, para o caso de referentes curtos (linha 1), a FO da construção {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} é de 83 (acima da FE de 75,96) para a interseção curto / possessiva prenominal. Da mesma forma, {[SN_{possuído}] of [N_{possuídor}]} tem uma FO de 34, que é menor do que a FE de 41,04 para a interseção curto / possessiva pós-nominal. Em suma, os referentes curtos parecem favorecer o uso de {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} em nosso *corpus*. De igual modo, observando a linha 2 (referentes longos), temos essas frequências para ambas as construções: FE de 11,04 e FO de 4 para {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e FE de 5,96 contra FO de 13 para {[SN_{possuído}] of [N_{possuídor}]}. Para referentes longos, portanto, temos uma preferência por {[SN_{possuído}] of [N_{possuídor}]} sobre a possessiva binominal concorrente. Em resumo, os valores aqui apresentados sugerem que i) há uma sensibilidade distribucional para o critério norteador em questão e que ii) essa sensibilidade é convergente com o IL1. Observe também que a distância entre as FEs e as FOs para este critério é a mais alta de todas. Tomando essa distância como evidência da maior influência probabilística do critério em questão, acreditamos que ele é o que mais exerce influência para a escolha de construções no contexto estatístico de nosso *corpus*. De modo geral, a preferência distributiva por {[SN_{possuído}] of [N_{possuídor}]}

[N_{possuidor}]} em contextos de possuidores mais longos sugere que os falantes de ILA podem ser sensíveis a uma tendência específica da língua inglesa. Isso ocorre porque o Inglês "tem uma tendência geral de mover pedaços de informação mais longos ou mais pesados para o final da frase, conhecido como peso final" (Yule, 1998, p.137). É possível conjecturar, tendo em mente a análise apresentada aqui, que os falantes de ILA processam partes de informações neste sistema adicional de maneira semelhante aos falantes de IL1, pelo menos em termos do peso (complexidade linguística) das informações recrutadas.

Além disso, assumindo o vínculo entre peso/complexidade e material linguístico recrutado (tamanho), o peso informacional parece ser um fator altamente relevante para a escolha da construção, uma vez que a margem de distância entre FE e FO é comparativamente maior. Em outras palavras, parece ser parte do conhecimento implícito dos falantes de ILA que as duas construções possessivas em questão embrulham informações de forma diferente com relação ao peso informacional a elas atribuído. Vale a pena acrescentar que o estado dos fatos aqui relatados corrobora as sugestões argumentativas feitas em nossa análise preliminar de frequência relativa. Passamos agora à nossa análise probabilística para ver como a distribuição empírica de nossos critérios se relaciona com a influência probabilística deles no resultado da escolha linguística.

4.4 Análise probabilística: regressão logística binomial

Com relação ao comportamento distribucional de nosso *corpus*, nós o interpretamos como o resultado empírico de uma interação entre diferentes fatores. Estes fatores impactam, em termos de probabilidade, a escolha construcional situada no contexto ao qual temos acesso. Para compreender essas relações probabilísticas subjacentes à materialidade textual, executamos uma regressão logística binomial (um método estatístico que mede a influência de múltiplas variáveis em um determinado resultado, o que nos permite mensurar a relação entre o comportamento distribucional dos falantes de ILA e seus fatores reguladores). Usamos o *software R*, versão 4.3.2. Ainda, a análise foi executada na interface *RStudio*, e a tabela a seguir sintetiza os seus resultados:

Dependent variable			
<i>Predictors</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	0.70	0.15 – 3.13	0.628
inanim [sim]	0.56	0.12 – 2.64	0.453
new [sim]	1.08	0.36 – 3.03	0.880
long [sim]	7.33	2.30 – 28.59	0.002
Observations	134		
R ² Tjur	0.115		

Tabela 4.10 - Resultados da regressão logística binomial

A tabela acima deve ser interpretada na direção da possibilidade de $\{\{[SN_{possuído}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$ ser o resultado probabilisticamente favorecido da competição construcional, considerando os critérios orientadores apresentados aqui. Na extremidade esquerda da tabela, temos os valores internos de cada um desses critérios que, de acordo com Stefanowitsch (2020), favorecem a escolha de $\{\{[SN_{possuído}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$ no contexto de IL1. A tabela, portanto, tem três linhas que condensam os resultados de cada uma das variáveis por vez. Em outras palavras, as informações estatísticas na tabela dizem respeito à probabilidade de ocorrência de $\{\{[SN_{possuído}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$ em relação a $\{[SN_{possuidor}] \text{ 's } [N_{possuído}]\}$. Além disso, a organização de nossa tabela tendo $\{\{[SN_{possuído}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$ como ponto de referência foi motivada por seu potencial de associação diassitêmica com $\{\{[SN_{possuído}] \text{ de } [N_{possuído}]\}$. Assim, a tabela mostra até que ponto os valores internos de nossos valores *inanimado*, *novo* e *longo* favorecem a construção possessiva pós-nominal em relação aos valores *animado*, *dado* e *curto*.

É importante reforçar o fato de que estes resultados não estão desvinculados do contexto do nosso *corpus* e devem, portanto, ser triangulados com nossas frequências de ocorrência. O primeiro valor que analisamos é o *odds ratio*. Este valor traduz estatisticamente o grau em que duas variáveis estão associadas. Na tabela acima, todas as linhas sugerem uma tendência positiva na direção de $\{\{[SN_{possuído}] \text{ of } [N_{possuidor}]\}$ como a construção preferida (considerando os

valores internos de nossos critérios, explicitamente sinalizados na tabela). A outra medida adicional que devemos observar é o p -valor, que mede a relevância estatística das tendências de estatísticas identificadas. Conforme sugerido pela tabela (e corroborado empiricamente por nossas relações de FE/FO), os falantes de ILA parecem apresentar uma leve tendência convergente com o IL1 para dois dos critérios norteadores em nosso *corpus* (a saber: ANIMACIDADE e STATUS INFORMACIONAL). No entanto, não podemos perder de vista um fato importante: como as frequências brutas demonstraram, a distribuição geral das construções é discrepante (assim como os valores internos de cada variável independente). Esses dois critérios apontam para uma direção convergente com o IL1, mas não apresentam relevância estatística (o valor de p é $>0,05$).

Apesar de sua não relevância estatística, acreditamos não ser prudente descartar esses dois critérios com base apenas em parâmetros estatísticos, pois (i) nossa análise é orientada para a dimensão da frequência e ii) as frequências brutas discrepantes podem mascarar tendências nas correlações entre os critérios norteadores e a variável dependente. Ainda, apesar de seu efeito de enviesamento, não podemos ignorar a frequência como um aspecto primordial da análise linguística baseada no uso (cf. Boyland, 2009). A conclusão mais razoável é: quando temos tendências estatisticamente não relevantes, elas ainda são tendências e precisamos de mais dados para chegar a conclusões mais sólidas. Por exemplo, nossos dados de ANIMACIDADE falam mais sobre referentes animados do que de inanimados (consulte a tabela 4.1).

O mesmo raciocínio acima se aplica ao caso de referentes dados/novos: nossos dados basicamente nos falam sobre referentes dados (consulte a tabela 4.4). Por enquanto, basta dizer que tanto ANIMACIDADE quanto STATUS INFORMACIONAL são distributivamente convergentes com uma pequena margem e isso está alinhado à tendência estatisticamente não relevante identificada em nossa regressão logística binomial para estes dois critérios. Atribuímos esse estado de fatos a discrepâncias de frequência marginal e, com base nisso, apontamos a necessidade de expansão dos dados para ver como essas leves tendências realmente se desdobram (por hora, as reconhecemos como dignas de nota). Em suma, as tendências probabilísticas aqui relatadas para ANIMACIDADE e STATUS INFORMACIONAL convergem com a estreita margem FE/FO para ambos os critérios. Assim, temos uma leve tendência de distribuição que é traduzida, probabilisticamente, em uma inclinação estatística existente, porém não relevante.

No que tange ao TAMANHO, seu valor de p é $<0,05$ e favorece $\{[SN_{possuido}]$ of $[N_{possuidor}]\}$ em relação ao nosso cenário de referentes longos, corroborando nossa hipótese inicial de convergência com EL1. Essa relevância estatística está relacionada à distribuição do empírica do *corpus*: a margem de distância entre FE/FO é a mais alta em relação à comparação com os demais critérios. Essa margem maior entre FE/FO sinaliza uma tendência mais substancial de convergência com o IL1 e essa maior conformidade distribucional é confirmada em termos probabilísticos devido à significância estatística da variável TAMANHO. A relevância deste critério já foi atestada em outros estudos de corpus, tais como o de Röthlisberger & Schneiders (2013). Além disso, é convencionalmente desejável que os limites superior e inferior dos Intervalos de Confiança (IC) sejam ambos > 1 ou < 1 . Em nosso caso, TAMANHO apresenta um IC elevado (com limites superior e inferior > 1). Interpretamos esses ICs como indicativos da confiabilidade estatística de TAMANHO como um preditor estatístico. Por outro lado, os ICs para ANIMACIDADE e STATUS INFORMACIONAL apresentam, em ambos os casos, valores inferiores <1 e superiores >1 , o que inicialmente fala contra sua confiabilidade como preditores estatísticos. Novamente, a frequência pode desempenhar um papel aqui. Portanto, esses números devem ser interpretados com cautela e relacionados ao que a frequência bruta nos mostra no contexto de nossos dados. Para fins de síntese, apresentamos abaixo nossos resultados compilados, tendo como métrica as nossas hipóteses para o ILA em termos da (não) convergência como IL1. Em seguida, apresentamos a distribuição de nossos dados, estabelecendo uma (não) convergência com nossa hipótese. Por fim, os resultados da regressão binomial também são apresentados em termos da mesma (não) convergência (notação em negrito para o critério estatisticamente relevante):

CRITÉRIO NORTEADOR	HIPÓTESE PARA A COMPETIÇÃO EM ILA	DISTRIBUIÇÃO: CONVERGÊNCIA COM HIPÓTESES			REGRESSÃO BINOMIAL
		FB	FR	FE x FO	
animacidade	distribuição nativo-convergente	convergente	convergente	convergente	convergente
status informacional	predominância da pós-nominal (via analogia com SN de SN)	divergente (ambas orientadas para NP's NP)	divergente (orientação de ambas para NP's NP)	convergente	convergente
tamanho	distribuição nativo-convergente	convergente	convergente (com $>$ margem entre as FRs)	convergente (com $>$ margem entre as FEs X FOs)	convergente*

Tabela 4.11 - síntese dos resultados

Em suma, a tabela mostra que todos os preditores favorecem $\{[SN_{possuído}]$ of $[N_{possuidor}]\}$ como escolha provável no seguinte cenário: referentes inanimados, novos e longos (com esse valor interno de TAMANHO apresentando relevância estatística significativa).

4.5 Discussão dos resultados

Mais uma vez, reforçamos a atitude cautelosa em relação aos resultados estatísticos de ANIMACIDADE e STATUS INFORMACIONAL: correlacionados com suas frequências brutas, sua não relevância estatística não deve ser tomada como um sinal categórico para a exclusão das variáveis uma vez que a distribuição de frequência surge como resultado de demandas provenientes do cenário comunicativo (cf. Boyland, 2009). Assim, optamos por observar essas frequências como evidência da ecologia linguística. Em suma: ANIMACIDADE e STATUS INFORMACIONAL não apresentam relevância estatística, mas ser de alguma relevância prática, pelo menos mostrando (i) que os falantes fazem escolhas visando uma adequação comunicativa e (ii) também fornecendo evidências do contexto discursivo geral no qual a produção se desenvolve. Também gostaríamos de enfatizar que as duas análises distintas que realizamos avaliam diferentes dimensões do mesmo fenômeno: enquanto nossa análise distributiva revela a distribuição empírica das construções em nosso *corpus*, a análise probabilística evidencia até que ponto esta distribuição está probabilisticamente relacionada aos nossos critérios norteadores. Ao fim e ao cabo, esses métodos mutuamente complementares mostram resultados gerais na mesma direção. Com base em todo o exposto acima, apresentamos nossa formalização da rede construcional mais iminente para a competição entre as possessivas binominais do ILA:

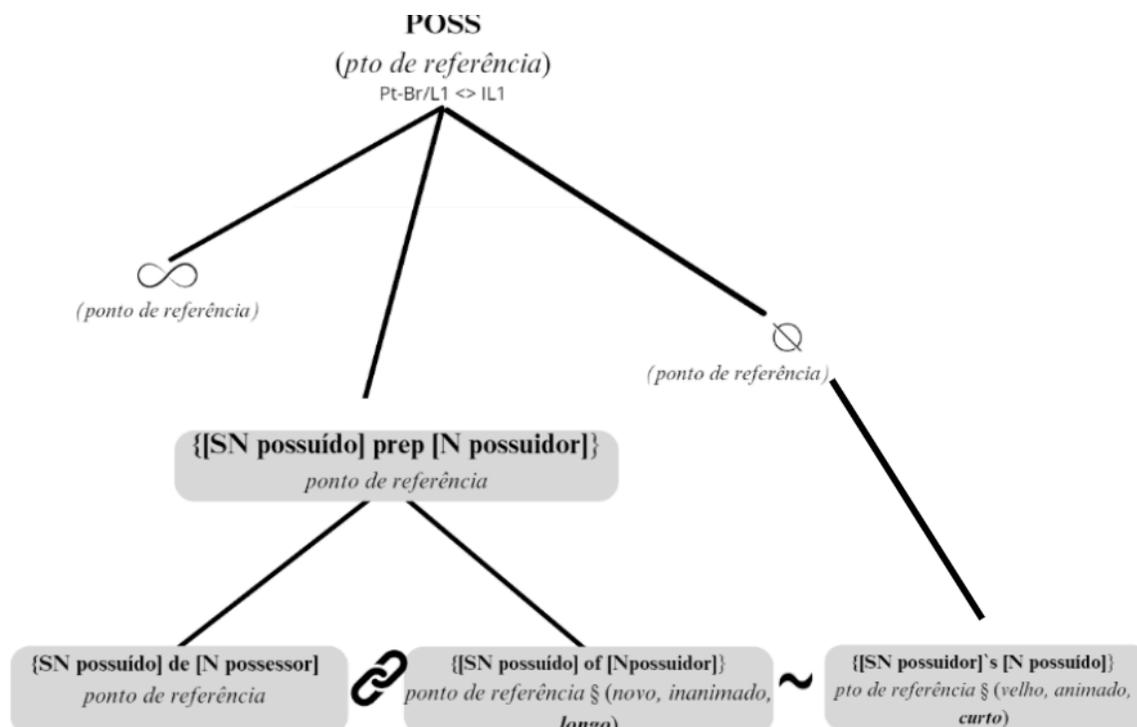


Figura 4.1 - Construções binominais possessivas em competição - constructicon multilíngue (ILA X Pt-Br/L1)

A figura acima formaliza a rede diaconstrucional de acordo com a distribuição dos possessivos binominais encontrados em nosso *corpus*. Além disso, fazemos uma breve referência ao contexto mais amplo da rede que envolve nossas construções possessivas binominais alternadas. De cima para baixo na figura acima, fazemos referência à posse (POSS) como uma noção integradora, abrangendo diferentes unidades simbólicas que são todas candidatas à sua instanciação (cf. Stefanowitsch, 1998; Langacker, 2009). Também nos referimos ao contexto de contato no qual nossa rede emerge (Br-Pt/L1 <> EL1). Além disso, a rede se ramifica em (pelo menos) três direções: no extremidade esquerda, escolhemos o símbolo ∞ para reconhecer visualmente que existem outros nós de construção possessiva que constituem a própria rede (embora não integrem nosso escopo de pesquisa). A ramificação no meio ilustra nossa rede de construção diassistêmica imediata: as generalizações provenientes das dinâmicas associativas de nossa memória (cf. Goldberg, 2019) são formalizadas em um arranjo taxonômico, com uma diaconstrução (em uma camada de representação altamente complexa) e as idioconstruções logo abaixo, armazenando as especificidades contextuais em termos de tendências de escolha. Os valores internos de nossos critérios de orientação que estão preferencialmente associados a uma das idioconstruções em ILA estão entre parênteses e em itálico. Os valores internos de

TAMANHO, que são estatisticamente relevantes, também foram marcados em negrito. Da mesma forma, temos um símbolo de *link* entre os pós-nominais EAL e Br-Pt/L1. Esse símbolo () sinaliza a associação interlingual que os falantes estabelecem entre essas duas construções (cf. Hilpert, 2019). O possessivo pré-nominal, por outro lado, é interpretado como uma construção idiomática sem associação com uma generalização diassistêmica, já que não há, para ele, equivalente formal direto para ele em Br-Pt/L1. A não equivalência em um nível diaconstrucional é ilustrada por meio do símbolo . Outrossim,  expressa a competição entre as construções pós-nominal e pré-nominal do ILA no nível idioconstrucional (que é taxonomicamente mais baixo).

Em suma, a competição entre {[SN_{possuidor}] `s [N_{possuído}]} e {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} permanece preservada em termos de suas tendências gerais. Além disso, na mesma figura, representamos {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]} em uma posição adjacente. A possível reconfiguração desta última construção via contato linguístico não faz parte do escopo desta pesquisa. Por esse motivo, nossa formalização limita-se a reconhecer a sua presença na rede, o que possibilita uma associação diassistêmica direta com {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, via analogia enquanto construto teórico *default*.

Conforme antecipado, o nível mais alto de nossa rede imediata binominal, aquele logo acima das construções específicas do idioma, apresenta uma diaconstrução completamente esquemática que emerge de generalizações de forma e sentido provenientes da similaridade entre exemplares de ambos os sistemas linguísticos em questão. Logo abaixo dessa representação mais alta, as idioconstruções estão preenchidas com material linguístico (as preposições) do sistema específico ao qual pertencem. A postulação dessa unidade diaconstrucional é apoiada por (i) o *modus operandi* associativo (cf. Goldberg, 2019), bem como (ii) pela semelhança formal e semântica entre {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} e [SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]}.

Vale ressaltar que a dinâmica do ponto de referência também opera como estrutura cognitiva subjacente para a conceitualização da posse. Esse mapeamento ocorre nas mesmas bases cognitivas organizadoras da L1 (destacamos os processos de analogia e categorização). Outrossim, em contexto de contato linguístico e para a GCD, a analogia é sinônimo de associação interlíngua (cf. Hilpert, 2014; Höder, Prentice & Tingsell, 2020). Assim, via associação interlingual, postulamos a diaconstrução totalmente esquemática acima.

Como um modelo baseado no uso, a DCG postula que o *constructicon* emerge do uso. A associação entre uso e representação linguística pode ser melhor compreendida por meio do modelo de exemplares (cf. Bybee, 2010; Goldberg, 2019). "Traços parciais de memória" são agrupados por similaridade em nosso *locus* cognitivo e as categorias (linguísticas) emergem deste agrupamento (Goldberg, 2019, p. 19). O mesmo raciocínio teórico pode ser aplicado ao surgimento do *constructicon* multilíngue, com a observação de que as representações pré-existentes da L1 podem desempenhar um papel ora favorecedor ora inibidor do aprendizado de línguas adicionais (cf. Freitas Jr et al, 2021). Explica-se: quando os falantes aprendem uma nova língua após terem seu conhecimento cognitivo da L1 estabelecido, o processo é influenciado por esse apelo cognitivo da L1. Os falantes não apenas mapeiam semelhanças entre os exemplares da língua-alvo, mas também identificam eventuais semelhanças entre suas representações pré-existentes da L1 e a língua que está sendo aprendida, construindo interseções simbólicas interlinguísticas, conforme ilustrado visualmente por Freitas Jr. et al (2021):

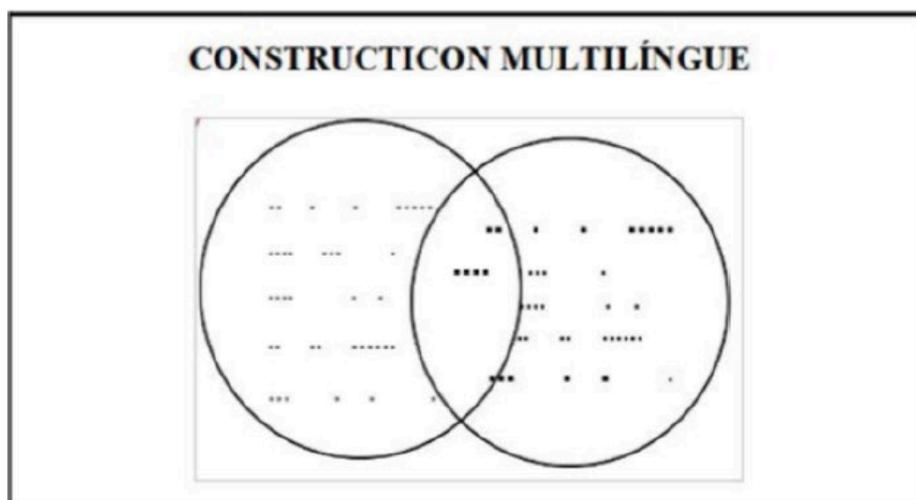


Figura 4.2 - Representação do *constructicon* multilíngue (Freitas Jr. et al, 2021, p. 12)

Assim sendo, algumas convenções podem ser violadas, pois os falantes fazem uso de formulações não canônicas na LA em questão devido à sua sensibilidade não estatística à adequação do contexto (devido a generalizações excessivas provenientes da L1) (cf. Goldberg, 2019). Os falantes são, em suma, confrontados com a tarefa de inibir o apelo cognitivo de sua L1

(Freitas Jr. et al, 2021, Matras, 2009) quando esse apelo é um obstáculo. No que diz respeito às nossas previsões hipotéticas, o que esperávamos era uma série de supergeneralizações decorrentes da interferência de {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]} na competição binominal possessiva em ILA comparativamente às preferências encontradas em contextos de EL1. No entanto, temos uma série de generalizações discursivamente apropriadas e convergentes com EL1.

Todavia, não é possível afirmar categoricamente que o Pt-Br/L1 não exerce alguma pressão sobre a competição entre as possessivas binominais em IL1. De fato, nossos dados não mostraram uma inclinação distribucional não canônica na direção de {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]}, via analogia formal com {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]}.

Outro aspecto desta pós-nominal do Pt-Br/L1 pode estar em jogo: o Pt-Br/L1 tem apenas uma construção binominal para expressar significados possessivos que podem ser instanciados em Inglês por duas construções binominais alternadas (cf. Lisboa, 2019). Assim, a competição binominal possessiva do ILA não tem uma estrutura diretamente análoga em Pt-Br/L1 (e isso pode dificultar a escolha construcional em ILA). Matras (2009, p. 308) explica essa ideia: "falantes multilíngues se tornam experientes em separar rotinas de comunicação" (o que é sinalizado por nossa análise distribucional e probabilística). Assim, eles representam "subcomponentes de seu repertório linguístico geral". Contudo, "esse repertório permanece ativo o tempo todo". Os falantes, então, "devem suprimir ou inibir a ativação" de elementos desse repertório (Matras, 2009, p. 308) (o que pode também ser outra razão subjacente à não relevância estatística de dois de nossos três critérios). Em outras palavras, essa falta de competição pode ser um fator importante em termos de interferência linguística, encurtando as margens entre FE/FO para níveis que, embora convergentes com o IL1, beiram a aleatoriedade. Assim o é em razão da não familiaridade dos falantes de ILA com uma dinâmica de competição análoga em sua L1.

Assim, em termos diaconstrucionais, isto pode indicar que as representações da L1 estão sendo ativadas, uma vez que o conhecimento linguístico é um repertório integrado. Da mesma forma, os argumentos apresentados acima encontram apoio em nossos resultados probabilísticos, que convergem com os distribucionais. Em suma, as citações acima nos fornecem ferramentas teóricas para analisar a curta margem entre FE/FO tanto para ANIMACIDADE quanto para STATUS INFORMACIONAL. Acreditamos que o critério TAMANHO é diferente neste sentido em razão da tendência linguística geral de peso final em IL1 (que coloca informações mais

pesadas na extremidade esquerda de nossos enunciados e para qual os falantes de ILA parecem estar atentos).

Qual é, todavia, a vantagem de postularmos uma diaconstrução? Em primeiro lugar, é o link diaconstrucional que garante, no nível da teoria, a compatibilidade de nossa análise com a ideia de um *constructicon* multilíngue. Semelhantemente, esse nível mais alto de complexidade de representação garante conveniência de representação. Explica-se: Hoffmann (2022, p. 11) argumenta que as redes taxonômicas "são uma maneira conveniente de armazenar informações". Como a Gramática de Construções Diassistêmica é um modelo gramatical afiliado à família da Gramática de Construções Baseada no Uso, ele herda os princípios gerais da abordagem (cf. Höder, 2014; Pinheiro, Silva & Freitas Jr., 2023). Assim, a conclusão iminente é que o *constructicon* multilíngue é uma rede taxonômica e, conseqüentemente, as diaconstruções são unidades representacionais mais altas que armazenam convenientemente informações de sistemas em contato (cf. Höder, Prentice & Tingsell, 2020). Em outras palavras, algumas informações de forma e significado - mais especificamente aquelas compartilhadas entre as construções dos dois sistemas - podem ser representadas uma vez, no nó diaconstrucional (cf. Höder, 2014). Embora a economia de representação não seja um compromisso sumário da teoria (que não rejeita representações redundantes), essa conveniência é bem-vinda sempre que for possível argumentar a favor dela.

Da mesma forma, a capacidade da nossa memória de representar informações em níveis cada vez mais altos de complexidade não resulta necessariamente no apagamento das especificidades em representações taxonomicamente inferiores (cf. Goldberg, 2019; Hoffmann, 2022); ou seja: o falante pode simbolizar categorias, ou construções, por meio da similaridade, mantendo, em níveis mais baixos de representação, as peculiaridades formais e discursivo-pragmáticas das unidades simbólicas idioconstrucionais. Os dados de nossa pesquisa sugerem uma conclusão nesse sentido: como, apesar das associações interlinguísticas, o mapeamento construcional dos falantes de ILA ocorre de forma nativo-convergente, esses falantes parecem representar tais especificidades nas idioconstruções. Em suma, os falantes de ILA generalizam as semelhanças preservando, ao mesmo tempo, a adequação ao contexto. Esse mapeamento contextual adequado é evidenciado empiricamente por nossos dados enquanto tendências estatisticamente (não) relevantes. Da mesma forma, os falantes de ILA também ajustam, de modo bem sucedido, a escolha construcional à língua em uso (o que também é uma

evidência de mapeamento construcional adequado). É justamente devido a essa possibilidade teórica de identificação de similaridades, aliada à adequação contextual, que encontramos espaço tanto para generalizações quanto para especificidades representadas em diferentes níveis taxonômicos.

Por esse motivo, as unidades linguísticas específicas representadas na figura 4.10 recebem *status* de (idio)construções: é em seu *locus* representacional que as informações contextuais são armazenadas. As possessivas pós-nominais em Br-Pt/L1 e ILA, dada a sua maior semelhança, são idioconstruções associadas ao nível superior logo acima por meio de um *link* diaconstrucional. É importante observar que a construção pré-nominal também se relaciona com as outras duas idioconstruções de nosso *constructicon* multilíngue: ela está em competição direta com {[SN_{possuído}] of [N_{possuidor}]} e, semelhantemente, compartilha propriedades discursivas análogas não só com esta possessiva binominal mas também com {[SN_{possuído}] de [N_{possuidor}]}.

Em resumo, a rede das possessivas binominais é configurada da seguinte forma: por meio do mesmo aparato cognitivo que simbolizou a L1, o *constructicon* dos falantes de ILA é reconfigurado para abranger uma realidade de contato linguístico. Especificamente, temos i) duas idioconstruções pós-nominais, integradas, por associação interlingual, a uma unidade multilíngue taxonomicamente superior e ii) uma idioconstrução pré-nominal específica do Inglês, sem equivalente formal direto em Português mas análoga às idioconstruções pós-nominais em termos das relações semântico-conceituais que evoca.

Novamente, todas essas informações fazem parte de uma única *constructicon* que engloba tanto especificidades quanto generalizações linguísticas. Assim, a rede multilíngue abrange todo o repertório linguístico dos falantes (cf. Hilpert, 2019; Höder, Prentice & Tingsell, 2020). É essencial perceber que, como esse repertório é representado de forma integrada/não modular e suas unidades são usadas situacionalmente, os sistemas linguísticos podem ser interpretados como recortes do construto multilíngue (ou de todo o repertório multilíngue). Esses recortes são motivados pelo mapeamento entre a demanda discursiva e a estrutura linguística, uma vez que os falantes usam a construção correta no fluxo discursivo do sistema linguístico em uso. Portanto, esses sistemas emergem mais como adaptações às convenções de uma determinada comunidade de fala do que como representações cognitivas mutuamente independentes (cf. Matras, 2009, p. 308; Höder, Prentice & Tingsell, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS :

Nossos dados apontam para a coexistência de pressões de generalização e de especificação. Todas estas pressões operam simultaneamente de forma complexa, moldando as representações linguísticas em uma dinâmica colaborativa (e não mutuamente excludente). A presente pesquisa é uma demonstração interessante do potencial explicativo dos modelos construcionais baseados no uso. Seus pressupostos teóricos subjacentes podem explicar a totalidade do conhecimento (multilíngue) do falante (do qual a competição tratada aqui faz parte), abrindo caminhos cada vez mais frutíferos de investigação gramatical e fornecendo recursos valiosos, não apenas para a interpretação de dados linguísticos, mas também para o refinamento de propostas pedagógicas em busca de maior convergência com o *modus operandi* de nossa mente.

REFERÊNCIAS

Akinlotan, M. Genitive alternation in New Englishes: The case of Nigerian English. *TOKEN: A Journal of English Linguistics*, v. 1, p. 72-92, 2016

Azazil, L; Frequency effects in L2 Acquisition of the catenative verb construction - evidence from experimental and corpus data. *Cognitive Linguistics*, v. 31, n.v3 , p. 417-451, 2020. DOI: 10.1515/cog-2018-0139 Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/cog-2018-0139/html>. Acesso em: 20 fev 2023

Barlow, M., & Kemmer, S. *Introduction: a usage-based conception of language*. In M. Barlow & S. Kemmer (Eds.), *Usage based models of language* (pp. 7-25). Stanford: CSLI Publications, 2000

Biber, D., Johansson, S., Leech, G., Conrad, S., & Finegan, E. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow: Pearson Education Limited, 1999

Boyland, J. T. *Usage-based Models of Language*. In D. Eddington (Ed.), *Quantitative and Experimental Linguistics* (pp. 351-419). Munique: Lincom-Verlag, 2009.

Buchanan, M. *Nexus: Small Words and the Groundbreaking Science of Networks*. 1. Ed. New York: WW Norton & Company, 2002.

Bybbee, J. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Bybbee, J.; Hopper, P. Introduction to Frequency and the Emergence of Linguistic Structure. In: Bybbee, J.; Hopper, P. (orgs.). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Filadélfia: John Benjamins, 2001 . p. 2-26

Bybee, J. *Frequency of Use and the Organization of Language*. New York: Oxford University Press, 2007.

Bybee, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Celce-Murcia, M., Larsen-Freeman, D., & Williams, H. A.. *The Grammar Book: An ESL/EFL Teacher's Course*. Heinle & Heinle, 1999

Croft, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

Da Silva, L. G. *Compilation of a Brazilian academic written English corpus*. *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, 8(2), 2017.

Deane, P. *English Possessives, Topicality, and the Silverstein Hierarchy*. In *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* (pp. 65-76), 1987.

Diessel, H.; *The Acquisition of Complex Sentences*. Cambridge University Press, 2009. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/acquisition-of-complex-sentences/dynamic-network-model-of-grammatical-constructions/2CBC71CD1D3DFF5D94FE390B66664EBD>. Acesso em: 01 fev. 2022

Diessel, H; Hilpert, M. Frequency effects in grammar. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, Nova York, p.1 - 30, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199384655.013.120> Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303540830_Frequency_effects_in_grammar. Acesso em: 4 set 2022.

Diessel, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

Dixon, R. M. W. *Ergativity*. *Language*, 55(1), 59-138, 1979.

Flowerdew, L. *The argument for using English specialized corpora to understand academic and professional language*. In U. Connor & T. A. Upton (Eds.), *Discourse in the Professions: Perspectives from corpus linguistics* (pp. 11-33). John Benjamins, 2004.

Francis, E. Two Perspectives on the Grammar of Possession. *Language Sciences*, v. 22, n. 1, p. 87-107, jan. 2000.

Freitas Jr, R., Soares, L. A. A, Nascimento, J. P. S., SILVEIRA, V. L. S. *A Gramática de Construções Diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso*. *Revista de Estudos da Linguagem*, 30(2), 606-634, 2021. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.4.606-634>

Furtado da Cunha, M. A. *Funcionalismo(s) em Linguística: interface(s) entre morfossintaxe, semântica e pragmática na descrição e análise de língua(s)*. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 24(2), 1-28, 2008

Furtado da Cunha, M. A., Silva, J. R., & Bispo, E. *O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais*. *Revista Linguística*, volume especial, 55-67, 2016. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5438>

Goldberg, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

Goldberg, A. E. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences*, 7(5), 219–224, 2003. [https://doi.org/10.1016/s1364-6613\(03\)00080-9](https://doi.org/10.1016/s1364-6613(03)00080-9)

Goldberg, A. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268511.001.0001>

Goldberg, A. E. *Explain Me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2019.

Gonzales-García, F., & Butler, C. *Mapping Functional-Cognitive Space*. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, 4, 39-95, 2006. <https://doi.org/10.1075/arcl.4>

Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M.. *An Introduction to Functional Grammar*. Routledge, 2014.

Hammarberg, B.; Koptjevskaja-Tamm, M. Adnominal Possession: Combining Typological and Second Language Perspectives. In: Ramat, Anna, ed. *Typology and Second Language Acquisition*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2002, pp. [125-1801](#)

Heine, B. *Possession: cognitive sources, forces and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

Hilpert, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

Hilpert, M. *Construction Grammar and Its Application to English*. 2. ed. Edinburg: Edinburgh University Press, 2019.

Höder, S. *Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures*. In K. B & C. Gabriel (Eds.), *Multilingual Individuals and Multilingual Societies* (pp. 241-258). Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2012.

Höder, S. *Constructing diasystems: Grammatical organisation in bilingual groups*. In *Studies in language companion series* (pp. 137–152), 2014a. <https://doi.org/10.1075/slcs.154.07hod>

Höder, S., Prentice, J., & Tingsell, S. Additional language Acquisition as emerging multilingualism. A Construction Grammar Approach. In H. C. B & S. Höder (Eds.), *Constructions in Contact 2. Language change, multilingual practices, and additional language acquisition (Constructional Approaches to Language)*. Amsterdam/ Filadélfia: Benjamins, 2020

Hoffmann, T. *Construction Grammars: The structure of English*. In B. Dancygier (Ed.), *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics* (pp. 1-22). Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

Hoffmann, T. *Construction Grammar: The Structure of English*. Nova York: Cambridge University Press, 2022

Holme, R. Emergentism, Connectionism and Complexity. In: HERSCHENSOHN, J.; YOUNG-SCHOLTEN, M.(org.). *The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition*. Nova York:: Cambridge University Press, 2013. p. 605-626. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/cambridge-handbook-of-second-language-acquisition/emergentism-connectionism-and-complexity/A13A9112E1F2F38DF7A89847F9B1AAAB#access-block>. Acesso em: 12 Jun, 2022.

Hopper, P. Emergent grammar. In: BLS. v. 13, p. 139-157, 1987

Ibbotson, P. The scope of usage-based theory. *Frontiers in Psychology*, 4, 255, 2013. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00255>.

Langacker, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar. Volume I: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987

Langacker, R. W. Possession and possessive constructions. In J. R. Taylor & M. E, 1995.

Langacker, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

Langacker, R. W. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin: Mouton de Grutyer, 2009

Lisboa Jr, J. L. F. O genitivo de posse em português: um exercício de análise em semântica cognitiva. *Revista Linguística*, 15(2), 178-199, 2019. <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n2a21413>

MacLaury, R. E. (Eds.), *Language and the Cognitive Construal of the World* (pp. 51-79). Berlin; Nova York: Mouton De Grutyer, 1995.

Matras, Y. *Language Contact*. Cambridge University Press, 2009

Monakhov, S. English and Russian Genitive Alternations: A Study in Construction Typology. *Russian Journal of Linguistics*, 24(1), 96-116, 2020 <https://doi.org/10.22363/2687-0088-2020-24-1-96-116>.

Nikiforidou, K. The meanings of the genitive: A case study in semantic structure and semantic change. *Cognitive Linguistics*, 2(2), 149-206, 1991.

Oliveira, M. R.; Lopes, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista Odisseia*, v. 4, n. Esp., p. 22 - 40, 22 nov. 2019. Disponível em: [Pinheiro, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *In Linguística Cognitiva: da Linguagem aos Bastidores da Mente* \(pp. 31-37\). Campos: Brasil Multicultural, 2016](https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/17787#:~:text=A%20Lingu%C3%ADstica%20Funcional%20Centrada%20no,%20e%20Hilpert%20(2014. Acesso em: 01 jan. 2022. DOI 10.21680/1983-2435.2019v4nEsp.ID17787</p>
</div>
<div data-bbox=)

Pinheiro, D.; Alonso, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou. *Revista Linguística*, v.14, n.1, p. 6-29, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n1a18644> Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/rl/article/view/18644>. Acesso em: 10 de Maio 2022 .

Pinheiro, D., Silva, A., & Freitas Jr., R. Gramática de Construções Baseada no Uso. *Soletras*, 45, 1-15. 2023. <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.75349>.

Quirk, R., Greenbaum, S., Leech, G., & Svartvik, J. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. Longman, 1985.

Reppen, R. Building a Corpus: What are the Key Considerations? In A. O'Keeffe & M. McCarthy (Eds.), *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics* (pp. 31-37). Nova York: Routledge, 2010

Rosário, I. C.; Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M.R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs). *Linguística Centrada no Uso: teoria e método* subtítulo. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 36-50.

Rosemeyer, M; Enrique-Arias, A; A match made in heaven: using parallel corpora and multinomial logistic regression to analyze the expression of possession in Old Spanish. *Language Variation and Change*, v. 28, p.307 - 334, 2016. DOI: 10.1017/S0954394516000120 Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/match-made-in-heaven-using-parallel-corpora-and-multinomial-logistic-regression-to-analyze-the-expression-of-possession-in-old-spanish/C0F430DD3AABC57A2663CAFA702D3AE7>. Acesso em: 28 fev 2023 .

Rosenbach, A. Constraints in contact: Animacy in English and Afrikaans genitive variation - a crosslinguistic perspective. *Glossa: A Journal of General Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 72-92, 2017.

Röthlisberger, M., & Schneider, G. Of-genitive versus s-genitive: A corpus-based analysis of possessive constructions in 20th-century English. *Journal of Historical Linguistics*, 3(2), 192-229. <https://doi.org/10.1075/jhl.3.2.02rot>, 2013

Savedra, M.; Christino, B.; SPINASSÉ, K; ARAUJO, S. *Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate*. Cadernos de Linguística, v. 2, n. 1, p. 01-28, 2021

Selinker, L.. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, v. 10, n. 1-4, p. 209-241, 1972.

Silva, T.M.; Freitas Jr., R.; ALONSO, K.S.B. O Contato Linguístico e a Gramática de Construções Diassistêmica como modelo afiliado à Gramática de Construções Baseada no Uso. In: Freitas Jr., R. Gramática de Construções Diassistêmica: Discussões Teóricas e Aplicadas, 2004. Ainda no prelo

Stefanowitsch, A. *Possession and partition: the two genitives of English*, 1998.

Stefanowitsch, A. *Corpus linguistics: A guide to the methodology*. Language Science Press, 2020.

Taylor, J. R. Possessive genitives in English. *Linguistics*, 27, 663-686. <https://doi.org/10.1515/ling.1989.27.4.663>, 1989

Taylor, J.R. Possessives in English. Oxford: Oxford University, Press 1996.

Traugott, E. C., & Trousdale, G. Constructionalization and Constructional Changes. *Oxford Studies in Diachronic and Historical Linguistics*. Oxford, 2013; online edn, Oxford Academic, 23 Jan. 2014), 5, accessed 17 Jan. 2024

Tomasello, M. Do young children have adult syntactic competence? *Cognition*, v. 74, p.209 - 253, 2000. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0010-0277\(99\)00069-4](https://doi.org/10.1016/S0010-0277(99)00069-4) Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0010027799000694#:~:text=The%20focus%20on%20younger%20children,should%20possess%20much%20syntactic%20competence.> Acesso em: 05 Jan 2023 .

Tomasello, M. *Constructing a Language. A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

Yule, G. *Explaining English grammar*. Oxford University Press, 1998.